

ANAIS DO CADERNO DE RESUMOS

XXIII Semana de Filosofia: *A Filosofia e a Crise da Verdade*

I Seminário de Pesquisa do PROF-FILO UFMA
Filosofia e Crise: ensino, escola, currículo

www.semanafiloufma.k6.com.br

12 a 14
novembro 2019

Centro de Ciências
Humanas - UFMA

Realização



Apoio



CAFIL-UFMA



Organizadores

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha – UFMA
Profa. Dra. Maria Olília Serra – UFMA
Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho – UFMA

ANAIIS DO CADERNO DE RESUMOS DA XXIII SEMANA DE FILOSOFIA: A FILOSOFIA E A CRISE DA VERDADE E DO I SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROF-FILO UFMA – FILOSOFIA E CRISE: ENSINO, ESCOLA, CURRÍCULO

ISSN – 1982-1808

São Luís



EDUFMA

Anais do Caderno de Resumos da XXIII Semana de Filosofia: a filosofia e a crise da verdade e do I Seminário de Pesquisa do PROF-FILO UFMA – Filosofia e Crise: ensino, escola, currículo

ORGANIZADORES

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha – UFMA
Profa. Dra. Maria Olívia Serra – UFMA
Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho – UFMA

Copyright © 2019 by EDUFMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Natalino Saldo Filho
Reitor

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Sanatíel de Jesus Pereira
Diretor

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Esnel José Fagundes
Profa. Dra. Inez Maria Leite da Silva
Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha
Profa. Dra. Andréa Dias Neves Lago
Profa. Dra. Francisca das Chagas Silva Lima
Bibliotecária Tatiana Cotrim Serra Freire
Prof. Me. Cristiano Leonardo de Alan Kardec Capovilla Luz
Prof. Dr. Jardel Oliveira Santos
Profa. Dra. Michele Goulart Massuchin
Prof. Dr. Ítalo Domingos Santirocchi

REVISÃO

Luciano da Silva Façanha

PROJETO GRÁFICO

Sansão Hortegal Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Anais do Caderno de Resumos da XXIII Semana de Filosofia: a filosofia e a crise da verdade e do I Seminário de Pesquisa do PROF-FILO UFMA – Filosofia e Crise: ensino, escola, currículo

(11: 2019, São Luís – MA)

Caderno de Resumos da XXIII Semana de Filosofia: a filosofia e a crise da verdade e do I Seminário de Pesquisa do PROF-FILO UFMA – Filosofia e Crise: ensino, escola, currículo, São Luís, 2018 / Luciano da Silva Façanha, Maria Olívia Serra e Zilmara de Jesus Viana de Carvalho (editores e organizadores)

São Luís, MA: UFMA, 2019.

139 p. ISSN 1982-1808

1. Filosofia. 2. Crise. 3. Verdade. 4. Ensino. 5. Escola. 6. Currículo. 7 Façanha, Luciano da Silva. 8. Serra, Maria Olívia. 9. Carvalho, Zilmara de Jesus Viana.

Anais do Caderno de Resumos da XXIII Semana de Filosofia: a filosofia e a crise da verdade e do I Seminário de Pesquisa do PROF-FILO UFMA – Filosofia e Crise: ensino, escola, currículo

ORGANIZADORES

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha – UFMA
Profa. Dra. Maria Olília Serra – UFMA
Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho – UFMA

COORDENAÇÃO GERAL

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha – UFMA
Profa. Dra. Maria Olília Serra – UFMA
Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho – UFMA

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Ederson Safra Melo – UFMA
Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite – UFMA
Prof. Dr. Luís Inácio Oliveira Costa – UFMA
Prof. Dr. Márcio Kléos Freire – UFMA
Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle – UFMA
Prof. Dr. Sidnei Francisco do Nascimento – UFMA
Profa. Dra. Rita de Cássia Oliveira
Profa. Dra. Marly Cutrim de Menezes – UFMA

COMISSÃO ORGANIZADORA PROF-FILO

Prof. Dr. Alexandre Jordão Baptista – UFMA
Prof. Dr. Almir Ferreira da Silva Junior - UFMA
Prof. Dr. Acildo Leite da Silva - UFMA

COMISSÃO DISCENTE DE APOIO:

Adryele Almeida Costa – UFMA
Bruno Boguea Lima – UFMA
Elayne de Araujo Pereira – Curso de Filosofia – UFMA
Evilásio Barbosa da Silva- Curso de Filosofia – UFMA
Fabrício José Pinheiro Coimbra – UFMA
Gabriel Antonio da Silva Campelo – Curso de Filosofia – UFMA
Hiago Christian Cordeiro – Curso de Filosofia – UFMA
Irlene Veruska Batista da Silva – UFMA
Jaime do Nascimento – Curso de Filosofia - UFMA
Jéssica Caroline Ramos Corrêa – Curso de Filosofia - UFMA
Karoliny Costa Silva – UFMA
Matheus Costa e Costa – UFMA
Patrício Sândalo de Rezende – Curso de Filosofia – UFMA
Rafaella Gomes – UFMA

COMISSÃO CIENTÍFICA

Profa. Dra. Maria Constança Peres Pissarra – (PUC/SP)
Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle – (UFMA)
Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho – (UFMA)

PESSOAL TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

Fabio de Jesus Martins Freire
Joselle Maria Couto e Lima
Márcio Júnior Montelo Tavares



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
DA REPÚBLICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DA OBRA DE PLATÃO EM MARCO TÚLIO CÍCERO.....	17
LINGUAGEM E PODER: A QUESTÃO POLÍTICA DA VERDADE EM RICHARD RORTY	18
FILOSOFIA E LITERATURA: UM OLHAR ROUSSONIANO A PARTIR DOS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR	19
VERDADE COMO VIOLÊNCIA	20
ENTENDIMENTO COMO EXPERIÊNCIA FORMAL.....	21
A FRAGILIDADE DA VERDADE FATUAL.....	22
CETICISMO E VERDADE EM ROUSSEAU: CRÍTICA À UNIVERSALIDADE ILUMINISTA	23
MITO E VERDADE NA <i>REPÚBLICA</i> DE PLATÃO	24
A TRÍADE “BELEZA-PERFEIÇÃO-VERDADE”: A NOÇÃO DE VERDADE PARA O BELO DE PLATÃO.....	25
PARADOXOS SEMÂNTICOS: UMA BREVE INTRODUÇÃO.....	26
UMA ANÁLISE SOBRE A EDUCAÇÃO CONTRA BARBÁRIE E A EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO DE THEODOR W. ADORNO	27
A PIEDADE NO ESTADO DE NATUREZA EM ROUSSEAU.....	28
BIOPOLÍTICA: INVESTIGAÇÃO SOBRE A CONCEPÇÃO DO PODER EM MICHEL FOUCAULT	29
VERDADE E CONCEPÇÃO NORMATIVA DA LINGUAGEM NO JOVEM NIETZSCHE	30
AS IMPLICAÇÕES MORAIS DA MENTIRA NA FILOSOFIA KANTIANA	31
O TEATRO COMO REFORÇO DO DILACERAMENTO DO CORPO SOCIAL SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU	32
BREVE PERCURSO DO CONCEITO DE FILOSOFIA DA PSICANALISE NO BRASIL ...	33
VERDADE E CONTRADIÇÃO: A RETOMADA DE ARISTÓTELES NA FILOSOFIA DA LÓGICA CONTEMPORÂNEA	34
DESACORDO, VERDADE E PÓS-VERDADE: UMA LEITURA A PARTIR DA EPISTEMOLOGIA CONTEMPORÂNEA	35



O ENSINO DE FILOSOFIA À LUZ DO PENSAMENTO DE EDITH STEIN: UM RELATO DA PRÁTICA DE OFICINAS FILOSÓFICAS NA UEB MARIA ROCHA – SÃO LUÍS	36
COMO A PAIXÃO DERIVA DOS TIPOS DE CONHECIMENTO PARA ESPINOSA NO LIVRO O BREVE TRATADO DE DEUS, DO HOMEM E DO SEU BEM ESTAR	37
SOBRE A ESTÉTICA DE SCHILLER: UM CAMINHAR PELO ESTÉTICO PARA RESOLVER OS PROBLEMAS POLÍTICOS.....	38
FILOSOFIA PARA CRINAÇAS: INCLUSÃO DA PROPOSTA NO CURRÍCULO DOS ANOS INICIAIS.....	40
UMA VISÃO RORTYANA DA VERDADE	41
O ENSINO DE FILOSOFIA: UMA ANÁLISE DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA A PARTIR DA TERTÚLIA DIALÓGICA NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL ALMIRANTE TAMANDARÉ	42
A TRAJETÓRIA DA FILOSOFIA NO ENSINO: RAZÕES QUE DEFENDEM SUA PERMANÊNCIA NO ENSINO MÉDIO.....	43
TEMPO E NARRATIVA: UM PERCURSO NA HERMENÊUTICA DE RICOUER	44
A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: UMA DISCIPLINA NECESSÁRIA	45
O SENTIMENTO TRÁGICO DE UMA ESPANHA INVERTEBRADA: OS IMPASSASES DA MODERNIDADE ESPANHOLA SEGUNDO GASSET E UNAMUNO	46
CÁLCULO PROPOSICIONAL E LÓGICA DE PRIMEIRA ORDEM: ENCONTRO DA FILOSOFIA COM A MATEMÁTICA NO ENSINO MÉDIO	47
IDENTIDADE E IGUALDADE EM RANCIÈRE.....	48
O ESTADO DE EXCEÇÃO AGAMBENIANO EM RUBIÃO: ENTRELAÇOS ENTRE LITERATURA E DIREITO	49
KANT E A CRÍTICA À METAFÍSICA DOGMÁTICA E AOS SEUS DEVANEIOS	50
A POSTURA RORTYANA DIANTE DE VERDADES (ABSOLUTAS) EM TEMPO DE NOTÍCIAS FALSAS (<i>FAKE NEWS</i>)	51
UM HISTORIADOR LENDO PAUL RICOEUR: OBJETIVIDADE INCOMPLETA E INTERSUBJETIVIDADE NA COMPOSIÇÃO DA VERDADE HISTÓRICA	52
A VERDADE SOBRE A “VERDADE”: UMA ABORDAGEM NEOPRAGMATISTA A PARTIR DE RORTY	53
BERTRAND RUSSELL OU A VIRTUDE DO CÉTICISMO.....	54



DESCARTES E A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO FILOSÓFICO DA MODERNIDADE: DA VERDADE SEM SUJEITO AO SUJEITO DA VERDADE.	55
O ESPETÁCULO DO APARECER: UMA LEITURA FILOSÓFICA SOBRE O TEATRO A PARTIR DO FILÓSOFO ROUSSEAU.....	56
KANT E A VERDADE POR DEVER	57
APONTAMENTOS ACERCA DAS QUESTÕES LÓGICAS E METAFÍSICAS NA RELAÇÃO ENTRE INFINITO E FINITO NA OBRA <i>DIFERENÇA ENTRE OS SISTEMAS FILOSÓFICOS DE FICHTE E SCHELLING</i> , DE HEGEL.	58
O PROBLEMA DA VERDADE E A POLÊMICA KIERKEGAARD-HEGEL.....	59
AS POSSIBILIDADES DO CONHECIMENTO DA VERDADE NO PENSAMENTO DE SANTO AGOSTINHO	61
O ENSINO DE FILOSOFIA COMO PRÁXIS EDUCATIVA NA FORMAÇÃO DA AUTONOMIA DOS DISCENTES.....	62
SPINOZA E O SUICÍDIO: SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DE DESEJAR MATAR A SI MESMO.	63
O PROJETO DO FILÓSOFO COMO MÉDICO DA CIVILIZAÇÃO, COM BASE EM NIETZSCHE.....	64
METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE PALMEIRÂNDIA	65
OS PRECONCEITOS E A VERDADE SEGUNDO KANT	66
RAZÃO E CETICISMO: UMA PERSPECTIVA MONTAIGNIANA.....	67
A VERDADE NO JOVEM NIETZSCHE: A SABEDORIA DE SILENO E A LINGUAGEM	68
ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS: A VERDADE DA ESCRITA ÍNTIMA EM ROUSSEAU	70
HERMENÊUTICA E NIILISMO: O EFEITO FRIEDRICH NIETZSCHE	71
CONSIDERAÇÕES ARISTOTÉLICAS SOBRE ENSINAR FILOSOFIA	72
A FILOSOFIA ENQUANTO DISCIPLINA CURRICULAR NO ENSINO MÉDIO: A EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA E O ENSINO-APRENDIZAGEM EM FILOSOFIA.....	73
ELEMENTOS SENTIMENTAIS DA ESTRUTURA CORONELÍSTICA NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS BRASILEIRAS: DIÁLOGOS ENTRE BOURDIEU E WEBER	74



NIETZSCHE E SÓCRATES: A MORTE DA TRAGÉDIA E A CRISE DA VERDADE DIONISÍACA	76
PERSPECTIVA HEIDEGGERIANA DE ENSINAR FILOSOFIA.....	77
RECONHECIMENTO E DOCÊNCIA: UM DIÁLOGO ENTRE PAUL RICOEUR E ANTÓNIO NÓVOA SOBRE A REFLEXÃO FORMATIVA IDENTITÁRIA NOS LICENCIADOS EM FILOSOFIA	78
PERCEPÇÕES E CONCEITOS DE PAIXÕES NA OBRA AS PAIXÕES DA ALMA DE RENÉ DESCARTES.....	79
JÜRGEN HABERMAS, TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO E A EDUCAÇÃO.....	80
DA NECESSIDADE DA FILOSOFIA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM.....	81
“LITERATURA DE SITUAÇÕES EXTREMAS”: SARTRE E A REINVENÇÃO DO HUMANO.....	82
UMA TEORIA DA DECISÃO: O DIREITO FUNDAMENTAL A UMA RESPOSTA ADEQUADA À CONSTITUIÇÃO.....	83
A EMBRIAGUEZ E A EXPERIÊNCIA DO TEMPO NO <i>LE SPLEEN DE PARIS</i> : O <i>FLÂNEUR</i> E A MODERNIDADE.....	84
O CONHECIMENTO PRODUZINDO DA RELAÇÃO DO DASEIN COM OS ENTES E A SUA UTILIZAÇÃO PARA A EXISTÊNCIA.....	85
A CONCEPÇÃO DE BELO EM SCHOPENHAUER COMO ABERTURA PARA A DIMENSÃO DA VERDADE.....	86
A CRÍTICA AOS ILUMINISTAS E A REABILITAÇÃO DA TRADIÇÃO COMO VERDADE EM HANS-GEORG GADAMER.....	87
POSITIVISMO EM <i>FUNDAÇÃO</i> : A EXPRESSÃO DO PROJETO DE COMTE NA OBRA DE ASIMOV	88
OS DESAFIOS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA: FORMAÇÃO E METODOLOGIAS ..	89
O ENSINO DE SOCIOLOGIA COMO PROBLEMA FILOSÓFICO: A BUSCA POR “LEGITIMIDADE” E RECONHECIMENTO	90
DISCUSSÃO E DEMOCRACIA EM ERIC WEIL: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	91
A VERDADE ANGULAR E MULTIFACETADA: RORTY E AS QUESTÕES INSENSATAS	92
<i>DESIGN</i> INTELIGENTE VERSUS SELEÇÃO NATURAL: O PROBLEMA DA GÊNESE DA COMPLEXIDADE ILUSTRADO POR ASIMOV	93



A ABORDAGEM EMPIRISTA DE CONHECIMENTO SEGUNDO JOHN LOCKE	94
A CULTURA COMO CAUSADORA DO MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO	95
EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA NO BRASIL: ANÁLISES A PARTIR DE PIERRE BOURDIEU E ERIC WEIL	96
REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE VERDADE FACTUAL NO ÂMBITO POLÍTICO EM HANNAH ARENDT	97
DA CAVERNA DE PLATÃO PARA A “CAVERNA MODERNA” E A ANGUSTIA COMO DESVELAMENTO DESTA PRISÃO DO CONHECIMENTO A PARTIR DE MARTIN HEIDEGGER.....	98
A CRISE DA VERDADE: UMA REDESCRIÇÃO NEOPRAGMATISTA DA FILOSOFIA EM FAVOR DA ESPERANÇA SOCIAL.....	99
PROLEGÔMENOS AO ESTUDO DA VERDADE E DA CRISE EM EDMUND HUSSERL	100
VERDADE E MENTIRA EM NIETZSCHE	101
MEMÓRIA E VERDADE À LUZ DE HANNAH ARENDT.....	102
OBJETIVOS E DETERMINAÇÕES DOS PARÂMETROS CURRICULARES E NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO: A JUSTIFICAÇÃO DO DIÁLOGO COMO UM DOS PRINCÍPIOS DE APRENDIZAGEM EM FILOSOFIA.....	103
DO DIREITO A MENTIRA, ANÁLISE DE UM PONTO DE VISTA KANTIANO.....	104
ANÁLISE ACERCA DA RELIGIÃO NATURAL SEGUNDO DAVID HUME	105
DA EDUCAÇÃO COMO UM FIM MORAL EM KANT A UMA SOCIEDADE ÉTICA	106
SOBRE O QUE É PASSÍVEL DE CONHECIMENTO VERDADEIRO SEGUNDO IMMANUEL KANT.....	107
PRUDÊNCIA, DISSIMULAÇÃO E DESONESTIDADE NUMA VISÃO KANTIANA	108
A VERDADE E SEU LUGAR NO DISCURSO FILOSÓFICO.....	109
A CRÍTICA DE JEAN PAUL SARTRE À LITERATURA DETERMINISTA EM O "EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO”.....	110
A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE FILOSOFIA EM TEMPOS DE CRISE.....	111
O ABSURDO NA OBRA <i>O ESTRANGEIRO</i> DE ALBERT CAMUS	112
O PROBLEMA DA VERDADE NA ORIENTAÇÃO NATURAL: A CRÍTICA HUSSERLIANA POR MEIO DA ATITUDE FENOMENOLÓGICA	113



VERDADE, HISTÓRIA E POLÍTICA: UM DIÁLOGO COM NIETZSCHE E ARENDT ...	114
A DETURPAÇÃO DA VERDADE NA TRANSMISSÃO DA TRADIÇÃO: EXPERIÊNCIA E POBREZA, WALTER BENJAMIN	115
A INFLUÊNCIA DO KANTISMO NO PENSAMENTO BAKHTINIANO: A RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPO E A VERDADE DO ATO	116
A CRÍTICA DE ROUSSEAU ACERCA DA INSTALAÇÃO DOS ESPETÁCULOS NA REPÚBLICA DE GENEBRA	117
A CRISE DO HOMEM E A BUSCA PELA VERDADE A PARTIR DA VIDA INTELECTUAL	118
PÓS-VERDADE: SEU USO POLÍTICO E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO DISCURSO	119
EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO EM KANT E ADORNO	120
O DIÁLOGO COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO NÍVEL MÉDIO.....	121
A VERDADE DIANTE DO PODER DA LINGUAGEM	122
SITUAÇÃO IDEAL DE FALA: UMA SOLUÇÃO PARA A CRISE DA VERDADE	123
CERTEZA SENSÍVEL: O CONHECIMENTO IMEDIATO COMO CRISE DA VERDADE	124
TEMPO EM KANT E A ESTÉTICA TRANSCENDENTAL	125
FILOSOFIA EUROCÊNTRICA E COLONIALISMO EPISTEMICIDA: JUSTIFICATIVAS E ENCONTROS.....	127
ENSINO DE FILOSOFIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DOCENTE: UMA LEITURA HERMENÊUTICA NO ENSINO MÉDIO EM CARUTAPERÁ/MA	128
VERDADE E PENSAMENTO: UMA LEITURA DA FILOSOFIA DE KANT A PARTIR DA OBRA QUE SIGNIFICA ORIENTAR-SE NO PENSAMENTO.	129
A VERDADE EM UMA ERA LÍQUIDA SEGUNDO O PENSAMENTO DE BAUMAN ...	130
FRIEDRICH NIETZSCHE: A AFIRMAÇÃO DA VIDA SOB A ÓPTICA DE “O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA”.....	131
AS CONCEPÇÕES E CONDIÇÕES DA VERDADE NA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER.....	133
O CONCEITO DE DESIGUALDADE NA VISÃO DE JEAN JACQUES ROUSSEAU	134
A QUESTÃO DA VERDADE EM RORTY	135



A CRISE DA VERDADE NA NEGAÇÃO DE OUTREM: TESE E ANTÍTESE NOS ARGUMENTOS ARISTOTÉLICOS DA ESCRAVIDÃO NATURAL, E SEUS POSSÍVEIS RESQUÍCIOS NA ATUAL DEMOCRACIA	136
O HUMANISMO SARTRIANO COMO ALTERNATIVA AO Esvaziamento do Humano no Pós-Guerra	137
ESTILHAÇOS DO TEMPO MESSIÂNICO: ESCATOLOGIA JUDAICA E MATERIALISMO-HISTÓRICO EM WALTER BENJAMIN	138
A EXPERIÊNCIA HERMENÊUTICA DA EDUCAÇÃO EM GADAMER	139



APRESENTAÇÃO

Propõe-se, neste projeto de submissão ao Edital 001/2019 FAPEMA, a realização de três eventos em um, **XXIII Semana de Filosofia: A Filosofia e a Crise da Verdade** e **I Seminário de Pesquisa do PROF-FILO UFMA: Filosofia e Crise: ensino, escola, currículo**, que terá lugar na Cidade Universitária Dom Delgado (UFMA), especificamente nos Auditórios do prédio do Centro de Ciências Humanas e no Auditório Central.

Sobre a **XXIII Semana de Filosofia: A Filosofia e a Crise da Verdade**, ressaltamos o histórico das semanas de Filosofia. As Semanas de Filosofia nasceram da vontade e do interesse em difundir e aprofundar o debate filosófico na Universidade Federal do Maranhão. A I Semana de Filosofia da UFMA foi realizada há 38 anos, em 1981. Desde a primeira edição, as Semanas sempre se distinguiram pela proposição de um tema instigante no contexto filosófico, com potencial de gerar debates produtivos entre os participantes. Tendo surgido como um evento de periodicidade anual, a Semana de Filosofia teve várias edições consecutivas nos anos de 1980 e 1990, abordando temas como “Filosofia e Ciência”, “Vida: começo e fim”, “Crise e Filosofia”, “Filosofia e Poder”, “Liberdade e Escravidão”, dentre outros.

O objetivo principal das Semanas sempre foi promover e articular o ensino, a pesquisa e a extensão. Ao mesmo tempo em que as Semanas vêm fomentando a pesquisa, pois constituem-se num fórum de debates sobre as investigações em andamento na universidade, e promovendo o ensino, pois dão aos estudantes a oportunidade de entrarem em contato com uma diversidade de temas que contribuem para sua formação, elas vêm fortalecendo a integração da UFMA com a comunidade acadêmica maranhense em geral, atraindo pesquisadores e estudantes de outras instituições e consolidando o papel da UFMA como referência da pesquisa em filosofia no estado do Maranhão. A participação constante, nas edições passadas, de estudantes e professores de outras instituições de ensino superior do estado, como o IESMA e a UEMA, e também de professores de filosofia que atuam no ensino fundamental e médio, comprova que esse objetivo tem sido alcançado.

Ao longo desses 38 anos de história, as circunstâncias por vezes impediram que a periodicidade anual fosse mantida. Contudo, a semana de filosofia tem ocorrido ao longo desses anos e em 2019 chega a sua 23ª edição com a temática: **A Filosofia e a Crise da Verdade**.



O tema da verdade em filosofia remonta aos gregos, sua procura amorosa pelo saber a pressupõe como alcançável, destarte, quer através dos pré-socráticos em suas investigações sobre o princípio donde emergiria todas as coisas (arché), quer através da maiêutica socrática ou da apreensão direta do mundo das ideias de Platão, ou ainda por meio de uma perspectiva lógica, formal, com Aristóteles, poder-se-ia desvelar a verdade, muito embora seja também entre os gregos, mais exatamente no período helenístico, que ataques incisivos à possibilidade de atingi-la por meio do conhecimento são feitos, através do ceticismo pirrônico, que chega mesmo a sugerir a suspensão de juízos, que embora não tenha alçado voo no período medieval, posto que nesse momento a verdade revelada nas sagradas escrituras impunha-se como ponto de partida para as mais variadas justificações filosóficas desenvolvidas em tal contexto. Encontrando, não obstante, seu lugar de retomada na Renascença através de Montaigne, que inspirará, em grande medida, as discussões do séc. XVII, de racionalistas e empiristas, em torno da necessidade de fundamentação epistemológica da verdade, sob pena da impossibilidade de uma clara demarcação entre opinião (doxa) e ciência (episteme), o que inviabilizaria defender de modo consequente o conhecimento da verdade. A verdade assim reabilitada pelas teorias do conhecimento do primeiro século da modernidade, permanece alvo de discussão no século subsequente através, sobretudo de Hume e de Immanuel Kant. Kant, opondo-se ao empirismo cético humano, segue em seu criticismo defendendo a verdade por meio do transcendentalismo, delimitando, no entanto, que o conhecimento legítimo da verdade se dá estritamente na esfera do fenômeno, portanto do objeto de uma experiência possível, não podendo estender-se a esfera do suprassensível, do incondicionado, isto é, do noumênico. O criticismo kantiano representará nesse cenário um divisor de águas, configurando-se como passagem obrigatória para as mais variadas filosofias que se desenvolverão no século XIX, frequentemente alvo de crítica, como é patente entre os idealistas alemães, porém não apenas ocasionará rupturas definitivas, mas também influências, como pode ser evidenciado, por exemplo, no pensamento de Schopenhauer e de Max Weber, tanto quanto no séc. XX, através da fenomenologia de Husserl, Merleau Ponty, na filosofia analítica de Wittgenstein, na filosofia política de Hannah Arendt, no existencialismo sartreano, dentre outros. Claro é, no entanto, que o séc. XIX marcado por um cenário deveras influenciado pelo Romantismo, desconfia da capacidade da razão iluminista e de sua estreita relação com a ciência, trazendo para a cena filosófica o sentimento, e a, até então, exilada imaginação, desconfia do próprio sustentáculo das mais caras afirmações da filosofia do XVIII, a natureza humana, pensando o homem em seu



devir, sujeito às vicissitudes do tempo, portanto, muito mais afeito a ser pensado a partir de sua condição humana e, por assim dizer de sua condição no mundo. Essa conjuntura modifica grandemente a forma de pensar a verdade, com efeito, a filosofia nietzschiana, por exemplo, não lhe concederá abrigo, defendendo em seu lugar o perspectivismo, que em muito auxiliará a filosofia pós-moderna, em sua desconstrução da tradição filosófica e, conseqüentemente, da própria verdade, doravante esta cederá lugar a opiniões, ao consenso, ao próprio perspectivismo em suas novas variações. Do ponto de vista da epistemologia contemporânea a noção de probabilidade e verossimilhança (vide a epistemologia indutivista e a popperiana) são emblemáticas, tanto quanto a defesa de certo irracionalismo na ciência. Em meio a essa reviravolta em torno da noção de verdade, da qual não escapa nem a teologia, a desmitologização, sem dúvidas disso dá testemunho, evidentemente, o rigor científico, ancorado em certa objetividade, da qual não poderia abrir mão, o testemunho dos fatos, a hermenêutica, o próprio desenvolvimento tecnológico, a consistência argumentativa, enfim todos esses aparatos, frutos do labor intelectual e da capacidade de entendimento razoável entre os homens, funcionaram para garantir, sob certa medida, a manutenção de certas balizas epistemológicas e ontológicas.

Atualmente, o tema da verdade, agora sob a insígnia da pós-verdade, volta a ocupar o centro das discussões e, nesse contexto, o espantoso e mesmo aterrador é que as referidas balizas perdem por completo sua força, a documentação dos fatos, perde por completo sua importância, convertendo-se pura e simplesmente em mera invenção, passível, assim, de ser substituída por uma nova narrativa retórica, por mais imaginativa e distanciada do testemunho empírico e da interpretação epistemológica da realidade, a história, por exemplo, vê-se ameaçada, não por uma acurada revisão e releitura dos acontecimentos, mas porque a informação que doravante circula nas redes sociais assim propõem. Não apenas a história, mas a geografia, a astronomia, a física tornam-se alvos quando a as evidências científicas são trocadas por fabulações – nesse sentido, pode-se afirmar ser a terra plana, sem uma discussão argumentativa com séculos de filosofia ou com as descobertas científicas mais recentes, destituindo-se de autoridade intelectual, personagens que tiveram seu trabalho universalmente reconhecido, atestado, e ao mesmo instituindo como célebre figuras absolutamente inexpressivas no âmbito da comunidade acadêmica, quer científica, quer filosófica. Essa perspectiva, que se instaura num mundo onde a esfera pública, tornou-se virtual, assim possibilitada pela internet, ingere também na política, na religião, na economia, na ética, esferas distintas do modo de ser do homem no mundo. Dessa forma, objetiva-se com esse evento analisar e discutir esse cenário que



se impõe como absolutamente singular e carente de urgente reflexão filosófica, examinando suas origens, implicações, possíveis desdobramentos e alternativas.

Quanto ao **I Seminário de Pesquisa do PROF-FILO UFMA: Filosofia e Crise: ensino, Escola, currículo**, ressaltamos que, no ano de 2017 teve início a primeira turma do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão em rede com a Universidade Federal do Paraná.

Ao longo desse período têm-se discutido temas referentes ao ensino de Filosofia na educação básica, no fundamental e médio, enfatizando as questões metodológicas, a formação de professores, currículo e o uso de tecnologias como elemento de mediação para o ensino de Filosofia nas redes Municipal e Estadual do Maranhão.

Em conjunto com a Semana de Filosofia cujo tema é "A filosofia e a crise da Verdade", o Prof-Filo propõe o I Seminário de Pesquisa intitulado Filosofia e Crise: ensino, escola, currículo", com o objetivo de refletir acerca do tema com a comunidade acadêmica em geral, da graduação e pós-graduação, principalmente da área de Humanas e Sociais.

O tema proposto desde sempre atravessa a educação, especialmente a educação filosófica. O ensino, pressupõe docentes habilitados a ministrar a disciplina filosofia o que torna relevante o debate sobre a formação de professores. A escola, enquanto espaço "que não é uma instituição homogênea e unificada, mas, como (...) uma montagem provisória de práticas, artefatos, pessoas, saberes, que não se define somente pelas paredes ou pelas formas de regras estatais, mas por complexas interações em várias direções, entre elas as operações para montá-las (Dussel, Inês. Sobre a Precariedade da Escola. In: Elogio da Escola. Organização Jorge Larrosa. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017, p 95). Currículo, mais do que um elenco de disciplinas, deve refletir um projeto político pedagógico e, principalmente, ter em vista algumas questões: o que ensinar? para quem ensinar? formar e educar? filosofia para quê?

Considerando a nova política nacional para a educação em todos os níveis com implicações graves para a filosofia e as Universidades públicas federais justifica -se a proposta de realização do evento em conjunto com XXIII Semana de Filosofia e o VII Colóquio do Grupo de Pesquisa em Ética e Filosofia Política.

Assim, a **XXIII Semana de Filosofia: A Filosofia e a Crise da Verdade**, bem como, o **I Seminário de Pesquisa do PROF-FILO UFMA: Filosofia e Crise: ensino, escola, currículo**, a serem realizadas em novembro de 2019, em São Luís, propõe reunir professores universitários, graduandos e pós-graduandos de vários estados brasileiros,



professores e alunos da rede municipal e estadual de ensino e demais membros da comunidade para um rico debate sobre os temas: A Filosofia e a crise da verdade, Relação entre corpo social e corpo político, e também, ainda sobre filosofia e crise, pensar a questão do ensino, da escola e do currículo.

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha – UFMA
Profa. Dra. Maria Olívia Serra – UFMA
Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho – UFMA



DA REPÚBLICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DA OBRA DE PLATÃO EM MARCO TÚLIO CÍCERO

Amanda Cristina Amorim Silva Neves
Graduanda em Filosofia – UFMA
manda_crys@hotmail.com

RESUMO: Cícero, um dos responsáveis por estabelecer a importância do pensamento crítico em Roma, além de introduzir essa ciência trouxe ainda correntes de pensamento como estoicismo, o platonismo e o epicurismo, buscando a fundamentação do ponto de vista filosófico para os discursos, fazendo assim dele o principal nome da Humanistas. Partindo, sobretudo de um estudo profundo da filosofia e dos filósofos gregos, ele conclui os estudos na Grécia, pois sabia da importância que a Filosofia tinha na formação de um orador e também para o cidadão necessário na República ideal. Cícero se difere de Platão, por escrever e propor soluções para a república Romana, enquanto Platão escreve para uma república que ele buscava existir. Nesse trabalho buscaremos pensar a influência platônica no texto de Cícero.

Palavras-chave: República, Cícero, Platão



LINGUAGEM E PODER: A QUESTÃO POLÍTICA DA VERDADE EM

RICHARD RORTY

Marcelo Henrique de Souza Carvalho
Aldir A. Carvalho Filho
Universidade Federal do Maranhão
olecram.souza80@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo discorrer acerca da crítica que o filósofo norte-americano Richard Rorty empreende direcionando-se à pretensão epistemológica da reflexão filosófica tradicional que outorgava a si a posição privilegiada de acessar e descrever através de representações exatas e incorrigíveis as verdades imutáveis inscritas, como sentenças inteligíveis, no proceder natural dos fenômenos reais. Associando-se aos filósofos pragmatistas e ao movimento pós-analítico, o neopragmatismo rortiano se situa em uma agenda intelectual que opera através da análise pragmática e naturalística da linguagem. Desprendida das amarras metafísicas, a filosofia de Rorty se opõe às aspirações platônicas/cartesiana/kantiana de uma contemplação pura das verdades eternas mediante exclusivamente de um vocabulário representacionista que reflete-as via condições racionais do entendimento. No bojo da filosofia da contingência, o autor em questão procura dá forma – sem uma reivindicação normativa – a uma nova “cultura intelectual” livre da incumbência e do encargo metafísico de espelhar inabalavelmente os incondicionais fundamentos explicativos da realidade. Segundo Rorty, todo esse arcabouço metafísico-epistemológico acarreta implicações políticas graves, principalmente para os jogos comunicativos prevaletentes nas práticas democráticas. O filósofo norte-americano propõe assim uma nova práxis filosófica em que a busca de um fundamento último e de suas condições possíveis que respalde uma asserção universal e indubitável sobre o mundo – que foi o tema central de toda a investigação filosófica tradicional – seja substituída por uma reflexão pautada na solidariedade, nas práticas tolerantes do convívio humano e em uma estética da existência. O programa político rortiano consiste na procura de reformular o modo de vida num contexto liberal – assentado na autoinvenção, no exercício imaginativo e nos sentimentos solitários – que não seja ancorada em modelos fixos ou congelados. A descrição do sujeito do autor em questão é daquele desamparado, despossuído de uma “essência especular” preso a uma metafísica dualista que concebe o indivíduo apenas como parte cognoscente do esquema epistemológico em que a descoberta de uma verdade “dada” e invariável é seu único propósito existencial.

Palavra-chave: Richard Rorty. Filosofia da contingência. Neopragmatismo. Política. Linguagem.



FILOSOFIA E LITERATURA: UM OLHAR ROUSSONIANO A PARTIR DOS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Tainnara Cristina Pinheiro Hernandez

Luciano da Silva Façanha

Orientador: Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha

Universidade Federal do Maranhão-UFMA/FAPEMA

tainnarahernandez@hotmail.com

RESUMO: Desde o princípio da sua existência o homem procura encontrar a *Felicidade*, temos uma ânsia de se sentir em paz consigo mesmo, de vivenciarmos para que possamos estar realizados por completo. Por conta disso, é questionável o que seria a Felicidade, como saber se a realização pessoal é possível e quais os motivos dela, se ela acontece ao encontrar o amor ou ao realizar aquilo que está destinado. Se voltarmos os olhos para a tradição podemos perceber que muitos filósofos pensaram e discutiram conceitos acerca da temática em questão, idealizando uma resposta para o sofrimento do homem. Nesse sentido, *Jean- Jacques Rousseau* foi dos autores que no período Iluminista se propôs a discorrer sobre o tema, e tratou a felicidade como um estado permanente, onde ser feliz estaria relacionando a viver com aquilo que a natureza estava a oferecer, não sofrer por bens ou coisas que não eram necessárias. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar o conceito de *Felicidade*, e apresentar como o pensamento do filósofo citado que através da sua relação com a literatura pode servir como base para se estabelecer um diálogo com as obras da literata brasileira *Clarice Lispector*, uma vez que a ideia de felicidade roussoniana poderá ser reconhecida através de uma leitura de cunho filosófico dos contos da autora. Sabe-se que a relação Filosofia e Literatura vem sendo discutida desde o seu surgimento, pois sempre se presenciou uma espécie de rivalidade, vinculado principalmente as suas funções dentro do Estado grego onde nasceram, haja vista que se frisou bastante suas incompatibilidades na Pólis, Nesse contexto, temos como fomentador dessa rivalidade o filósofo grego Platão, que no livro X da *República* desqualificou e expulsou os poetas da cidade, acreditando que a poesia não poderia transmitir um conhecimento verdadeiro. Assim, teremos como fundamentação teórica as obras *As Confissões*, com foco principal no Livro VIII, onde Rousseau aborda sobre a literatura e no *Emílio* conceitua a questão da felicidade, tendo também *A Felicidade Clandestina* da literata Clarice Lispector, que possui contos que dão ênfase ao tema a ser desenvolvido. A pesquisa trata-se de uma investigação de cunho bibliográfico a ser realizada através de uma análise hermenêutica dos conceitos centrais apontados.

Palavras-chaves: Rousseau. Clarice Lispector. Felicidade. Filosofia. Literatura.



VERDADE COMO VIOLÊNCIA

Miqueas Protasio Marques

Graduando em Filosofia- UEMA

Orientador: Prof. Ms. Rafael Pinheiro-UEMAnet

e-mail: miqueaslife@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre o problema da verdade a partir da obra “O livre-arbítrio” de Santo Agostinho (354-430). Este afirma que “sem ela (a verdade) ninguém poderá ser julgado com retidão”. Para Agostinho, a verdade permanece inalterável em sua integridade, seja ele vista ou não”, jamais em crise, porém, são infelizes todos quanto a despreza. O único compromisso da verdade é consigo mesma, e a nada deve, a não ser expor a realidade não contemplável pelos destroços que se revelam aos sentidos do engano, mas unicamente ao pensamento que busca transpor a barreira do não saber. Desta forma, a verdade por ser radical, rigorosa em si, e não pode não ser o que é, comporta-se com violência as mentes aqueles acreditam saber alguma coisa. Contrapondo o relativismo e o subjetivismo da verdade, Agostinho, afirma que a verdade é “superior e mais excelente do que nós, por que ela é uma e ao mesmo tempo torna sábia, separadamente, cada uma de nossas mentes e as faz juízes das outras coisas todas”. E toda verdade particular e subjetiva, depende do principio da verdade absoluta, pelo contrario não é verdade, pois antes de conhecer o verdadeiro conhecimento, “verdades particulares tira evidentemente o seu encanto da própria Verdade”. Compreende ainda que todo homem tem impressa em sua mente a noção de verdade, pelo contrario não faria sentido falar ou buscar algo que seja verdadeiro, visto que a filosofia preocupa-se com a verdade. O que mais tarde Hegel afirma, a filosofia é a ciência objetiva da verdade.

Palavras-Chave: Verdade. Livre-arbítrio. Agostinho. Subjetivismo. Relativismo.



ENTENDIMENTO COMO EXPERIÊNCIA FORMAL

Esthefany de Sousa Borges

Prof. Me. Luís Magno Veras Oliveira - UEMA

Graduanda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão
esthefanyborges234@gmail.com

RESUMO: Através deste trabalho, almeja-se tratar sobre o terceiro estágio da consciência natural – o entendimento – que ainda permanece formal segundo o filósofo Hegel e, estruturar possíveis relações com alguns comportamentos que se verificam nos indivíduos participantes da sociedade moderna. Para realizar essa pesquisa, foram utilizadas como base a leitura e análise das obras *Fenomenologia do espírito* e *Ciência da lógica*. Nessa perspectiva, na fase do entendimento, a consciência natural consegue identificar as determinações dos objetos e sabe diferenciá-los. Entretanto, sua análise não consegue captar a ligação que existe entre esses conceitos, ou seja, a consciência natural, nessa fase, não consegue identificar a dependência do outro que existe na essência de cada objeto, fazendo com que subsistam em relação a tudo que os cerca. Dessa forma, o entendimento efetua análises formais, visto que não capta a totalidade dos conceitos e, conseqüentemente, incorre em abstrações e na limitação do pensamento. Tal comportamento da consciência gera uma fixação de ideias e faz com que ela não progrida na tentativa de conhecer o mundo, por meio de um movimento dialético, que levaria à essência real dos conceitos. Semelhante à experiência da consciência natural na fase do entendimento, algumas vezes na sociedade efetua-se um “comportamento de manada”, em que ideias são fixadas e reproduzidas pelos indivíduos, gerando dominação de certos conceitos e bloqueamento na ação de tentar aprender novos conhecimentos. Nessa situação, os indivíduos inclinam-se a repetir ideias, evitando procurar por outras informações e a fabricar pensamentos independentemente. Assim, o estudo do entendimento como experiência da consciência natural representa um avanço nas pesquisas baseadas em tais obras e enriquece o conhecimento da sociedade, na medida em que demonstra o fenômeno da dominação de ideias que impede o sujeito de avançar em sua tentativa de receber conhecimentos e de verificar a legitimidade de uma informação, sendo ativo em sua vivência.

Palavras-chave: Consciência, Conceito, Conhecimento.



A FRAGILIDADE DA VERDADE FATUAL

Lorena Moreira Pinto
Maria Olívia Serra
Universidade Federal do Maranhão
2911lorena@gmail.com

RESUMO: A comunicação pretende abordar o problema da verdade em Hannah Arendt, tendo como base o capítulo “Verdade e política” da obra “Entre o passado e o futuro”. Deste modo, considera-se necessário contextualizar o texto base, em seguida apresentar as distinções que a autora estabelece entre verdade fatural, verdade racional e opinião, bem como, incorporar essas distinções dentro do problema que a autora relata sobre o novo conflito entre verdade e política. O capítulo “Verdade e política” foi escrito em resposta às controvérsias do caso Eichmann, como uma forma de rebater as imagens e mentiras criadas acerca de seu livro sobre o caso. A situação que Arendt enfrentou após o evento repercutiu em uma reflexão sobre a fragilidade do domínio dos assuntos humanos e políticos e suas verdades. Se aquela tensão entre a verdade e política se fez presente desde Platão, em uma contraposição dos modos de vida do filósofo e do cidadão, hoje ela ganha novos moldes ao ser defrontada com a sociedade de massas e seus meios de comunicação. O que está em jogo nessa nova configuração é a sobrevivência da verdade fatural, que diferentemente da verdade racional, depende do testemunho: mesmo contestada a verdade racional pode ser redescoberta, a verdade fatural ao contrário, o cenário que Arendt observa aponta justamente para uma tentativa de grupos em ocultar e monopolizar a história e seus fatos através da criação de “imagens”, conforme seus interesses políticos. A verdade, sob o ponto de vista da política, dos interesses e do poder, é antipolítico, assim Arendt observa a necessidade de um âmbito exterior à política que possa assegurar os fatos e a liberdade.

Palavras-chave: Política. Verdade. Opinião. Poder. Liberdade.



CETICISMO E VERDADE EM ROUSSEAU: CRÍTICA À UNIVERSALIDADE ILUMINISTA

Priscila de Oliveira Silva
Universidade Federal do Maranhão
prih.o@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo abordar a crítica do filósofo Jean-Jacques Rousseau à universalização iluminista acerca do ser humano, abordando a temática do ceticismo e da verdade na obra rousseauiana na qual o genebrino distingue a subjetividade finita do homem da verdade em si. A trajetória de Rousseau é marcada por perseguições, muito devido ao seu tom discordante do projeto iluminista de progresso. O filósofo defende-se de acusações e das más interpretações que fazem de suas ideias. É baseado nessas más interpretações que Rousseau afirma que seu século está determinado a não compreendê-lo, e o que poderia parecer ser a confissão da contradição, na verdade, se mostra como explicação necessária. O equívoco no texto caricato que Rousseau apresenta no Prefácio de Narciso e na carta irônica de Voltaire está no fato de que as análises imediatas de um tempo específico – as críticas de Rousseau às ciências, às letras e às artes de seu tempo – são tomadas como os valores absolutos das coisas em si, e o que é o diagnóstico e a genealogia de uma cultura específica são apresentadas como parte de um sistema normativo universal atemporal. É preciso destacar que Rousseau não condena as artes, as ciências e as letras em si mesmo. O escandaloso apontado por Rousseau é que os “vãos enganosos conhecimentos” de seu século são considerados como verdades absolutas que norteiam toda a cultura de uma sociedade. O absurdo não consiste simplesmente no que poderia parecer apenas um erro do entendimento, “a louca ciência dos homens” exaltada por más interpretações humanas, mas de seu uso no jogo de poder nas relações sociais. As más interpretações da “louca” ciência não nascem propriamente do erro, mas de um ganho.

Palavras-chave: Ceticismo. Verdade. Rousseau. Subjetividade. Sociedade.



MITO E VERDADE NA REPÚBLICA DE PLATÃO

Prof. Dr. Alexandre Jordão Baptista – UFMA.
philokalos@gmail.com

RESUMO: No âmbito das transformações semânticas sofridas pelos termos gregos *logos* e *mythos*, ao longo de suas evoluções históricas, um papel de destaque é reservado a Platão. Nomes que, originalmente designavam apenas o discurso enquanto expressão da fala, ou melhor, enquanto expressão do pensamento através da voz e, neste aspecto, praticamente sinônimos, têm, com Platão, seus sentidos definitivamente fixados e se especializam, de um lado, como discurso verdadeiro, argumentativo, verificável e, de outro, como aquilo que é fruto da ficção e da fantasia e, portanto, portador do engano e do erro – o discurso falso. Desde então, a maneira mais comum de se caracterizar a filosofia e seu método de investigação é justamente opô-la ao mito e à mitologia — às histórias de caráter religioso da tradição grega que narram as origens do cosmos, dos deuses, dos heróis, dos homens e de suas práticas sociais. Como aponta Platão, no *Fédon*, ao poeta cabe fabricar *mythos*, ao filósofo, *logos*. Entre *logos* e *mythos* parece não haver reconciliação possível: a investigação sobre o Ser deve excluir o mero contar de histórias. O curioso é que o próprio Platão não se mantém nessas fronteiras: ele não apenas cria mitos, no mesmo sentido em que ele entendia, por exemplo, que Homero e Hesíodo “criavam”, como toma alguns explicitamente como verdadeiros. A conhecida ambiguidade de Platão face ao mito e à mitologia tem, desde a antiguidade, despertado o interesse dos estudiosos e suscitado apaixonadas controvérsias interpretativas. Nesse sentido, nos propomos analisar e discutir alguns aspectos envolvidos na especialização semântica operada por Platão de *logos* como discurso verdadeiro tal como aparece na passagem 262a – 263b do *Sofista*; e de *mythos* como discurso falso tal como aparece no contexto da passagem 376e – 377a do Livro. II de *A República*, onde, a propósito da educação dos guardiões de sua cidade ideal, Platão marca esta distinção de modo bastante significativo.

Palavras-chave: Mythos. Logos. Platão. Fédon. Filósofo.



A TRÍADE “BELEZA-PERFEIÇÃO-VERDADE”: A NOÇÃO DE VERDADE PARA O BELO DE PLATÃO

Heracilia Costa Alencar
Orientação: Rita de Cassia Oliveira

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar e comparar o pensamento na teoria platônica sobre a concepção de belo, e como isso reflete na modernidade, entre a obra e o indivíduo. A teoria do belo baseia-se, portanto na noção de perfeição e de verdade. A beleza é vista aqui como divina e como algo fisicamente manifesto. Portanto, Platão não dá importância para a arte pois esta cria objetos no mundo manifesto como algo fisicamente manifesto. Para a produção do trabalho utilizou-se pesquisa bibliográfica dando ênfase a obra *O Banquete* (380 a.C) onde o autor basicamente discorre sobre a natureza e as qualidades do amor.

Palavras-chave: Arte, Belo, Platão, Verdade.



PARADOXOS SEMÂNTICOS: UMA BREVE INTRODUÇÃO.

Igor Baima de Sá Menezes
Dr. Ederson Safra Melo (orientador)
Universidade Federal do Maranhão (graduação)
igorbaima2010@hotmail.com

RESUMO: Paradoxos são de fato enigmas interessantes. Entretanto, da mesma forma que causam grande fascínio, causam também grandes problemas quando uma teoria tenta solucioná-los. Podem representar limitações e fraquezas ao que acreditamos conhecer bem, colocando no foco de análise conceitos importantes como, verdade, conhecimento, conjunto, crença e outros. Os paradoxos levantam problemas construtivos para a teoria, assim, usando um paradoxo para revisar as bases de uma determinada teoria, e revisando estas bases é possível desenvolver algum nível de aprimoramento no campo de investigação. Há vários tipos de paradoxos, envolvendo vários âmbitos do conhecimento. Aqueles que surgem a partir de conceitos semânticos – conhecidos como “paradoxos semânticos” – possuem grande importância no âmbito da filosofia, lógica, epistemologia e filosofia da lógica, visto que propiciam desenvolvimento de teorias capazes de expandir o nosso entendimento de conceitos atrelados a eles como verdade, contradição, satisfação, etc. Alguns dos mais notáveis paradoxos semânticos como os paradoxos do Mentiroso, de Richard-Berry e de Grelling-Nelson são considerados importantes objetos de estudos sob uma gama de tratamentos lógico-filosóficos que vem sendo propostos para lançar luz nos problemas derivados por eles. A partir disso, os paradoxos semânticos passam a abrir caminho para a elaboração de teorias da verdade, além de desempenhar grande papel na filosofia da linguagem, teoria dos conjuntos e na epistemologia. A investigação dos paradoxos semânticos envolve, principalmente seus tratamentos e as estruturas teóricas envolvidas nesses tratamentos. Neste trabalho apresentaremos diferentes tipos de paradoxos semânticos e, desse modo, analisaremos as noções atreladas sob a perspectiva da filosofia analítica.

Palavras-chave: Paradoxos. Contradição. Verdade. Lógica. Semântica.



UMA ANÁLISE SOBRE A EDUCAÇÃO CONTRA BARBÁRIE E A EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO DE THEODOR W. ADORNO

Lierbth Rodrigues Pereira

Orientador: Helder Machado Passos. Doutor

Instituição: Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Vínculo: Graduando em Filosofia (Licenciatura)

Lierbeth@hotmail.com

RESUMO: A educação é um tema recorrente na história da filosofia e na história da própria humanidade; muito se discute acerca da superação das problemáticas encontradas nos sistemas educacionais de todo o mundo, sempre à procura de alternativas, opiniões, práticas, modelos, fundamentos, etc. Comumente se recorre aos estudos de grandes pensadores que se propuseram a discutir a educação, todos têm suas contribuições e relevância, cada grande pensador possui sua perspectiva singular de pensar a educação. As bases sólidas da educação do mundo, provém das contribuições desses grandes pensadores; ainda que cada realidade educacional tenha suas peculiaridades próprias, todas dispõem de influências filosóficas. As contribuições são inúmeras e dentre os maiores e mais significativos pensadores, temos Paulo Freire, Hannah Arendt, Rousseau, etc. Temos como finalidade demonstrar a importância de se pensar a educação sob a ótica de Adorno, mostrar o quão significativo e atual são suas reflexões, evidenciando o quanto é importante conhecer seu trabalho. Theodor W. Adorno é um dos grandes filósofos que pensa a educação numa perspectiva corajosa, que convida a refletir a educação de uma forma nova; é um olhar crítico e de revolta, que visa uma formação completa do ser.

Palavras-chave: Educação. Adorno. Emancipação. Barbárie. História



A PIEDADE NO ESTADO DE NATUREZA EM ROUSSEAU

Raphaelle Garcês da Silva
Graduanda em Filosofia
Luciano da Silva Façanha
Graduanda em Filosofia
Universidade Federal do Maranhão
Orientador: Luciano Façanha

RESUMO: O estado de natureza em Jean Jacques Rousseau, não se limita ao meio ambiente no seu sentido físico-natural. Falar do homem no estado de natureza é tratar de alguém que não teve contato com a sociedade civil, que vive ainda conforme a sua constituição original, que saiu das mãos da natureza, para melhor usar as palavras do Rousseau. Primeiramente retoma o pressuposto apresentado pelo filósofo que pode ser observado no estado de natureza que contribui para a formação de uma relação entre os indivíduos que vem a ser o sentimento de piedade. Rousseau argumenta que um animal jamais passa sem inquietar-se diante de outro animal morto de sua espécie. A piedade toca por primeiro o coração humano, despertando nele a existência do outro. Para tornar-se sensível e piedoso, o homem precisará dar-se conta de que seus semelhantes sofrem as mesmas dores que ele próprio é capaz de sofrer. Este sentimento, no estado primitivo, ocupa o lugar das leis, dos costumes e das virtudes, e sendo algo natural no indivíduo, possibilita que um auxilie o outro na conservação de toda a espécie. Sendo assim, analisaremos a piedade no estado de natureza a partir do *Segundo Discurso* do genebrino.

Palavras-chave: Rousseau. Homem. Natureza. Piedade



BIOPOLÍTICA: INVESTIGAÇÃO SOBRE A CONCEPÇÃO DO PODER EM MICHEL FOUCAULT

Antonio José Carlos da Silva
Graduando em Filosofia Licenciatura, UEMANET/UEMA
Polo: Caxias - Bolsista PIVIC/UEMA.
gallobrio@outlook.com

Francisco Valdério Pereira da Silva Júnior
Prof. Dr. Do Departamento de Educação e Filosofia, CECEN/UEMA – São Luís. Email:
fderio@gmail.com

RESUMO: Pesquisa de natureza teórica que tem como tema *Biopolítica: investigação sobre a concepção do poder em Michel Foucault*. Objetiva compreender como os discursos engendram a multiplicação de certos saberes produtivos de acontecimentos na sociedade atual. Fundamenta-se principalmente em Michel Foucault e alguns dos seus comentadores, tais como: Peter Pál Pelbart, Fernando Danner. Desenvolve-se metodologicamente através de pesquisa bibliográfica, buscando o diálogo entre os autores referidos a fim de compreender de que forma a positividade do poder constrói acontecimentos na sociedade atual. Para tanto, a pesquisa se desdobra-se nas seguintes subtemáticas: **I - aceção positiva do poder**, a qual repousa no que se chama de soberania política clássica, nela o rei tinha o poder de vida e de morte com relação aos súditos, isto é, o sujeito nesta concepção de soberania não possui direito, não é um sujeito de direito; **II - panoptismo social do corpo**, que compreende, a partir do século XVIII, que a vida entra na história e o sujeito é cidadão de direitos e o poder de soberania cede espaço à *biopolítica*, assim, os fenômenos relacionados à vida tornam-se controlados, administrados, geridos e vigiados como em um panóptico em que o corpo agora é tudo, passando a alvo constante de ações como forma de adestramento social; **III - a positividade do poder moderno**, situação hodierna na qual estamos diante de uma política que governa a vida em sociedade, ambiente, como sabemos, em que guerras, terrorismos, sociedade do espetáculo, campos de concentrações modernos, fizeram da exceção à regra. Nesse sentido, faz-se necessário compreender a positividade do poder moderno em Foucault, uma vez que para ele, não há poder livre em termos de dominação e repressão, assim, os considera apenas em seus aspectos negativos. Conclui-se preliminarmente que aquilo que é tomado por positividade do poder moderno, estabelece o assujeitamento e condiciona todos ao adestramento imposto pelos sistemas de poder.

Palavras-chave: Adestramento social. Biopoder. Biopolítica. População. Positividade do poder.



VERDADE E CONCEPÇÃO NORMATIVA DA LINGUAGEM NO JOVEM

NIETZSCHE

Wesley Leite Feitosa

Orientador: Prof. Dr. Ernani Pinheiro Chaves

Programa de pós-graduação em Filosofia da UFPA/ CAPES

wesley_leite2@hotmail.com

RESUMO: A comunicação pretende abordar o problema da *verdade* na primeira fase de pensamento de Friedrich Nietzsche, tendo como base o texto póstumo *Verdade e mentira no sentido extramoral* (1873). Deste modo, considera-se necessário primeiramente contextualizar o escrito em seu período filosófico, em seguida apresentar a compreensão e crítica do autor com relação à concepção de verdade e ao sentido normativo empregado pela linguagem no âmbito social. A obra surge como fruto das anotações reunidas de Nietzsche para uma conferência sobre retórica Antiga na Universidade da Basileia no verão de 1874, o texto apresenta sua primeira crítica à noção de “verdade” da tradição filosófica, assim como desenvolve seu método pré-genealógico característico de seus escritos posteriores. Confrontado por duas perspectivas sobre o conhecimento, uma propriamente artística desenvolvido em sua obra anterior (*Nascimento da tragédia*) e uma filosófica, o autor recolhe os instrumentos de análise sobre a ciência (*Wissenschaft*) na filologia e conseqüentemente na linguagem com o objetivo de abandonar as perspectivas dogmáticas da tradição filosófica. Segundo o filólogo, a linguagem desempenha papel importante na construção do sentido de verdade na cultura. É somente no âmbito social e sob a legislação da linguagem que o “intelecto” recolhe os mecanismos necessários para fornecer as primeiras “leis da verdade” a partir da sedimentação e fixação dos sentidos das palavras que tornam possíveis as convenções (*Conventionen*) e a normatividade conceitual na qual a verdade possa possuir algum valor. A discussão que envolve esta obra pretende demonstrar uma origem tropológica da linguagem que é incapaz de absorver qualquer conhecimento puro da realidade, que por efeito do tempo e do esquecimento passam a denotar e expressar o mundo. Deste modo, a transposição do sentido originário e metafórico da linguagem em articulação de conceitos permite a supressão das particularidades da realidade permitindo as vias exequíveis da comunicação entre as pessoas. Desse processo resulta a elaboração moral da *verdade*, e “verdade” é para Nietzsche: “Uma multidão móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos; em resumo, uma soma de relações humanas que foram realçadas, transpostas e ornamentadas pela poesia e pela retórica e que, depois de um longo uso, pareceram estáveis, canônicas e obrigatórias aos olhos de um povo”. Sua tarefa intenta demonstrar que esse conhecimento, comunicável nas palavras e sustentado por uma noção de verdade, tem origem no plano das mais ordinárias relações entre os homens e somente corresponde ao plano da vida humana sem possuir qualquer significado ou valor independentemente dos indivíduos. Com isso o autor pretende evidenciar quão complexa e instável é a constituição do conhecimento humano sobre o mundo e sobre si mesmo. No âmbito da construção moral da verdade, Nietzsche propõe investigar a linguagem a partir do exercício genealógico no qual descreve a proveniência do valor de verdade e mentira segundo um registro não normativo das necessidades e carências humanas. Para então discutir como, e para que, verdade e mentira passaram a delinear o sentido normativo de conceitos e juízos do dizer objetivamente o mundo, isto é, examinar o sentido normativo das palavras pela perspectiva da teoria dos valores.

Palavras-chave: Verdade, Linguagem, Normatividade, Metáfora e Conhecimento.



AS IMPLICAÇÕES MORAIS DA MENTIRA NA FILOSOFIA KANTIANA

Evilyn Gomes da Cruz
Ubiratan Brasileiro Barros dos Santos
Orientador (a): Zilmara de Jesus Viana Carvalho

RESUMO: Este trabalho objetiva apresentar os argumentos de Immanuel Kant (1724 – 1804), filósofo alemão moderno, acerca das implicações morais da mentira dissertadas em sua filosofia moral à luz das obras “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” e “Doutrina da Virtude”. O filósofo prussiano, que desenvolve um sistema crítico filosófico para responder as grandes questões iluministas da filosofia dos séculos modernos, porém que despertam investigações e discursões ainda na contemporaneidade, tal como a questão do conhecimento, da educação, da moral, da estética, entre outros temas expostos em suas obras, pensa também sobre o tema da mentira no aspecto político, histórico, do direito e da moral, abordaremos as implicações resultantes do ato de mentir em um campo moral no pensamento de Kant. A ação da mentira realizada por um ser racional diverge do imperativo categórico kantiano, assim formulado: “*Age como se a máxima da tua ação se devesse tornar, pela tua vontade, em lei universal da natureza.*” (p.130), pois, esta não pode universalizar-se de forma que se assim fosse, infringiria a concepção da moral do dever e da autonomia, uma vez que o *mobile* da ação não é a lei moral, e, portanto, teria por consequências o desrespeito a noção de dignidade humana e, seria contrária ao princípio sobre a qual a humanidade é vista como um fim em si mesma. Assim, demonstraremos a proposta da filosofia kantiana relativa à questão da mentira no âmbito moral tento em vista o sujeito da ação como ser racional e social visando o progresso moral e ser, ele, apto a participar de um possível reino dos fins.

Palavras-chave: Mentira. Moral. Dever. Universal. Kant.



O TEATRO COMO REFORÇO DO DILACERAMENTO DO CORPO SOCIAL SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Irlene Veruska Batista da Silva
Graduanda Filosofia/UFMA
irleneveruska305@gmail.com
Luciano da Silva Façanha

Orientador: Luciano da Silva Façanha
lucianosfacanha@hotmail.com

RESUMO: Objetiva-se fazer uma breve explanação sobre a problemática do Teatro enquanto fomentador da individualização por meio do reforço do “eu” a partir da crítica realizada pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) em sua obra *Carta a D’Alembert sobre os espetáculos*. Na referida obra em que se baseia esta pesquisa, Rousseau apresenta uma crítica à representação social através das artes, com ênfase no teatro francês do século XVIII. O reforço do “eu”, por meio das peças teatrais, se realiza a partir da representação dos homens civilizados, possuidores de virtudes e costumes já corrompidos pela sociedade de luxo. A corrupção dos homens se origina com o desenvolvimento do sentimento do amor-próprio. Tal sentimento, alimentado pelo reconhecimento do olhar dos outros e das opiniões públicas, faz o homem representar vários personagens para agradar as imposições da opinião da sociedade e assim conseguir o prestígio social. Sendo o Teatro o espelho dos homens da sociedade na qual estão inseridos, os espetáculos teatrais terão somente a função de espelhar a virtude e os costumes desse homem já corrompido pelo amor-próprio, tendo assim um papel indispensável na sobreposição do “eu” em relação ao corpo social e, por consequência, auxiliando na dissipação da unidade social. Como resolução desse problema causado pelo Teatro e seus espetáculos, Rousseau propõe as festas populares como um modo de purgação do amor-próprio e no seu lugar surge o amor de si e a piedade (*pitié*), que são sentimentos naturais do homem. A *Carta a D’Alembert* nasceu em resposta a um verbete geográfico, *Genebra*, escrito na *Enciclopédia* por D’Alembert, no qual este último exaltava as qualidades do Teatro e sugeria inaugurar uma companhia de comediantes em Genebra que até então era proibida na cidade do genebrino. Na *Carta*, Rousseau discorre toda sua crítica e desprezo ao teatro francês daquele século e expressa meticulosamente as razões para não se fundar uma companhia de teatro em Genebra, bem como atribui aos jogos e espetáculos cívicos uma importância pedagógica em oposição aos espetáculos teatrais produzidos na época, rompendo assim, definitivamente com o iluminismo e com os homens de letras da época. Jean-Jacques escreve grande parte da sua filosofia como um ataque contra o otimismo do progresso; ficou conhecido também pelo seu método filosófico dicotômico ou paradoxal. Assim, partindo desse contexto, iremos, na presente investigação feita por meio de pesquisa bibliográfica sobre o assunto, tratar sobre essa dualidade que se evidencia como um jogo de oposição entre uma sociedade corrompida pelos espetáculos teatrais e outra livre dos efeitos corruptores da cena teatral. Nessa última, o único espetáculo possível, segundo o filósofo, é aquele em que o próprio espectador é o espetáculo, ou seja: as festas populares.

Palavras-chave: Rousseau; Teatro; Individualização; Festa; Coletividade.



BREVE PERCURSO DO CONCEITO DE FILOSOFIA DA PSICANÁLISE NO BRASIL

Rafaela Cristina Barros Gomes
Orientador: Flávio Luiz Castro Freitas
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
rafacbgomes@outlook.com

RESUMO: O presente texto visa fazer um aparato histórico cronológico do surgimento do conceito de Filosofia da Psicanálise no Brasil a partir das várias abordagens que lhe compõem, apresentando desde a sua primeira aparição com o texto “Filosofia da Psicanálise” livro de 1991, organização de Bento Prado Jr e do professor Luiz Roberto Monzani. Na apresentação do livro, o professor Prado Jr, apresenta a filosofia da psicanálise como uma mutualidade entre os saberes filosóficos e psicanalíticos, para o autor se trata de uma colaboração entre as disciplinas e não de uma submissão de uma em relação a outra. A partir desse texto abre-se um leque de discussões acerca do conceito da disciplina, no texto de Monzani, 2008, intitulado “O que é Filosofia da Psicanálise?” onde o autor segue a mesma abordagem de mutualidade ou colaboração entre esses saberes, essa disciplina é apresentada não como um método de investigação da filosofia em relação à Psicanálise, mas sim, de um conjunto de abordagens teóricas que se entrelaçam e englobam um estudo aprofundado sobre o conhecimento psicanalítico. Quando se fala em Filosofia da Psicanálise, fala-se de uma disciplina de colaboração mútua entre a Filosofia e a Psicanálise que traça um histórico das ciências ou saberes e analisa os procedimentos e encadeamentos discursivos e os próprios critérios de verdade da disciplina (Psicanálise) onde a filosofia coloca questões à Psicanálise e vice-versa. Cabe salientar uma epistemologia da psicanálise que se diferencia das demais ciências, justamente porque a filosofia da psicanálise não deve agir como um tribunal que impõe critérios a ser seguido, mas sim, analisar a partir dos próprios fundamentos de verdade postos pela própria disciplina, faz-se uma leitura interna do discurso psicanalítico, analisando sua construção, seus conflitos e contradições. Esse tipo de leitura investiga a ideia de verdade que brotam dos próprios critérios internos da disciplina psicanalítica, ou seja, a psicanálise não é objeto da filosofia, mas há uma contribuição de sua parte para com ela. Na genealogia da psicanálise, posta pelo autor no primeiro grupo de abordagem da filosofia com a psicanálise, trata-se de abordar conceitos-chaves que determinaram e constituíram determinado discurso, não tendo importância, nesse caso, se é verdadeiro ou falso, ou seja, a importância está nos conceitos fundantes de tal discurso e não em sua característica de verdade. Já no texto do professor Simanke, 2010, seguindo a mesma abordagem colaborativa entre os saberes psicanalíticos e filosófico, intitulado “Psicanálise e Filosofia: um diálogo possível?”, onde resume essa relação pelo filosofar sobre a Psicanálise, com ela e a partir dela, que estuda e se interroga sobre os pressupostos dos conceitos que fundamentam a psicanálise. No texto da professora Ana Carolina Soria, 2016, intitulado “Há uma relação entre filosofia e psicanálise?” relata um pouco sobre essa forma colaborativa entre as duas disciplinas, demonstrando que as ideias que fundamentam a psicanálise possuem algo de filosófico na construção e fundamentação de conceitos e desses conceitos surgem questões filosóficas e, por fim, disso resulta uma colaboração entre as disciplinas.

Palavras-chave: Filosofia, Psicanálise, relação, colaboração, epistemologia.



VERDADE E CONTRADIÇÃO: A RETOMADA DE ARISTÓTELES NA FILOSOFIA DA LÓGICA CONTEMPORÂNEA

Dr. Ederson Safra Melo
Universidade Federal do Maranhão
edersonsafra@yahoo.com.br

RESUMO: A verdade é um dos conceitos mais antigos e centrais na filosofia. Várias áreas do saber estão relacionadas, direta ou indiretamente, com a verdade. Na filosofia, a problemática sobre a verdade entra em cena em diversas áreas: epistemologia geral, filosofia da ciência, metafísica, filosofia da linguagem, lógica, etc. De fato, uma grande quantidade de questões eminentemente filosóficas sobre a verdade vem perturbando vários filósofos desde os primórdios da filosofia. A maior dessas questões certamente consiste em responder a seguinte pergunta: o que é a verdade? Durante a história da filosofia, filósofos – desde os antigos até os contemporâneos – tentaram propor respostas a essa pergunta. No livro *I* da metafísica, Aristóteles apresenta uma noção de verdade que posteriormente foi retomada por Russell e Wittgenstein no trato da teoria da verdade como correspondência. Essa mesma noção foi a base para os influentes trabalhos de Tarski em teoria da verdade. Tarski alega que seu objetivo é apresentar uma definição clara e precisa para a noção de verdade presente na Metafísica de Aristóteles. Para tanto, Tarski estipula dois grupos de condições de adequação para teorias da verdade: material e formal. Grosso modo, enquanto a condição de adequação material é colocada para salvaguardar as intuições da noção de verdade exposta na Metafísica de Aristóteles, as condições de adequação formal são colocadas para conferir precisão e consistência à teoria. Em última instância, com as condições de adequação, pretende-se evitar contradições, como as dos paradoxos envolvendo noções semânticas como a noção de verdade (i.e., paradoxos semânticos, como o antigo paradoxo do Mentiroso). A partir dos trabalhos de Tarski, as teorias formais da verdade se concentraram em fornecer uma teoria que salvasse intuições importantes da noção de verdade e que, ao mesmo tempo, forneça uma resposta para os paradoxos semânticos. De fato, nos dias de hoje, qualquer trabalho sobre teorias formais da verdade terá que fornecer uma resposta aos paradoxos semânticos. Em tal campo de investigação, várias teorias foram e ainda estão sendo desenvolvidas. No presente trabalho, vamos focar na teoria dialeteísta que postula que a verdade é uma noção inconsistente. De acordo com o dialeteísmo, os paradoxos semânticos mostram que a verdade pode ser misturada com a falsidade; i.e., algumas sentenças podem ser verdadeiras e falsas ao mesmo tempo. Em síntese, o dialeteísmo é a tese de que algumas contradições são verdadeiras. Nesse cenário, a pergunta que se coloca é: qual é o sentido dos conceitos envolvidos no dialeteísmo? Especificamente, o que o dialeteísta entende por verdade e contradição? Para responder tais questões, o dialeteísta retoma as noções presentes na teoria de Aristóteles – o defensor da lei da não contradição. No que diz respeito à noção de contradição, Graham Priest – o mais famoso representante do dialeteísmo – afirma que o sentido de contradição presente no dialeteísmo corresponde com a noção de contraditoriedade do quadrado de oposições de Aristóteles. Neste trabalho, vamos revisar as noções aristotélicas em questão e argumentar que o dialeteísmo não pode salvaguardar tais noções.

Palavras-chave: Verdade, contradição, paradoxos, Aristóteles, dialeteísmo.



DESACORDO, VERDADE E PÓS-VERDADE: UMA LEITURA A PARTIR DA EPISTEMOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Dr. José Leonardo Annunziato Ruivo
Universidade Estadual do Maranhão
jleonardo.ruivo@gmail.com

RESUMO: Ao longo de nossas vidas tomamos contato com várias informações provenientes das mais diversas fontes. É de se esperar que, dada a diversidade e qualidade das fontes e informações, muitas vezes as pessoas entrem em desacordo acerca de determinado assunto. Há diversos tipos de desacordo: duas pessoas podem discordar sobre o significado de uma palavra, por exemplo. Nesta apresentação focaremos o problema epistemológico do desacordo. Ele aparece quando analisamos situações onde duas pessoas discordam sobre a qualidade de informações, ou seja, quando há desacordo sobre as razões para acreditar que algo é verdadeiro. Inicialmente apresentaremos um caso intrigante onde duas pessoas com capacidade cognitiva similar (portanto, com probabilidade similar de estarem corretos ou errados sobre o tema em questão) e com mais ou menos as mesmas evidências disponíveis discordam. Nesses casos, de *desacordo entre pares*, a mera existência do desacordo parece ser evidência de que um dos dois está errado. Assim, qual é a atitude racional para cada um dos pares discordantes: (i) manter a confiança inicial de que a crença é verdadeira, (ii) confiar que o par está correto, e abrir mão da crença inicial ou (iii) suspender o juízo sobre a verdade da crença em questão? Cada uma dessas respostas leva a dificuldades distintas pois (i) parece abrir margem para o dogmatismo, (ii) para a credulidade ou mesmo relativismo e (iii) ceticismo. Por fim mostraremos como a discussão epistemológica sobre o desacordo ilumina a discussão sobre a pós-verdade no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Desacordo, Epistemologia, Pós-verdade, Filosofia Analítica, Ceticismo.



O ENSINO DE FILOSOFIA À LUZ DO PENSAMENTO DE EDITH STEIN: UM RELATO DA PRÁTICA DE OFICINAS FILOSÓFICAS NA UEB MARIA ROCHA – SÃO LUÍS

Wayner de Andrade Lima de Aguiar
Helder Machado Passos
PROF FILO – UFMA
waynerandrade@gmail.com

RESUMO: Esta pesquisa visa traçar paralelos entre alguns dos desenvolvimentos de conceitos centrais à obra de Edith Stein, tais como Comunidade, Formação da Pessoa e Empatia, e o problema do ensino da filosofia, em especial a atuação do professor de filosofia nos anos finais do ensino fundamental. Dois grandes problemas se mostram atualmente: o esvaziamento de significado e importância no relacionamento interpessoal, assim como a necessidade de explicitação de função e importância da Filosofia e seu ensino no itinerário de formação básica dos estudantes brasileiros. Diante destes problemas e outros que deles derivam, questionamos: Há alguma fundamentação para que o ensino de filosofia se mantenha tal como existe hoje no Brasil? Acreditamos que uma resposta possível pode ser dada pelos já citados conceitos da Filosofia steiniana e a partir da reflexão à luz destes conceitos, propor um ensino de Filosofia que se torne um itinerário que leve o estudante a se perceber como um sujeito inserido em uma cultura, onde é dependente e colaborador de uma comunidade que é responsável por nutri-lo com seu tesouro espiritual e que dele receberá contribuições para seu desenvolvimento. Desta percepção, nasce outra, de sujeito que percebe sua afirmação enquanto ser singular através da relação com outros sujeitos, que lhe são distintos. Nesta relação de contraste se mostra a necessidade da abertura para a vivência do outro, que só pode ser compreendida através da entropatia, que será também chave na construção do conhecimento filosófico, pela partilha de seus pontos de vista. Por fim, não propomos a alteração radical no contexto escolar, mas a redescoberta da Filosofia enquanto conhecimento que leva o humano à vivência dos tesouros espirituais da humanidade e, portanto, fundamental no ensino básico.

Palavras-chave: Entropatia, Ensino de Filosofia, Comunidade, Fenomenologia, Empatia.



COMO A PAIXÃO DERIVA DOS TIPOS DE CONHECIMENTO PARA ESPINOSA NO LIVRO O BREVE TRATADO DE DEUS, DO HOMEM E DO SEU BEM ESTAR

Isnara Maria Frazão Pestana
Flávio Luiz de Castro Freitas
Universidade Federal do Maranhão/ Graduada em Filosofia CNPq
Isnarafracao@gmail.com

RESUMO: O objetivo do presente resumo consiste em apresentar a relação entre a teoria do conhecimento e as paixões no Breve Tratado de Deus do homem e do seu bem-estar, que se trata da primeira obra do filósofo Holandês Baruch de Spinoza. Para o aprofundamento desta apresentação, o método utilizado foi a análise do capítulo 2 e o capítulo 3 da “segunda parte: do homem e de quanto lhe pertence” do Breve Tratado. Este sendo os primeiros resultados da presente pesquisa sobre o itinerário que existe entre O Breve Tradado e o livro III da Ética de Espinosa. O Breve Tratado possui um aspecto pedagógico que não se encontra nas demais obras de Espinosa, ela é disposta em capítulos, e merece ser lida e compreendida como autentica filosofia Espinosana. No capítulo 2 intitulado de “O que são opinião, a crença e o conhecimento claro”, Espinosa relaciona as origens das paixões ao tipo de conhecimento correspondente. Da opinião nascem todas as paixões contrárias à boa razão. Da crença nascem os bons desejos. Já o Conhecimento Claro este vai muito além dos demais, do conhecimento claro nasce o verdadeiro e sincero amor, e todos os seus frutos. No capítulo 3, cujo título é “Origem da paixão. Da paixão vinda da opinião”, Espinosa estabelece como objetivo investigar a maneira como as paixões decorrem da opinião. Para tanto, seleciona algumas paixões particulares como base para suas demonstrações. Essas paixões que foram selecionadas integram o quadro das seis paixões primitivas listadas no texto As paixões da alma de Descartes, com a diferença que Espinosa faz uso de quatro delas em sua demonstração: admiração, amor, ódio e desejo. Deixando duas fora: alegria e tristeza. A admiração decorre somente da contradição de uma opinião que foi universalizada a partir de casos particulares. Nunca há admiração em quem extrai conclusões verdadeiras. O Amor nasce da opinião, opina ver algo bom, vive a inclinação de se unir com o objeto, prefere-o como melhor. Quando conhece outro que opina ser melhor então desvia imediatamente o amor do primeiro objeto para o segundo. O amor que nasce da crença ouve dizer que um objeto é bom, então se inclina a tal coisa, sem saber nada a respeito. O amor do conhecimento claro nasce de Deus, ou seja, a verdade. Se chegarmos a conhecer Deus, que tem toda a perfeição, devemos necessariamente amá-lo, quanto maior e magnífica se mostra a coisa, maior o amor em nós. O ódio nasce do erro que provém da opinião, este aparece contra quem tenta prejudicar um objeto que é tido como bom. Já o ódio que nasce da crença no ouvir dizer que um objeto é mau, ele surge contra este objeto sem saber nada a respeito. O desejo que provém da opinião, este consiste no apetite ou atração por esse objeto que aparenta ser bom. Quanto ao desejo que nasce da crença no ouvir dizer que uma coisa é boa, e então adquire o apetite e a atração por ela. O desejo nasce também da experiência em ter algo como bom, e considerá-lo sempre assim, como algo infalível.

Palavras-chave: Breve Tratado. Conhecimento. Paixões. Opinião. Crença.



SOBRE A ESTÉTICA DE SCHILLER: UM CAMINHAR PELO ESTÉTICO PARA RESOLVER OS PROBLEMAS POLÍTICOS.

Alcione Santos de Sousa

Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Corôa

Universidade Federal do Pará-UFPA/PPGFIL – mestranda

alcionesantossousa1@gmail.com

RESUMO: Se levarmos em conta o pensamento de Friedrich de Schiller, poeta e dramaturgo alemão, encontraremos nas *Cartas estéticas sobre a educação do homem* (1795), um *médium* entre a razão sensível que possibilita entender a relação entre estética e política. Despertado pela *Crítica da faculdade de Julgar* (1790) de Kant, Schiller apresenta em *Kallias ou sobre a beleza* (1793) um princípio objetivo para o Belo - “a beleza como liberdade no fenômeno”, que de modo geral, distingue sua filosofia das concepções de Platão e Kant sobre a questão da arte, e de alguma forma o distancia, também, da *Poética* de Aristóteles, grande influenciadora do *Classicismo*. A verdade filosófica de Schiller, embora este se coloque mais como um crítico das artes, está em entender o “estágio estético, como etapa importante para nossa educação moral ou política, mesmo diante de tradição filosófica, que concebe a arte sem *finalidade*. A ideia de que “o homem só é pleno quando joga”, remete à concepção de uma natureza mista, razão e o sensível. De acordo com Habermas, Schiller “desenvolve a análise da modernidade cindida e projeta uma utopia estética que atribui a arte um papel decididamente social e revolucionário” (HABERMAS, 2009, p. 65). É como se para Schiller, o homem estivesse deixado sua natureza sensível em detrimento à razão, que na Revolução Francesa provocou tamanha barbárie. Isso é facilmente encontrado nas correspondências trocadas com príncipe Augustenburg seu principal mecenas, a quem Schiller lhe devia o sustento. Essas *Cartas* ao príncipe, mais tarde, se tornariam o projeto mais ambicioso do poeta e dramaturgo alemão, com título de *A educação estética do homem* (1795). Uma verdade frente à tradição filosófica na questão da arte, mostrando um caminho independente frente à *Crítica da faculdade de julgar* de Kant, que, certamente o distanciava da tradição filosófica, ligando-o aos antigos gregos, quando naquele momento o homem se encontrava *reconciliado* com a natureza. Ora, talvez, tão sistemático quanto Kant, em alguns aspectos, a quem Schiller dizia admirar, ele encontra no sistema kantiano, uma fundamentação *objetiva* para o Belo, o que o autor da terceira *Crítica* não admitiria, mais tarde, a questão volta a ser discutida em *Metafísica do Belo* por Schopenhauer. O certo, é que Schiller, partindo desse princípio objetivo do Belo, fundado em *Kallias - a beleza como liberdade no fenômeno*, um verdadeiro despertar para as questões políticas, àquela época, entende que, tão mais urgente, e bem mais importantes é educar o homem, primeiro, esteticamente, para que este alcance a verdadeira liberdade, a liberdade política. Logo à epígrafe das *Cartas*, Schiller chama atenção com trecho extraído romance *Julia ou Nova Heloisa* de Rousseau, “Se é a razão que faz o homem, é o sentimento que a conduz”. Embora, Schiller, como bom leitor de Rousseau, entenda que para este último a questão era mais filosófica, que puramente estética. E de certo ponto, é isso que o difere da tradição, pois como ele mesmo escreve: “Ao que me parece, para a fundamentação de uma teoria da arte não é suficiente ser filósofo; é preciso ter exercido a própria arte, e isso, creio, me dá algumas vantagens sobre aqueles que sem dúvida serão superiores a mim em conhecimento filosófico” (SCHILLER, 2004, p.13). Pode-se dizer que Schiller vale-se em suas considerações, de forma totalmente consciente, de sua própria experiência como poeta e dramaturgo, o que o faz sentir-se em melhores condições para a compreensão da função real possível à arte,



em comparação com o discernimento daqueles que, preocupados com assunto, o veem apenas sob o ângulo abstrato do filósofo. A nossa intenção nesta comunicação sobre o tema: a filosofia e crise da verdade é mostrar como Schiller, poeta e escritor de dramas, usando sua própria experiência, consegue se tornar um crítico do pensamento kantiano fundado na concepção da tradição da filosofia de Platão e Aristóteles, que demarcam os limites de conhecimento da arte. Acreditamos que o tema da XXIII semana de Filosofia, é intrínseco à nossa pesquisa, cujo o objetivo é - Analisar a estética e política nas *Cartas* de Friedrich Schiller, considerando a combinação e o propósito transcendental que teve como ponto de partida a teoria kantiana do gosto, questão por Kant apenas indicada, e como que deixada à sorte da experiência. E que no pensamento schilleriano desenvolve-se para o problema *prático-moral* inerente à formação do homem. Um problema, que para a estética moderna, representa um olhar novo ou diferente, tendo como ponto de partida a *Crítica da faculdade de Julgar*.

Palavras-chave: Estética. Política. Formação do homem.



FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: INCLUSÃO DA PROPOSTA NO CURRÍCULO DOS ANOS INICIAIS

Otainan da Silva Matos
José Carlos de Melo
Universidade Federal do Maranhão
otainan.filosofia@yahoo.com

RESUMO: Ao tratar de Filosofia para Crianças buscamos desenvolver habilidades que possam favorecer no ensino/aprendizagem dos alunos e proporcionar o pensamento reflexivo e autônomo das crianças. Este trabalho tem por objetivo relatar a importância de implantar no currículo dos Anos Iniciais do ensino fundamental, a disciplina Filosofia que tem no seu bojo fundamentos específicos que ajudam as crianças a pensarem de forma correta. Nesse interim, para corroborar com esse trabalho, trouxemos autores que ajudam nesse processo de desenvolvimento como Matthew Lipman (2001), John Dewey (1979), Kohan (2003), Daniel (2000) Silveira (2003) Sharp (1995). Com isso, esperamos como resultados, trazer à baila uma forma de construir o conhecimento através da Comunidade de Investigação e das novelas filosóficas.

Palavras-chave: Filosofia para Crianças. Ensino/Aprendizagem. Currículo. Comunidade de Investigação. Novelas Filosóficas.



UMA VISÃO RORTYANA DA VERDADE

Abraão Guimarães Sousa
Universidade Federal do Maranhão
abraaoguimaraes42@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Aldir Araújo Carvalho Filho

REUMO: A tentativa de explicar a realidade última das coisas não é um anseio do neopragmatismo rortyano. Rorty não via a questão da epistemologia moderna como um problema a ser solucionado, mas, sim, a ser ultrapassado. Para ele, o mundo será melhor quando os filósofos conseguirem superar os anseios metafísicos e a filosofia assumir um caráter mais filantrópico do que abstrato e esotérico. Nesse sentido, ele deu um salto gritante para fora do círculo dos filósofos analíticos, sustentando aquela que, sendo originalmente uma orientação de valor dos utilitaristas, também pode ser considerada uma máxima rortyana – “mais felicidade para o maior número de pessoas”. Ele não via a verdade como “um ente distinto” que se apresenta frente ao conhecimento humano, afim de ser desnudado. Ele via a “questão da verdade” como uma aporia linguística, que será superada assim que os filósofos esquecerem a representação de “um mundo que fala uma linguagem, quase como se fosse a linguagem do próprio Deus”, um mundo que já contenha em si todos os ideais que gostaríamos de levar a termo, e passarem a ter uma visão mais historicista, na qual eles reconheçam que nós é que falamos o mundo com nossas descrições, e a verdade (com minúscula) seja somente o predicado comezinho e cotidianamente contestável dessas descrições, e não uma entidade superior (a Verdade, com maiúscula).

Palavras-chave: Contingência. Verdade. Antifundcionismo. Felicidade. Neopragmatismo.



O ENSINO DE FILOSOFIA: UMA ANÁLISE DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA A PARTIR DA TERTÚLIA DIALÓGICA NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL ALMIRANTE TAMANDARÉ

Daniela de Oliveira dos Anjos
Orientador: Prof. Dr. Helder Passos
Universidade Federal do Maranhão
Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Mestrado Profissional
danielauniversitaria@hotmail.com

RESUMO: Falar em metodologias, se refere a aprender filosofia de modo significativo para a formação e sua vida, a intenção não é de reproduzir o ensino no aspecto explicativo e sim um ensino de filosofia que esteja aberta ao aprender. É nessa perspectiva que será analisada a metodologia tertúlia aplicada pela Escola de Tempo Integral. A conexão interna entre conteúdo e método deve tornar-se evidente, que o estudante tenha se apropriado significativamente de um determinado conteúdo filosófico, significa, ao mesmo tempo, que ele se apropriou conscientemente de um método de acesso a esse conteúdo. Pois o ensino de tempo integral tem como base os quatro pilares da educação, a saber: Aprender a conhecer; Aprender a fazer; Aprender a conviver e aprender a ser. Portanto, esse projeto prepara o jovem para ter iniciativa, liberdade, compromisso, respondendo aos desafios do mundo contemporâneo de maneira autônoma, solidária e competente.

Palavras-chave: Ensino. Autonomia. Metodologia. Filosofia. Tertúlia.



A TRAJETÓRIA DA FILOSOFIA NO ENSINO: RAZÕES QUE DEFENDEM SUA PERMANÊNCIA NO ENSINO MÉDIO.

Wenderson Carlos dos Anjos Asevedo
Orientador: Prof. Dr. Helder Passos

RESUMO: O objetivo do artigo é apresentar uma breve história da trajetória da Filosofia no Brasil, inserida em um contexto cíclico de idas e voltas no ensino escolar. Busco analisar também as motivações políticas por trás do processo de inclusão e exclusão da disciplina no currículo. Marcada por razões ideológicas de diferentes gradações, que nunca tiveram o compromisso do desenvolvimento do pensamento crítico, mas como doutrina à sombra da Teologia, cabe rever sua importância no cenário educacional brasileiro. É preciso analisar seu papel interdisciplinar, de modo que, os conteúdos não estejam apenas integrados às outras áreas do conhecimento, mas que possuam autenticidade à luz da especificidade filosófica. Por último, proponho aos discentes, docentes e amantes da filosofia um alerta, para que mais uma vez a filosofia não sofra o efeito vai e vem no ensino escolar brasileiro.

Palavras-chave: Trajetória, Filosofia, Educação, Ensino Médio, Permanência.



TEMPO E NARRATIVA: UM PERCURSO NA HERMENÊUTICA DE RICOUER

Itasuan Antonio Pires Ferreira
Universidade Federal do Maranhão
tasuan2@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Oliveira
rcoliveira30@gmail.com

RESUMO: O presente artigo visa analisar os conceitos de tempo e narrativa na obra de um filósofo francês, Paul Ricoeur, “*Do texto a ação – ensaios de hermenêutica II*”, onde se objetiva abordar o conceito de tempo em Aristóteles como também em Agostinho, no qual resulta numa nova perspectiva para Ricoeur. E a partir desse resultado fazer uma relação com o ser-aí em Heidegger, o qual é de fundamental importância tendo em vista uma abertura para o mundo, isto é, o mundo em que o ser é, o quem que é no mundo, e o modo de ser-em si mesmo. Para a segunda parte na qual se aborda a narrativa, recorre-se a uma outra obra do filósofo, “*Tempo e Narrativa – Tomo I*”, onde ela discorre a respeito do tempo e narrativa – a tríplice mimese. Assim, esta é a maneira como respectivamente será analisado este trabalho: tempo, ser-aí e concluindo com a narrativa.

Palavras-chaves: Paul Ricoeur, Hermenêutica, Tempo, Narrativa, Ser-aí.



A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: UMA DISCIPLINA NECESSÁRIA

Eva Martins Barros Duarte
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: A Filosofia tem como principal objetivo formar cidadãos críticos e autônomos, sendo, portanto, uma disciplina necessária no ensino médio, tendo em vista, que abrange uma importante fase da vida, a adolescência, a qual necessita de conhecimentos pertinentes à Filosofia que, são fundamentais na formação humana. Portanto, diante da preocupação de professores, alunos e profissionais da educação de nosso país, especialmente, com relação à nova grade curricular do ensino médio, que retira a obrigatoriedade de algumas disciplinas, entre elas, a Filosofia, que mais uma vez foi colocada de forma optativa, e ainda, das ameaças da retirada definitiva da Filosofia das salas de aula, faz-se necessário buscar respostas para a seguinte questão: Por que a Filosofia é uma disciplina necessária no ensino médio? Nesse sentido o presente artigo propõe tratar a importância da Filosofia no ensino médio, analisando seu contexto histórico, desde sua implantação até os dias atuais, enfatizando a realidade do ensino da Filosofia nas salas de aula. A pesquisa utilizada, apoia-se nos textos estudados em sala de aula, dos autores, Sílvia Gallo, Walter Omar Kohan e outros, bem como, a pesquisa de campo realizada nas escolas e apresentadas em sala, através de relatórios, como atividade da disciplina de Práticas Investigativas em Filosofia II do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão cursada no primeiro semestre de 2019.

Palavras-chave: Filosofia – formação – ensino médio - educação - realidade



O SENTIMENTO TRÁGICO DE UMA ESPANHA INVERTEBRADA: OS IMPASSASES DA MODERNIDADE ESPANHOLA SEGUNDO GASSET E UNAMUNO

Walter Pinto de OLIVEIRA NETO
Orientadora: Ma. Jeanne Sousa da SILVA
UEMA/CNPq
Walteroliveira16@outlook.com

RESUMO: Segundo Carlos Serrano (2000, p. 13), “Unamuno y Ortega eran vistos como los dos soles mayores de esas constelaciones”, isto é, as duas grandes mentes ibéricas do seu tempo. Cada uma delas vislumbrava a reestruturação da Espanha de maneiras distintas. Unamuno insistia em que só através do povo, do passado e da reflexão individual que *Castilla* voltaria à “glória”; ao mesmo tempo em que Ortega defendia que o país nunca sairia do seu letargo decadente até que o *pueblo* deixasse aos “indivíduos superiores”, ou seja, aos *Aristócratas*, comandar em prol do bem absoluto. Nesse sentido, esse trabalho pretende analisar os elementos da filosofia raciovitalista de Ortega y Gasset, em comparação com a intra-histórica de Miguel de Unamuno, tencionando encontrar, assim, as similitudes e disparidades dos dois pensadores espanhóis mais influentes da primeira metade do século XX. Para analisar as reflexões e propostas de ambos os intelectuais, faremos uso, no caso de Ortega, dos ensaios que tratam a realidade espanhola, focando em *Meditaciones del Quijote* (1914), *El Espectador* (1916), *España invertebrada* (1921) e *La rebelión de las masas* (1929); e no caso de Miguel de Unamuno, principalmente, *En Torno al Casticismo* (1895) e *Del Sentimiento trágico de la vida* (1912), além de artigos publicados em jornais que versam sobre problemáticas variadas de uma Espanha em plena estagnação histórica. Além dos dois autores mencionados previamente, utilizaremos os estudos de outros filósofos como Antoine Compagnon e sua obra *Os Antimodernos* (2005), e *O discurso filosófico da modernidade* (1985) de Jürgen Habermas, os quais examinaram numa perspectiva contemporânea os impasses da modernidade. A metodologia utilizada foi a bibliográfica de cunho qualitativo, uma vez que a pesquisa qualitativa permite uma interação mais dinâmica entre a objetividade do objeto e a subjetividade do leitor (CHIZZOTTI, 1991). Esse trabalho, portanto, visa ainda ampliar as discussões em torno de dois arquétipos filosóficos certamente antagônicos, mas que encontram pontos de conexão no desejo vital do renascimento nacional.

Palavras-chave: Modernidade. Filosofia. Gasset. Unamuno.



CÁLCULO PROPOSICIONAL E LÓGICA DE PRIMEIRA ORDEM: ENCONTRO DA FILOSOFIA COM A MATEMÁTICA NO ENSINO MÉDIO

Cristiano Capovilla
Doutorando e Prof. de Filosofia do COLUN-UFMA/PIBIC-CNPq
capovillacristiano@gmail.com

RESUMO: Entrelaçamos as disciplinas de Filosofia e Matemática por intermédio da Lógica Simbólica presente no currículo do 2º ano do Ensino Médio do COLUN-UFMA. O objetivo foi levar os alunos envolvidos a relacionar, no conteúdo do Cálculo Proposicional e de Predicados, a contribuição ao desenvolvimento do raciocínio matemático e computacional. Relacionamos os Silogismos Categóricos com o Quadrado das Oposições e deste com os Quantificadores Proposicionais. Utilizamos uma interpretação da Teoria dos Conjuntos que admite propriedades semelhantes ao Cálculo Proposicional. Portanto, tecemos condições para os alunos perceberem a correspondência teórica e prática entre as disciplinas, enriquecendo suas habilidades de raciocínio, despertando talentos potenciais entre estudantes do ensino médio.

Palavras-chave: Filosofia. Lógica-Matemática. Interdisciplinaridade. Ensino Médio. Aprendizagem.



IDENTIDADE E IGUALDADE EM RANCIÈRE

Diego Fernando Perez Burgos
PhD. Ernani Chaves
Mestrando em filosofia UFPA
diegoperezburgos@hotmail.com

RESUMO: A presente comunicação tem como objetivo descrever o problema da política como modos de subjetivação segundo Jacques Rancière. Para atingir esse propósito, em primeiro lugar vai se argumentar sobre a distinção que faz Rancière entre polícia e política como duas formas de comunidade, a primeira baseada numa ordenação taxativa dos papéis e funções dos sujeitos e a segunda, como uma perturbação dessa distribuição através de afirmação da igualdade. Em segundo lugar, vai se analisar as consequências de falar de modos de subjetivação no sentido de designar a questão do sujeito como um processo e não como um estado e como um processo múltiplo de reconfiguração de experiências. Em terceiro lugar, vai se mostrar que para Rancière os modos de subjetivação têm a ver com instâncias de desidentificação que diz respeito as atribuições de papéis que estabelece a gestão policial da comunidade. Nesse sentido, Rancière discute com as propostas teóricas que argumentam que a ação política está baseada na configuração de identidades. Por último, vai se estabelecer que o objetivo da política como modos de subjetivação é possibilitar que novos sujeitos sejam capazes de se ocupar pelos assuntos comuns, assim a subjetivação não é a reivindicação de direitos que diz respeito a uma afetação identitária.

Palavras-chave: Identidade, Igualdade, Política, Policia, Rancière



O ESTADO DE EXCEÇÃO AGAMBENIANO EM RUBIÃO: ENTRELAÇOS ENTRE LITERATURA E DIREITO

Priscila Karina Santos Moreno
Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante
Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão
E-mail: dinoufma@gmail.com

RESUMO: O projeto estético e ético de muitos escritores brasileiros se dedica em revelar uma crise da sociedade hodierna, de cunho existencial, sociocultural e político. Deste modo, o escritor oferece um panorama de problemas sociais e humanitários que transformam o espaço da obra em um campo de sobrevivência. Em diálogo com a teoria do *Estado de Exceção* e com o conceito de *Vida Nua*, do filósofo Giorgio Agamben, o conto Botão de Rosa (1974), de Murilo Rubião, parece se investir da ideia de *Estado de Exceção de Direito*, proclamada primeiramente por Walter Benjamin, e retomado como construção da teoria Agambeniana. Por meio de revisão bibliográfica, abordagem qualitativa e caráter exploratório e, revisitando os conceitos de *Estado de Exceção de Direito*, *Biopolítica*, *Vida Nua*, *Campo e Homo Sacer*, dos estudos de Giorgio Agamben, visamos expor como as lógicas de opressão das estruturas soberanas encontram no Direito a sua legitimidade, no desenrolar das ações da trama examinada. Outros autores, como Foucault e Arendt também serão contemplados para a compreensão da Exceção. Para a análise crítica-literária da obra elegemos o método de Antonio Candido e Alfredo Bosi.

Palavras-chave: Literatura, Direito, Estado de Exceção.



KANT E A CRÍTICA À METAFÍSICA DOGMÁTICA E AOS SEUS DEVANEIOS

Bruno Bogéa Graduando em Filosofia UFMA
Vinculado Ao GEPI/KANT/UFMA/CNPq
Coordenado pela Prof. Zilmara de Carvalho

RESUMO: A presente comunicação pretende elucidar a forma de como a metafísica será concebida na filosofia de Immanuel Kant, por conseguinte, em seu sistema crítico, que, portanto, inicia-se com a publicação da crítica da razão pura em 1781. Assim, essa crítica da metafísica, por assim dizer, empreendida pelo filósofo da Prússia, tem como pretensão não à sua eliminação - haja vista que Kant não simpatizava com o ceticismo empírico, tal como o fez David Hume, e, outrossim, acredita ser possível tal metafísica – mas o de estabelecer seus limites, e, nessa perspectiva, dar-lhe uma destinação legítima. Desse modo, no escopo do tribunal da razão crítica, a metafísica não enveredará, através do uso especulativo da razão, em demonstrar o que não é passível de conhecimento, sob pena de cair em devaneio, dogmatismo e antinomias. Sendo assim, qual seria tal destinação dada por Kant? E como seria possível a metafísica na filosofia do pensador alemão? Eis o que objetiva-se responder.

Palavras-chave: Metafísica. Dogmatismo. Crítica. Ceticismo. Kant.



A POSTURA RORTYANA DIANTE DE VERDADES (ABSOLUTAS) EM TEMPO DE NOTÍCIAS FALSAS (*FAKE NEWS*)

Lucas Emanuel Marques Rabêlo

Orientador: Prof. Dr. Aldir Araújo Carvalho Filho

llucasrabelo@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: Esta comunicação objetiva apresentar algumas considerações a respeito da relação entre verdade, contingência, liberdade e notícias falsas (*fake news*) a partir do neopragmatismo de Richard Rorty, como forma de ampliar o entendimento de que a verdade só pode ser viabilizada numa sociedade onde a liberdade dos indivíduos esteja assegurada. Ao apresentar seu modelo de intelectual favorito, o “ironista liberal”, Rorty expôs uma compreensão a respeito da verdade: como nada escapa ao tempo e ao acaso, o que inclui todos os vocabulários, os olhos do ironista só conseguem vê-la como não estacionária (ou provisória), submetida ao movimento inelutável da contingência. O ironista crê que seu próprio “vocabulário final” (o que usa presentemente) não deve ser encerrado em si mesmo, pois a todo instante há transformações na realidade e novos vocabulários sempre podem ser apropriados a partir de fontes diversas. Pensar em uma Verdade última e imutável é assumir o papel do Absoluto. Mas *como ter a certeza última de algo?* Rorty nos propôs a inviabilidade prática de uma crença de tipo absolutista. Inversamente, ao assumir a tarefa de sua autocriação ou autoredescrição, o indivíduo que se empenha deliberadamente para isso, o ironista, assume que verdades conhecidas podem ser transformadas, justamente por serem contingentes. Desta feita, enfatiza a ideia de que nada pode ser assumido de forma definitiva, isto é, absoluta e não contextual. O mundo é formado pela pluralidade de pessoas, coisas, ideias e interesses divergentes. Diante desse plano de fundo, surge o problema (sobretudo político) das notícias falsas (*fake news*), que nos últimos anos têm influenciado de maneira significativa a sociedade brasileira, notadamente os processos eleitorais mais importantes e, possivelmente, inviabilizando a autocriação dos indivíduos *livres*. O foco desta comunicação é que não é a crítica dos metafísicos ao ironismo rortyano o que efetivamente valoriza a verdade, pois Rorty nos mostrou que não é o “cuidado filosófico com a verdade” que *viabilizará a liberdade*, mas, ao contrário, é o “cuidado político com a liberdade” que *possibilitará melhores critérios de verificação da verdade das notícias, versões e vocabulários*. É por isso que numa sociedade sequestrada por notícias falsas se torna cada vez mais urgente a *necessidade da defesa política da liberdade*.

Palavras-chave: Ironismo. Verdade. Liberdade. Notícias Falsas. Neopragmatismo.



UM HISTORIADOR LENDO PAUL RICOEUR: OBJETIVIDADE INCOMPLETA E INTERSUBJETIVIDADE NA COMPOSIÇÃO DA VERDADE HISTÓRICA

Bruno dos Santos Nascimento
Orientador: Prof. Dr. João Batista Bitencourt
Universidade Federal do Maranhão
brunobs2098@gmail.com

RESUMO: O objetivo central dessa comunicação é expor alguns dos pontos levantados pelo filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) sobre o *metier* do historiador e a relação que este estabelece, epistemologicamente, com a noção de objetividade científica. A fonte utilizada será o texto da comunicação proferida pelo autor no ano de 1952, *Objetividade e Subjetividade em História*, durante a realização das *Journées Pedagogiques* de coordenação do ensino de filosofia e história na França, depois transcrita para composição do livro *História e Verdade* (1955). A preocupação de Ricoeur que queremos aludir aqui reside em estabelecer uma diferenciação da objetividade da história em relação às outras ciências num plano reflexivo, pois, como afirma o autor, a objetividade em um sentido estrito é aquilo que o pensamento metódico elabora, ordena, compreende e que faz compreender. Tal definição, em um primeiro plano não escapa a história científica, contudo, revela os traços do que o autor chama de uma objetividade incompleta, na medida em que se espera do historiador certo grau de subjetividade. O ponto de tensão dessa relação lacunar entre a objetividade da história e a subjetividade do historiador fará pulsar um tipo específico de epistemologia para a história, entendida por Ricoeur como mista. A subjetividade do historiador educa a objetividade da história, ao mesmo tempo em que, a objetividade da história exige uma subjetividade adequada à objetividade. Desse modo, é estabelecida uma diferenciação entre uma “boa subjetividade”, um “eu da pesquisa” e uma “má subjetividade”, um “eu patético”. Nota-se, portanto, o caráter ético no *metier* do historiador, uma vez que será exigida dessa subjetividade mista uma dialética entre o Mesmo e o Outro, uma simpatia/empatia com certas questões do passado, um compromisso com a verdade histórica que passa por um compromisso com a profissão e, em última análise, com a humanidade. A história, então, se compõe de uma intersubjetividade tensionada pelo rigor científico e pela ética historiográfica. A discussão levantada será conduzida pela reflexão sugerida pelo próprio filósofo em consonância com a exposição de um horizonte de interpretação que passa por esse compromisso ético e pela verdade da história sugerida no percurso da análise.

Palavras-chave: Filosofia. História. Verdade histórica. Objetividade. Intersubjetividade



A VERDADE SOBRE A “VERDADE”: UMA ABORDAGEM NEOPRAGMATISTA A PARTIR DE RORTY

Luandeson de Jesus da Silva

Orientador: Prof. Dr. Aldir Araujo Carvalho Filho

Universidade Federal do Maranhão

E-mail: luan10jesus@gmail.com

RESUMO: Esta comunicação visa a tematizar um dos aspectos mais conhecidos e polêmicos do pensamento de Richard Rorty (1931-2007), filósofo norte-americano (estadunidense) influenciado pelos autores clássicos do pragmatismo, especialmente William James e John Dewey: **a proposta de que a “discussão” sobre a verdade deveria ser abandonada.** Como pragmatista, Rorty defendia a discussão de assuntos mais relevantes para a melhoria da condição humana. No entanto, não é contraditório falar em “verdade” no pensamento rortiano. Mesmo vendo-se como um afiliado ao pragmatismo, mas, ao seu próprio modo, neopragmatista, Rorty discutia o tema da verdade, pois isso significava falar da realidade, o que era indispensável para ele. Mas não colocava essa discussão como centro da sua filosofia, também não buscava criar uma teoria: ele inclusive alertava aos seus leitores que não procurem uma nova, ou melhor, teoria sobre “a verdade”, pois essa busca levaria à frustração. Assumindo uma posição não fundacionista, Rorty afirmava que sua filosofia é antes terapêutica do que construtiva. No pensamento rortiano, a verdade tem estreita ligação com o que é ou pode ser justificado pela linguagem. O autor coloca a necessidade de fazer a distinção entre a afirmação de que o mundo está dado e a de que a verdade está dada. Afirmar a existência do mundo, assumindo que não o criamos, significa dizer que a maioria das coisas no espaço e no tempo são efeitos de causas que não incluem os estados mentais humanos. O mundo existe, mas não as descrições do mundo. Nós descrevemos o mundo, e somente essas descrições podem ser verdadeiras ou falsas. Dessa forma, a verdade não pode existir independentemente da mente humana, pois as frases não podem existir dessa maneira. Sem o auxílio das atividades descritivas humanas, não faria sentido falar em uma verdade, ou melhor, não há verdades fora de qualquer que seja a descrição, já que o mundo em si não emite verdades ou falsidades. O mundo não fala. Podemos sustentar convicções a partir de uma certa correspondência com o mundo (por exemplo: “o céu é azul”), no entanto, isso não significa que o mundo nos propôs uma verdade. Rorty afirmou que é difícil pensar que algum vocabulário já exista no mundo, à espera de que o descubramos. Essa posição de Rorty é uma contrapartida da sugestão de que “a verdade existe” assim como “o mundo existe”. Essa posição sobre a “existência da verdade” é o legado de uma era em que o mundo era visto como a criação de um Ser que tinha linguagem própria. O erro, apontado por Rorty, era tentar compreender essa linguagem não humana e passarmos a acreditar que uma frase é verdadeira por meio da afirmação de que o mundo se divide, por iniciativa própria, em formas de frases chamadas “fatos”. Agarrar-se à ideia de que os fatos subsistem por eles mesmos, implicaria a possibilidade de começar a tratar a “verdade” como “Verdade”, ou algo idêntico a Deus. De acordo com Rorty, o mundo não pode propor uma linguagem para falarmos, assim, ele não é produtor de verdades ou falsidades, nós é que o somos.

Palavras-chave: verdade, linguagem, antifundacionismo, mundo e neopragmatismo.



BERTRAND RUSSELL OU A VIRTUDE DO CETICISMO

Autor: Adonay Ramos Moreira

Orientador: Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFMA

E-mail: fernandodrummond74@yahoo.com

Coautora: Francimildes Carvalho Queiroz

Orientadora: Profa. M.a. Bruna Barbieri Waquim

Pós-graduanda em Direito da Família, da Infância e Juventude da UNDB

E-mail: francarvalhoqueiroz@gmail.com

RESUMO: Conhecido mundialmente por sua atuação política e por sua contribuição à lógica matemática, o filósofo britânico Bertrand Russell é um dos intelectuais modernos mais influentes de todos os tempos. Ganhador em 1950 do Prêmio Nobel de Literatura, sua vasta obra é um dos testemunhos mais vívidos dos labirintos pelos quais a política, a filosofia e a matemática percorreram durante o final do século XIX e o conturbado século XX. O presente trabalho tem como objetivo analisar o ceticismo presente em sua obra, doutrina essa que lhe atribuiu uma vivacidade poucas vezes vista no pensamento moderno. Para tanto, serão utilizadas as obras “Ensaio cético” e “O elogio ao ócio”, cuja leitura comprovam essa vertente de seu pensamento. A metodologia empregada é a revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Filosofia. Virtude. Ceticismo. Política. Pensamento.



DESCARTES E A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO FILOSÓFICO DA MODERNIDADE: DA VERDADE SEM SUJEITO AO SUJEITO DA VERDADE.

Edvan Wilson Ferreira Pinto
Instituto Federal do Maranhão
edvanferreira@ifma.edu.br

RESUMO: A proposta desse trabalho consiste em analisarmos as novas bases de construção do pensamento moderno a partir do debate epistemológico iniciado com o deslocamento fundamental no pensamento científico estabelecido com o filósofo francês René Descartes (1596-1650). A questão central será apresentar o conceito do sujeito que fundamenta por meio de sua autoconsciência o conhecimento da verdade, pois tal aspecto demarcará uma ruptura do pensamento cartesiano com toda uma ordem tradicional do saber filosófico passando pelos clássicos do pensamento grego até a escolástica medieval. O projeto de Descartes era construir uma ciência universal, mas com o sujeito como causa originária de sua verdade, isto é, agora o homem seria tomado enquanto instância originária da verdade, e isso demarcou nas palavras de Bittencourt (2017), o “fim” do mundo antigo, e o nascimento do mundo moderno. Assim, considerando essa mudança proposta por Descartes no que tange ao conhecimento e sua verdade, será necessário em seu projeto colocar a liberdade da razão, o que significa dizer que, ela não pode submeter-se a nenhuma autoridade ou à tradição, mas unicamente no fundamento indubitável do *cogito*, ou seja, na ordem racional do sujeito. Logo, através desse movimento de crítica a tradição filosófica e cultural, de inversão na ordem do saber, Descartes entende a filosofia por um movimento próprio, singular, de colocar em suspensão todos os conhecimentos adquiridos do passado, visto que, nas suas palavras ele esteve envolto a tantas dúvidas e erros, e por fim, ter descoberto a própria ignorância. Desta forma, em sua jornada em busca do conhecimento certo e indubitável, e estabelecer as bases sólidas para o conhecimento da verdade, Descartes abriu caminho para o processo de autocompreensão do sujeito da verdade, para a autonomia do sujeito pensante, pilar central da filosofia moderna e condição de entendimento de toda a crise estabelecida acerca da verdade na filosofia pós-moderna.

Palavras-chave: método, cogito, filosofia moderna.



O ESPETÁCULO DO APARECER: UMA LEITURA FILOSÓFICA SOBRE O TEATRO A PARTIR DO FILÓSOFO ROUSSEAU

Ana Beatriz Carvalho de Souza- UFMA/ Bolsista CNPq.
E-mail: canabeatriz03@gmail.com

Luciano da Silva Façanha

Elayne de Araujo Pereira - UFMA/ Bolsista CNPq.
E-mail: elaynearaujofilo@gmail.com
Orientador: Luciano da Silva Façanha

RESUMO: O cidadão de Genebra na Carta a D'Alembert aborda sobre os espetáculos afirmando que o teatro através das representações consiste em alimentar os prazeres das ociosidades por intermédios dos autores, em vista de que os autores na tentativa de atingir o público apresentam no palco tudo aquilo que existe na sociedade como salienta Rousseau, pois os espetáculos precisa ter a linguagem do povo para que possa ser aplaudida. Logo, o genebrino aponta que a não permissão dos espetáculos de comédia em Genebra pelo fato de que as representações teatrais ressaltam sobre a sociedade degenerada, causando efeitos que estão longe do educar os homens. Dessa forma, objetiva-se nesse trabalho analise a respeito do teatro, visando a questão das representações que levam o filósofo ponderar críticas sobre os espetáculos na cidade de Genebra.

Palavras-chave: Educação. Teatro. Verdade. Cidadão. Homem.



KANT E A VERDADE POR DEVER

Mickael dos Santos Costa
mickaellcosta@gmail.com

Mestrando em Cultura e Sociedade-PGCULT- UFMA
Agência de Fomento-FAPEMA

Orientadora: Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho
ziljesus@yahoo.com.br

RESUMO: Na *Fundamentação da metafísica dos Costumes* Kant explica que uma ação verdadeiramente moral é incondicionada, determinada unicamente pelo princípio formal, segundo o qual se deve proceder sempre de maneira que se possa querer que a máxima da ação se torne uma lei universal. Neste sentido, ser verdadeiro por dever é algo distinto de sê-lo apenas com receio das consequências. Além disso, conforme Kant escreve na *Metafísica dos Costumes* a mentira é a maior violação do dever de um ser humano consigo mesmo meramente como um ser moral, sendo esta uma inverdade intencional, trata-se de “um crime de um ser humano contra sua própria pessoa e uma indignidade que deve torná-lo desprezível aos seus próprios olhos” (KANT, 2003, p.272). Evidentemente que a posição kantiana quanto ao dizer a verdade não esteve livre de críticas, uma delas foi a do filósofo francês Benjamin Constant que chegou a afirmar que “o princípio moral que declara ser um dever dizer a verdade, se alguém o tomasse incondicional e isoladamente, tornaria impossível qualquer sociedade”(KANT, 1985, p.118). Em resposta, Kant publicou *Sobre um suposto direito de mentir por amor à humanidade*. Deste modo, o presente trabalho tem por objetivos: Apresentar a resposta de Kant à crítica do filósofo francês Benjamin Constant, Explicar o conceito de dever na filosofia de Immanuel Kant e Esclarecer a compreensão da mentira e as suas consequências, bem como, o dever de dizer a verdade como ação moral.

Palavras-chave: Kant. Dever. Verdade. Mentira. Moralidade.



APONTAMENTOS ACERCA DAS QUESTÕES LÓGICAS E METAFÍSICAS NA RELAÇÃO ENTRE INFINITO E FINITO NA OBRA *DIFERENÇA ENTRE OS SISTEMAS FILOSÓFICOS DE FICHTE E SCHELLING*, DE HEGEL.

Cristiano Capovilla
Doutorando e Profº Filosofia do COLUN-UFMA/CNPq
capovillacristiano@gmail.com

RESUMO: Neste ensaio pretendemos demonstrar que o debate que o jovem Hegel realiza com Fichte na obra *Diferença entre os sistemas filosóficos de Fichte e Schelling*, de 1801, expõe que o rebaixamento da razão pelo entendimento e a reflexão provoca a cisão entre os conceitos do infinito e finito, incondicionado e condicionado, *Sein* e o *Dasein*, argumentando sobre a imperiosa necessidade de superá-la. Interessa-nos, particularmente, expor como hipótese de interpretação dos argumentos hegelianos, os pressupostos lógicos e metafísicos que balizam a questão da analiticidade dos primeiros princípios, levando em consideração as conjecturas sobre a prova ontológica da existência de deus, de Santo Anselmo da Cantuária, o princípio da causalidade de Hobbes e da razão suficiente de Leibniz.

Palavras-chave: Dialética. Razão. Entendimento. Infinito. Finito



O PROBLEMA DA VERDADE E A POLÊMICA KIERKEGAARD-HEGEL

Maria Natalia Mendes
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
Bolsista de Doutorado: CAPES/PROSUP
natalia.nmt@gmail.com

Orientador: Álvaro Valls

RESUMO: A Berlim dos anos 1840 assistiu a uma *crise de identidade*¹ da Filosofia diante da derrocada do programa fundacionalista dos idealistas² e da ascensão das ciências empíricas levando a questionamentos sobre método e objeto, forma e conteúdo da Filosofia. Na assíntota deste movimento estava Kierkegaard, ao norte do continente, em terras escandinavas, mas não distante – embora, certamente, em certo sentido, apartado - querendo não apenas mostrar a insuficiência do criticismo dos neohegelianos em deter padrões universais a partir de uma análise historicista, mas especialmente desvelar diretamente ao indivíduo-leitor as autoalienações éticas, psicológicas e epistemológicas de sua própria condição existencial a partir de um método diretivo e pessoal: pela voz de seus narradores-personagens, os pseudônimos³. Este método questionava a própria concepção de Verdade, das teorias tradicionais de Aristóteles a Kant – mas certamente não de Sócrates – e, principalmente, de Hegel. A despeito deste cenário, o embate de Kierkegaard, sobre o problema da adequação da Verdade, é propriamente com Hegel. No sistema, Ser e Pensamento assumem a mesma identidade; Objeto se conforma ao Sujeito; a verdade é adequação absoluta entre o sujeito cognoscente e o ente a ser conhecido. Hegel aponta identificação, portanto, onde Kierkegaard demonstra relação disjuntiva intransponível. A distinção entre Ser *ideal* e Ser *factual* apontada por Kierkegaard, sob a pena de *Climacus* é, em Hegel, operada pela transição de um para o outro; pela identificação absoluta entre eles. Kierkegaard rejeitava uma ontologia que pressupunha co-extensividade entre Ser e Pensar, concluindo pela radical diferença entre a existência *qua* existência e a existência enquanto pensada. Ao ser representada no intelecto, a existência é transmutada em conceito e, como tal, em Possibilidade, mas não em Atualidade (*Wirklichkeit*). Portanto, é impossível construir teoricamente um “Sistema da Existência” dado que ele teria que ser visto *sub specie aeternitatis*⁴, isto é, a partir de onde o ideal não pode ser outra coisa se não o próprio ser *qua* ser. A existência é qualitativamente diferente do pensamento e não pode ser conhecida ou pensada pelo sujeito no interior da existência sem a qualidade do *ideal*. O ser pensado não é o ser real, é o possível; um ser mental: “assim, eu sempre raciocino desde a existência, não em direção à existência, quer me mova na esfera do fato sensível palpável ou no reino do pensamento” (KIERKEGAARD, 2011, p.68). A radicalização da

¹ Termo utilizado e cunhado por Herbert Schnädelbach em seu *Philosophy in Germany, 1831-1933*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

² O objetivo era arrogar à Filosofia a qualidade de fundadora e sistematizadora das Ciências, como proposta por Reinhold (em *Elementarphilosophie*); Fichte (*Wissenschaftslehre*); Schelling (*System der gesamten Philosophie*) e Hegel (na *Enzyklopadie*).

³ Kierkegaard utilizava pseudônimos em boa parte de seus escritos por conta da dimensão não objetivo-comunicacional de sua filosofia. Embora ele próprio tenha declarado, algumas vezes, que o que os pseudônimos dele afirmam não é necessariamente o que ele afirmaria (sobre esta discussão cf. WESTHPHAL, 1996), utilizaremos, na maioria das vezes, após identificar o pseudônimo, o nome do próprio autor, pois é dele que estamos falando enquanto sujeito histórico. Por isso, aqui aliamos as falas de *Anticlimacus* com *Haufnienensis*, *Johannes de Silentio*, *Climacus*, A e B do editor *Victor Eremita*, e as que Kierkegaard assina diretamente como os *Journals* e nas obras póstumas.

⁴ I.e., “do ponto de vista da eternidade” (CUP1, p. 118-126 / SKS 7, 114-120).



filosofia kierkegaardiana ante à hegeliana é que, o pensador da existência é, antes de tudo, um existente refletindo a partir dela e não, ao menos objetivamente, sobre ela. Ao ser o objeto da Filosofia o próprio sujeito, como podem os métodos das ciências empíricas, o positivismo filosófico, que olha o objeto de forma estática, servir para acessá-lo? Ou, nas palavras de Kierkegaard, como comunicar aspectos da existência na forma do pensamento objetivo? A essência da Verdade não se perde em tal transição? Esta digressão nos leva a entender por que Kierkegaard, acusado apressadamente de ser um *irracionalista*, *subjetivista* e *relativista* fazia uma distinção entre Verdade Objetiva e Verdade Subjetiva; os objetos do pensador objetivo e subjetivo; e a *forma* da comunicação desses *modos de ser da verdade*. Diante deste cenário vemos que, já em seu tempo, com o desmoronamento do Sistema, o problema do fundacionismo, a crise de identidade da *Filosofia*, a verdade estava em crise junto com a Filosofia e seu inquieto lugar no escopo das Ciências. O desígnio investigativo desta apresentação é, portanto: como então, ao se distanciar de Hegel, Kierkegaard propõe uma *teoria da verdade* que fundamente não apenas a Filosofia, mas o *olhar do filósofo* para os problemas da existência; sob a signa de que as ciências objetivas, o formalismo e o positivismo filosófico são privados, pelo próprio método e forma, do acesso à regiões determinadas da realidade [*Virkelighed*]?



AS POSSIBILIDADES DO CONHECIMENTO DA VERDADE NO PENSAMENTO DE SANTO AGOSTINHO

Alexandre Moura Lima Neto

Orientadora: Profa. Dra. Klautenys Dellene Guedes Cutrim
UFMA (Mestrando Interdisciplinar em Cultura e Sociedade)
alexandrenetoadv@hotmail.com

Klisman Lucas de Sousa Castro

Orientador: Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha
UFMA (Mestrando Interdisciplinar em Cultura e Sociedade) / CAPES
klismanlucas1995@gmail.com

Mickael dos Santos Costa

Orientador(a): Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho
UFMA (Mestrando Interdisciplinar em Cultura e Sociedade) / FAPEMA
mickaellcosta@gmail.com

Moisses Bacelar Campelo

Orientadora: Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho
UFMA (Mestrando Interdisciplinar em Cultura e Sociedade)
mocamoisses@gmail.com

RESUMO: Agostinho é considerado o primeiro filósofo cristão medieval e teve seus primeiros encontros com a filosofia através das obras de Cícero, que o colocaram em contato com o ceticismo filosófico, o que o fez levantar questões sobre as possibilidades de conhecer a verdade e qual caminho pode-se trilhar para alcançá-la. Em resposta ao ceticismo acadêmico, o bispo de Hipona argumenta, no livro III da obra “Contra Acadêmicos”, as possibilidades do conhecimento das verdades lógicas e matemáticas, do mundo fenomenal e do conhecimento interior. Assim, este trabalho tem por objetivos ressaltar as argumentações dos acadêmicos sobre a impossibilidade do conhecimento da verdade, apresentar as refutações agostinianas e compreender como se conceitua a verdade no pensamento de Agostinho e os meios para alcançá-la.

Palavras-chave: Agostinho. Verdade. Ceticismo. Conhecimento. Filosofia



O ENSINO DE FILOSOFIA COMO PRÁXIS EDUCATIVA NA FORMAÇÃO DA AUTONOMIA DOS DISCENTES

Débora Cristine Fernandes Oliveira dos Santos
Universidade Federal do Maranhão
dboracriss@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Marly Cutrim de Menezes

RESUMO: Compreendendo que a educação escolar emerge com um papel fundamental para a compreensão e a formação dos indivíduos inseridos neste contexto, observa-se os estudos que tratam da relação da filosofia e a prática escolar. Este trabalho propõe o estudo, a partir da concepção de autonomia de Paulo Freire que considera que a educação deve possibilitar os meios para estimular a decisão e autonomia nos alunos. Educar para autonomia requer criar condições para mudanças nas estruturas e processos sociais, culturais, econômicos ou políticos. Para isso, sugere-se a proposição de uma pesquisa que visa a problematização do conceito de autonomia de Paulo Freire associado ao pensamento da fenomenologia existencial, que pressupõe a participação do indivíduo inserido no mundo e enquanto participantes deste pode pensar em sua realidade e transformá-la. Nesta pesquisa aponta-se outros caminhos para que a filosofia possa elucidar e desenvolver um ambiente transformador e instigador da realidade escolar e esta tem por lócus, uma escola pública que se enquadra na Zona Rural do município de São Luís, do estado do Maranhão, Centro de Ensino Professor Ezelberto Martins.

Palavras-chaves: Ensino. Filosofia. Práxis. Autonomia.



SPINOZA E O SUICÍDIO: SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DE DESEJAR MATAR A SI MESMO.

Fabiola da Silva Caldas
Universidade Estadual do Maranhão
Fabiolacaldas04@hotmail.com

RESUMO: A Ética de Spinoza é voltada para a alegria, marcada pelo contentamento intelectual e pela liberdade individual e política. Todas as coisas singulares são modos pelos quais a potência de Deus é exprimida de forma definida e determinada e por meio da qual existe e age. Na proposição 6 da parte III, da Ética, Spinoza introduz o conceito do conatus ao afirmar que: “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser”. O esforço de cada coisa singular atua para garantir e manter sua existência. Logo, se não existe nela mesma nada que a possa destruir, todo seu esforço ocorrerá no sentido de se opor a tudo que ameace a sua existência. O esforço de cada coisa tende indefinidamente por se conservar na existência. Desse modo, poder escolher entre viver ou morrer apresenta-se como uma ilusão nos momentos em que a potência de vida é suplantada por eventos externos. Nesse trabalho buscaremos demonstrar a impossibilidade do suicídio em Spinoza, tese apresentada na parte IV da Ética, mais especificamente na proposição 20, onde a ideia de matar a si mesmo aparece relacionada a coerção causada por forças externas ao indivíduo, pois considerando que o esforço para perseverar na existência faz parte da essência das coisas e que há uma espécie de determinismo que delimita as escolhas e a potência de cada um, nenhum indivíduo pode ter em si mesmo um desejo que implique em seu aniquilamento. Desse modo, o suicídio ocorre mediante suplantação da potência do indivíduo por potências externas mais fortes, logo, não seria fruto do desejo do próprio indivíduo, mas resultados de determinações externas.

Palavras chave: Spinoza. Suicídio. Desejo. Conatus. Indivíduo.



O PROJETO DO FILÓSOFO COMO MÉDICO DA CIVILIZAÇÃO, COM BASE EM NIETZSCHE

Alyssa Crysthyne Lima da Silva
Graduanda do curso de Licenciatura Interdisciplinar
em Ciências Humanas/Filosofia - UFMA Campus
alyssa-crys@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Flavio Luís de Castro Freitas
Pinheiro – Bolsista FAPEMA

RESUMO: O presente trabalho visa mostrar resultados preliminares do projeto de pesquisa e do plano de trabalho iniciado em agosto de 2019, com o intuito de apresentar o projeto do filósofo como médico da civilização, tal qual é concebido Friedrich Nietzsche. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, teórico, qualitativa que objetiva analisar três obras relevantes acerca da temática, a quais são “ O livro do filósofo (1872-1875) ”, “A Gaia Ciência (1882) ” e a autobiografia do autor intitulada “ Ecce Homo (1908) ”, explicitando a solução para a “cura” da civilização, as necessidades de uma civilização e o papel do filósofo e da filosofia para essa civilização. Através dessa pesquisa pode-se extrair a relação entre a filosofia com a civilização, a arte como forma de valorização do próprio eu, o surgimento dos valores humanos, o espírito de artista (relatando o papel da arte em uma civilização) e a relação da filosofia com a saúde (que é denominada como a capacidade vital de se transformar) na qual trabalha a área em que o mesmo problematiza que a doença possivelmente foi inspiração para o filósofo, além da terapia filosófica contra um mal identificado como doença cultural, ressaltando as mudanças que ocorreram com o passar do tempo em cada uma dessas áreas até levar a filosofia para um caráter insignificante. Com base nisso, Nietzsche mostra o papel da filosofia como acessória de uma civilização, na qual o mesmo afirma que não é possível criar uma civilização, mas sim conserva-la, prepara-la ou modera-la. Desse modo, ele conclui o indispensável percurso de um filósofo em um âmbito cultural e civilizatório.

Palavras-chave: Nietzsche; filósofo; médico; civilização; filosofia.



METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE PALMEIRÂNDIA

Laíse dos Santos Silva Costa

lclaise@gmail.com

Graduanda do curso de Licenciatura Interdisciplinar
em Ciências Humanas/Filosofia – UFMA Campus Pinheiro

Orientador: Flavio Luís de Castro Freitas

RESUMO: O Projeto tem por objetivo compreender as marcas do processo de ensino (desafios e perspectivas) no Ensino Fundamental II nas áreas de Ciências Humanas - Filosofia na Unidade Escolar de Educação Básica Municipal José Carlos Muniz, com enfoque à utilização de metodologias diversificadas. Além de analisar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores do Ensino Fundamental II, da área de ciências humanas - Filosofia na U.E.E.B.M. José Carlos Muniz: identificar como ocorre o processo de ensino na U.E.B.M. José Carlos Muniz com ênfase às áreas de Ciências Humanas - Filosofia em meio às perspectivas, desafios, planejamento e práticas pedagógicas docentes; registrar as múltiplas metodologias utilizadas pelos professores de Filosofia em processo de ensino aprendizagem; compreender as marcas de efetividade das estruturas metodológicas diversificadas utilizadas pelos professores do Ensino Fundamental II na disciplina de Filosofia na U.E.B.M. José Carlos Muniz; apontar os resultados adquiridos na pesquisa contextualizando-os com os referenciais teóricos que justificam, contrapõem ou corroboram com tais práticas. A conjuntura metodológica a qual se pauta a pesquisa se constituirá a partir do método de pesquisa dialético, visto que, visa estabelecer discursos que retratem de maneira fiel e concreta as marcas do processo de ensino no Ensino Fundamental II na área de Ciências Humanas - Filosofia na U.E.B.M. José Carlos Muniz, dando ênfase à utilização de metodologias diversificadas em meio às contradições, desafios e perspectivas. Em se tratando de resultado, este se dará a partir de observações feitas de modo organizado com visitas diárias as aulas dos professores de Filosofia a fim de perceber como ocorre o ensino, quais as metodologias diversificadas, se há as metodologias diversificadas e dinâmicas, quais os recursos são incorporados às aulas, quais os principais desafios e perspectivas dos docentes e dos alunos quanto às aulas, se há efetivas aprendizagens, assim comparar os dados levantados na entrevista com a realidade em sala de aula. Já se tratando da análise documental, se fará uso dos planejamentos, diários e avaliações, a fim de se perceber a relação: articulação pedagógica, práticas de ensino, aprendizagens e capacidade da resolução das atividades avaliativas.

Palavras-chave: processo; ensino, filosofia, prática; pedagógica.



OS PRECONCEITOS E A VERDADE SEGUNDO KANT

Danielton Campos Melonio
UFMA/CAPES-FAPEMA
dasein.da@gmail.com

RESUMO: O filósofo prussiano Immanuel Kant foi professor na Universidade Albertina situada na cidade de Königsberg. Ele exerceu sua atividade docente entre os anos de 1755 a 1796, período em que ministrou quase 270 cursos aos estudantes daquela universidade. Algumas das lições desses cursos foram compiladas e publicadas no formato de livro. Este é o caso da obra *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, publicada em 1798, que reúne os cursos sobre antropologia ministrados pelo professor Kant durante sua atividade docente. O conteúdo de suas lições sobre Lógica também foi compilado e publicado nesse formato com o título *Manual dos cursos de lógica geral*, em 1800. E um dos temas discutidos pelo filósofo prussiano nessa obra (que chama atenção do autor desta pesquisa) é a questão dos *preconceitos*. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar o conceito de preconceito em Kant, a partir da leitura e interpretação da obra *Lógica*. A fim de realizar esta tarefa, em primeiro lugar, esta produção acadêmica expõe a definição de preconceito apresentada por Kant, relacionando com a questão dos juízos provisórios. Em seguida, discorre sobre as principais fontes dos preconceitos, a saber, a imitação, o hábito e a inclinação. Depois, se dedica a explanar sobre as espécies de preconceitos derivados da imitação, tais como o preconceito da autoridade da pessoa, preconceito da autoridade da multidão e o preconceito do amor-próprio ou do egoísmo lógico.

Palavras-chave: Verdade. Preconceito. Imitação. Uso passivo da Razão. Kant.



RAZÃO E CETICISMO: UMA PERSPECTIVA MONTAIGNIANA

Bruno Bogéa Graduando em Filosofia UFMA
Vinculado Ao GEPI/KANT/UFMA/CNPq
coordenado pela Prof. Zilmara de Carvalho

RESUMO: A presente comunicação tem como propósito explicitar a perspectiva de Montaigne à cerca dos nossos juízos, dado que para o filósofo não existe um juízo racional último e definitivo sobre a condição humana, tão poucos menos sobre as questões que permeiam essa. O humanista francês, perceberá tal pretensão em muitos espíritos brilhantes, por assim dizer, que anterior a ele e até mesma em seu contexto, acreditaram ter encontrado respostas sobre o homem, por conseguinte, do “Cosmos” de uma maneira geral, que, por sua vez, dogmatizaram em seus sistemas fechados, estou referindo-me, assim, a Platão, Aristóteles e Epicuro, que, segundo o filósofo francês, tendiam ao rol dos dogmáticos. Nesse sentido, resgatando a perspectiva cética dos gregos enquanto uma práxis reflexiva, o pensador de Aquitânia, vai justamente na contramão de tal tendência, pois segundo este, a existência, bem como as nossas idéias estão em um constante devir, logo, não existiria uma verdade última, tão menos um juízo eterno sobre o que conhecemos.

Palavras-chave: Razão. Dogmatismo. Ceticismo. Montaigne. Juízo.



A VERDADE NO JOVEM NIETZSCHE: A SABEDORIA DE SILENO E A LINGUAGEM

Brenda dos Santos Menezes
Universidade Federal do Maranhão- UFMA
brenda_menezes0@live.com

Orientadora: ProfA. Ms. Ellen Caroline Vieira de Paiva
ellencarolinev@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho compara hermenêuticamente duas reflexões sobre o problema da verdade na obra de Nietzsche da década de 1870. Em um primeiro momento, analisa-se a sabedoria de Sileno, aludida no 3º parágrafo de *O Nascimento da Tragédia* (1872) e as considerações do filósofo sobre *Verdade e mentira em um sentido extramoral* (1873). Em seguida, comparam-se ambas as questões, para que sejam evidenciadas nuances distintas da compreensão do autor sobre a verdade nessa década. Assim, em seu primeiro livro, Nietzsche caracteriza a verdade de Sileno como a autêntica sabedoria popular helênica. Para ele, é pela embriaguez do velho Sileno que ecoa a mais profunda sabedoria: o reconhecimento da efemeridade da vida humana, a convicção que o melhor para os homens seria o não-ser, ou seja, não ter nascido, mas como isso não seria possível a melhor saída seria a morte. Viver para o homem é absurdo, no entanto, apesar de o desespero que a consciência desta verdade transmite ao homem, este deve se permitir rir perante este pessimismo, pois este é vital e inevitável. A superação do pessimismo como confronto à verdade, a verdade última das coisas, como é afirmado pelo sábio Sileno, é inassimilável ao homem visto que ela conduz à aniquilação da vida. O reconhecer a necessidade de aniquilação como fundamento da vida e o reconhecer o lado negativo da existência, portanto, constitui assim uma manifestação da sabedoria dionisíaca. Por outro lado, em *Verdade e mentira no sentido extramoral*, Friedrich Nietzsche ao se opôr a supervalorização do homem em relação a si mesmo e a verdade, parte da crítica a ilusão do homem ao acreditar ser o centro do mundo, para chegar a problemática da verdade. Segundo ele, a faculdade do intelecto primordialmente surgiu no ser humano para a dissimulação e posteriormente, foi direcionada a busca a verdade, atendendo pois, uma necessidade coletiva: a verdade surge para impedir a tese de Hobbes sobre o homem em estado natural (guerra de todos contra todos). Ou seja, é uma imposição de cunho social com a objetivação de tornar a vida social possível. O impulso a verdade ocorre inicialmente como imposição através da linguagem. É somente dentro de um complexo linguístico que a verdade possui sentido, o qual impõe regras para que possam ser concebidas – dentro da linguagem- verdades e também mentiras. Então, segundo o autor, verdade e mentira só podem ser expressadas através de palavras. Nessa perspectiva, para Nietzsche o homem não odeia necessariamente a mentira, mas as consequências negativas do engano, da mesma forma em que ele não ama fundamentalmente a verdade, mas sim as consequências favoráveis provenientes dela. A verdade é pois, para o filósofo um conjunto de metáforas, metonímias, antropomorfismos, abstrações. A verdade é fictícia e ilusória. Não se faz possível estabelecer “verdade” somente a partir de percepções puras, pois não há correspondência direta entre palavra e “coisa”. Aquilo que convencionamos a verdade tem origem moral. Não é por meio de uma comprovação da verdade e da lógica que o valor de um conhecimento é estabelecido, mas por intermédio da moral é que surgem os critérios daquilo que é verdadeiro ou não. É possível pois, pela perspectiva denominada por Nietzsche como extramoral, criticar o impulso de conhecimento e de verdade. Em vista disso, o homem deve ter duas posturas:



antes de tudo tirar de dentro de si: a partir da linguagem, criar a verdade como uma “armadilha” filosófica; posteriormente, aceitar a verdade como ilusória, como pura ficção, mas aceitar que essa mesma verdade fictícia é provedora de vida. É por ela que a existência é criada. Pode-se afirmar, portanto, que as duas concepções de verdade (tanto a de Sileno quanto a verdade metafórica) relacionam-se através da arte. Na primeira com a arte a experiência da verdade está ligada à beleza, à aparência, já pela perspectiva extramoral, o desejo da verdade é criticado pois promove o esquecimento de que o homem é artista, criador da aparência.

Palavras-chave: Nietzsche, Verdade, Nihilismo, Linguagem, Arte



ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS: A VERDADE DA ESCRITA ÍNTIMA EM ROUSSEAU

Ariane Santos Ribeiro Melonio
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
arianesanrib@gmail.com
Luciano da Silva Façanha

Orientador: Luciano da Silva Façanha

RESUMO: Rousseau redigiu entre os anos de 1755 a 1776 um conjunto de escritos autobiográficos. No seu primeiro escrito autobiográfico, *Fragmento Biográfico* (1755-6), Jean-Jacques reconhece a dificuldade da escrita de si e no *Fragmento Meu retrato* expõe que este gênero de escrita é um novo serviço para prestar aos homens. No texto *As Confissões* (1764), além de falar de sua vida, o autor deseja que sua atitude sirva de exemplo e afirma que apresentará suas memórias de forma verdadeira. Segundo teórico Lejeune, em sua obra *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet* (2014), a exposição de Rousseau ao público por meio de seus escritos autobiográficos estabelece uma relação de verdade entre o escritor e o leitor, denominado por Lejeune de “pacto autobiográfico”. Nesse sentido, cabe ao autor escrever a verdade e ao leitor julgá-lo de forma honesta após concluir a leitura. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar em que medida os escritos autobiográficos são meios para falar de si e ser reconhecido como verdadeiro pelos outros em Rousseau. Este trabalho fundamenta-se nas leituras das obras autobiográficas do filósofo Rousseau e da obra de Lejeune, anteriormente citada. Sendo assim, para desenvolver o trabalho apresenta-se, inicialmente, os tipos de escritos autobiográficos utilizados por Rousseau. E por fim, discorre-se como o genebrino argumenta em favor do uso dessas escritas para essa finalidade.

Palavras-chave: Escritos Autobiográficos. Escrita Íntima. Verdade. Pacto autobiográfico. Rousseau.



HERMENÊUTICA E NIILISMO: O EFEITO FRIEDRICH NIETZSCHE

Hiago Chrisitan Cordeiro
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
hiago_aff@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Luis Hernán Uribe Miranda

RESUMO: A crise da Verdade é o que caracteriza de forma mais sucinta a pós-modernidade, pois em nosso tempo, o pensamento parece não mais exigir respostas totalizantes acerca das causas últimas, ou de saberes metafísicos. A morte de Deus constatada por Nietzsche, é o que marca o nascimento da pós-modernidade para Gianni Vattimo. Nessa ótica será o niilismo, em seu percurso histórico, que cumprirá o papel de enfraquecer todas as estruturas de “pensamento forte” do ocidente, dando abertura para o surgimento daquilo que Vattimo irá chamar de uma “hermenêutica com vocação niilista”, como uma chance para a filosofia de nosso tempo. Dito isso, é preciso então analisar como Vattimo vai se apropriar do conceito de niilismo nietzschiano, para poder entender sua formulação de uma ontologia fraca.

Palavras-chave: Nietzsche. Hermenêutica. Niilismo. Ontologia. Vattimo



CONSIDERAÇÕES ARISTOTÉLICAS SOBRE ENSINAR FILOSOFIA

Zeabel de Arruda Filho

Universidade Federal do Maranhão – UFMA / Capes
zeabelarruda.01@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Franciele M. S. dos Santos
franmonique@gmail.com

RESUMO: Neste texto elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica pretende-se apresentar algumas considerações de Aristóteles acerca do que é ensinar filosofia. Para tanto, as relevantes reflexões desse pensador acerca dessa temática sinalizam que, a princípio, todos os seres humanos naturalmente desejam conhecer (METAFÍSICA, I, I, 980a 22 - 980b 25); em seguida, ele pontua que esse desejo pelo conhecimento visa as causas primeiras conforme podemos observar na passagem que trata dos homens de arte “teóricos” e dos empíricos “práticos”. (METAFÍSICA, I, I, 981a 25 - 981b 5); adiante, o filósofo estagirita apresenta a finalidade da filosofia e, conseqüentemente, dá abertura para se pensar seu ensino. (METAFÍSICA, I, I, 981b 25 – 982a 1); dando profundidade às suas análises Aristóteles (2017) argumenta que o ser é constituído por coprincípios, aqui destaco, potência e ato. Conseqüente, a proposta educativa do pensador macedônico para a formação do jovem se assenta na ideia de que o sujeito racional desenvolve suas potencialidades mediante um processo de atualização; eis, portanto, a incumbência da educação. O uso de elementos expressivos como, por exemplo, a mimesis dentro do processo educativo é destaque no dissertar de Aristóteles (2017), pois, ele reconhece que pertence ao pensamento tudo que é suscitado pelo discurso. (POÉTICA, XIX, 1456a 35 – 1456b 1). As importantes contribuições de Aristóteles acerca do que é ensinar filosofia permitem, ao que parece, o entendimento de que se deve criar condições a partir da linguagem para que o sujeito cognoscente vá em busca dos primeiros princípios.

Palavras-chave: Conhecimento. Pensar. Ensino. Filosofia. Educação.



A FILOSOFIA ENQUANTO DISCIPLINA CURRICULAR NO ENSINO MÉDIO: A EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA E O ENSINO-APRENDIZAGEM EM FILOSOFIA

Lucidalva Pereira Gonçalves⁵
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: lucidalv@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Almir Ferreira da Silva Júnior

RESUMO: Problematizar o papel da disciplina de filosofia no ensino médio nos conduz a diagnosticar o que a torna singular enquanto disciplina. De acordo com Silvio Gallo (2010) o ensino de filosofia no ensino médio não se justifica pela competência em promover uma visão mais crítica da realidade, pois desenvolver a criticidade dos alunos é também função das demais disciplinas. Sendo assim, qual a função da Filosofia no ensino médio? Se não é função restrita à Filosofia a formação de indivíduos mais críticos, o que a distingue frente a outras disciplinas? Este trabalho tem por objetivo apontar que a particularidade da filosofia está na produção da própria filosofia e na criação dos conceitos, e que o ensino de Filosofia no ensino médio apresenta como objetivo a promoção da experiência filosófica em sala de aula. Observa que a filosofia direciona os agentes do ensino-aprendizagem (estudantes e professor) à construção de suas subjetividades, isto é, de seu pensamento autônomo. Para tanto, o primeiro capítulo busca especificar em que consiste a experiência filosófica e o que particulariza seu ensino frente às outras disciplinas; o segundo capítulo evidencia a filosofia como produção de conceitos e como experiência que repercute nos modos de subjetivação de professores e discentes, contribuindo para a autonomia dos sujeitos envolvidos. O método empregado é a hermenêutica e a literatura especializada apresenta as contribuições de Silvio Gallo, Alejandro Cerlleti e documentos do MEC.

Palavras-chave: Filosofia. Experiência filosófica. Conceitos. Ensino Médio. Autonomia

⁵ Possui graduação em Ciências Humanas-Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pós-graduação *latu-senso* em ensino de filosofia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante-FAVENI e é mestranda do programa de pós-graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA.



ELEMENTOS SENTIMENTAIS DA ESTRUTURA CORONELÍSTICA NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS BRASILEIRAS: DIÁLOGOS ENTRE BOURDIEU E WEBER

Felipe Laurêncio de Freitas Alves
Universidade Federal do Maranhão
felipelaurencio@hotmail.com

Orientador: Prof. Ms. Paulo Fernando Soares Pereira

RESUMO: Nos municípios brasileiros, em especial nos mais distantes do poder central, à época do Brasil Império, o coronelismo se desenvolveu nos moldes do *paternalismo*, do *assistencialismo*, do *patrimonialismo* e do *mandonismo* próprios do fortalecimento do poder local que ali se constituiu (LEAL, 1975; QUEIROZ, 1976). O sujeito interiorano, nesse cenário, era obrigado a manter um vínculo de dependência com o coronel, como se verificou ao longo dessa pesquisa. A estrutura de poder, própria desse sistema, continua a existir; e, por isso, mereceu destaque o seguinte problema: como os elementos simbólicos da relação de poder entre os coronéis e seus subordinados se desenvolvem nas eleições municipais brasileiras em tempos mais recentes? A pesquisa teve por objetivo analisar a forma como se deu, no campo sentimental e simbólico, os elementos paternalísticos que envolviam as relações próprias do coronelismo no Brasil. Para tanto, utilizou-se uma abordagem qualitativa, a partir do arcabouço sociológico de Max Weber e Pierre Bourdieu sobre as estruturas de poder político. Weber (2010, p. 61) atenta para o fato de que o poder é o fim último buscado por qualquer homem que se entrega à política, sempre “[...] para gozar do sentimento de prestígio que só o poder confere”. A política é, neste sentido, um instrumento de dominação. Semelhantemente, Bourdieu (1989) evidencia que essa luta pelo poder acontece em um campo simbólico, pelo monopólio da *nomeação* – produção do senso comum de um povo da visão legítima do mundo social a partir de uma imposição oficial. Essa imposição torna-se mais fácil quando instituída da legitimidade estatal. Centrando as atenções nas conceituações weberianas (WEBER, 2010), observa-se que o poder simbólico dos coronéis se funda no *capital político*. Bourdieu (1989) explica que essa forma de capital simbólico trata da crença que os agentes conferem a uma pessoa os poderes que eles mesmos se investem. Essa relação de poder está, pois, implicada no *kred*, para usar a nomenclatura bourdiana, ou *carisma*, na terminologia weberiana, que produz a confiança, a obediência. Assim, para Bourdieu (1989), o *poder simbólico* é um poder invisível, cujo exercício só é possível em função da cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. Olhando a fundo, não há dúvidas de que existe uma relação entre o coronel e o *comum da turba* no plano simbólico, que se expressa no *paternalismo*. Isto porque a família do roceiro por vezes precisava dos favores do coronel em suas necessidades, o que gerava um ciclo de amizade baseado na troca de favores. Essa forma de gratidão, no dizer de Bourdieu (1989), organiza uma fidelidade *intergeracional e intrageracional*, garantindo aos partidos uma clientela relativamente estável. O *poder carismático* do chefe vai desembocar na *paixão política*, quer dizer, no sentimento de pertencimento a uma causa e na satisfação que o homem experimenta ao trabalhar por ela. Segundo a ótica psicológica, assinala Weber (2010), esse sentimento é uma das mais importantes forças motrizes com que pode contar o partido político. Referida subserviência encontra eco na concentração do *capital político* nas mãos de um pequeno grupo que, referenciando Bourdieu (1989), tanto menos provável será contrariá-lo, quanto mais despossados de



instrumentos materiais e culturais necessários à participação ativa na política estão os simples aderentes. Exemplificando: os grupos políticos dos municípios do interior brasileiro possuem nomes que identificam não apenas a família do coronel, mas todo o povo que a apoia, como uma grande *parentela*. Pertencer a estes grupos é muito mais que apenas votar no seu chefe, mas o apoiar moralmente. Explica bem João Lisboa (2004), ao mostrar a briga entre os *bacuraus*, *cangambás*, *jaburus* e *muruçocas* no Maranhão, quando escreve que o verdadeiro sentimento de pertencimento a tais grupos *circulava nas veias* do eleitorado, ou seja, fazia parte da identidade cultural dos votantes, fazendo com que estes vivessem, portanto, em prol do sucesso político do grupo.

Palavras-chave: Coronelismo. Poder Simbólico. Patrimonialismo. Eleições. Paixão Política.



NIETZSCHE E SÓCRATES: A MORTE DA TRAGÉDIA E A CRISE DA VERDADE DIONISÍACA

Raniere Garcia Gomes

Orientador: Prof.Dr. Aldir Araújo Carvalho Filho

E-mail: ranieryufma2014@hotmail.com

Resumo: Esta comunicação propõe-se a analisar a compreensão nietzscheana do “trágico” em sua relação com o fenômeno do “socratismo estético”. Nietzsche apontou Sócrates como o filósofo responsável pela “morte” da tragédia grega, entendida como forma artística da atividade humana que dá acesso às questões fundamentais da existência. Assim, desde a análise da psicologia do trágico no pensamento de Nietzsche, procura-se fazer a crítica da *exaltação socrática da razão* e, por conseguinte, da introdução do conceito e do pensamento na arte, com a conseqüente desvalorização do saber eminentemente trágico. Seguindo o mesmo eixo, cabe ainda tangenciar a questão de como a tensão entre “metafísica de artista” e “metafísica racional”, inaugurada por Sócrates, vai muito além de uma simples questão de estética, remetendo, em última instância, à “crise da verdade dionisíaca”: considerada como expressão de um modo mais elevado de existência, a verdade de Dioniso foi substituída pela verdade como ilusão metafísica, e, assim, dar início ao processo de decadência que caracteriza a história ocidental.

Palavras-chave: Tragédia Grega. Metafísica. Crítica da Razão. Verdade Dionisíaca. Nietzsche.



PERSPECTIVA HEIDEGGERIANA DE ENSINAR FILOSOFIA

Helison da Costa Barros
Universidade Federal do Maranhão
helisonbarros@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Acildo Leite da Silva
acildo.leite@ufma.br

RESUMO: O presente texto trata de uma pesquisa bibliográfica em andamento que tem como objetivo entender o que é ensinar filosofia a partir de Heidegger. É interessante destacar que o filósofo em questão não trabalhou sobre a temática de ensinar filosofia, e nem por isso significa que não podemos pensar essa possibilidade. No texto apontamos que há possibilidades, a primeira é que na visão de Kahlmeyer-Mertens (2005) as inúmeras obras deixadas pelo filósofo e por ser um pensador centrado na questão do ser e na própria existência humana permite pensar a educação na medida que relacionamos com o sentido do ser. Werle (2008) sinaliza que é possível colocar Heidegger no universo educacional, para tanto, deve-se adotar uma postura filosófica da educação a partir da utilização do termo *bildung* (formação) e que esta estaria essencialmente ligada ao ato de questionar e interrogar que perpassa na maioria dos textos do filósofo. Além disso, para Alves, Sousa, Zanardi (2017) a proximidade da filosofia heideggeriana com a educação está na busca de relacionar com o sentido do ser e numa capacidade de aprender a pensar. Em relação a essa capacidade tomamos como base a conferência que Heidegger proferiu em 1952 cujo título é *o que quer dizer pensar?* Assim a ideia de ensinar filosofia está ligada a uma disponibilidade para o pensar cuidadoso, aquilo que ainda não foi pensado e que se desvincula do pensar da ciência (calculante) e de interesse próprio. Ensinar filosofia é aprender a pensar para além do imediato e do pensamento calculante.

Palavras-chave: Aprender a pensar. Disponibilidade. Ensino de filosofia. Formação. Pensar calculante.



RECONHECIMENTO E DOCÊNCIA: UM DIÁLOGO ENTRE PAUL RICOEUR E ANTÓNIO NÓVOA SOBRE A REFLEXÃO FORMATIVA IDENTITÁRIA NOS LICENCIADOS EM FILOSOFIA

Simey Fernanda Furtado Teixeira

Vinculada ao programa de mestrado profissional – PROF/FILO – UFMA.

simeyfurtado@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite

Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia – PROF/FILO- UFMA

e do Departamento de Filosofia

jfakenaton@uol.com.br

RESUMO: Percebemos no decorrer dos anos grandes mudanças entorno do contexto educativa nacional, principalmente nos últimos dez anos com várias reestruturações em nosso sistema de ensino. E, nesse sentido, a formação de professores vem assumindo uma condição de diálogo dentro das Instituições de Ensino. Desta forma, cabendo-nos refletir sobre nossa construção identitária como licenciados em Filosofia, já que a docência é o caminho inerente do licenciado. Ademais, se a Filosofia se constituiu em licenciatura é também pertinente a ela essa reflexão, ao reconhecimento de si docente que constituímos ao longo formativo. Assim, entendemos ser relevante nos lançarmos a refletir sobre o reconhecimento identitário que carregamos como professores, como a responsabilidade de construção primeira que temos em nossa profissão. Neste sentido, o presente artigo realizar-se-á dentro do diálogo do reconhecimento de si e da constituição formativa professoral necessária para tal, em torno das categorias “Reconhecimento” e “Docência”, a primeira sob a perspectiva de Paul Ricoeur (2006), e a segunda dentro da concepção trazida por António Nóvoa (1992/1999). Todavia, entendemos que compreender o reconhecimento ricoeuriano é pô-lo no âmago da consciência reflexiva de si mesmo conduzida por um sujeito capaz (o sujeito de responsabilidade), e apto a assumir o dizer, o fazer, o narrar e a imputabilidade (Ricoeur, 2006), mesmo que seja visível que o pensamento desse autor não se constitui dentro da literatura educacional. Entretanto, podemos perfeitamente criar ligações entre o pensamento desse autor com essa literatura, a partir do processo da autorreflexão. Expomos que esse pensamento aponta a uma conduta em que o sujeito guia-se por uma *autocrítica* e uma *autoanálise*, assumindo-se *consciente e responsável*, eixos que podem ser facilmente relidos à luz educativa. Destarte, encontramos em António Nóvoa a figura do professor como sujeito consciente e responsável, aquele que emerge a partir de uma formação, facilitando um diálogo entre esses autores. Essa formação trazida por Nóvoa é compreendida como fundamental, de movimento e com qualidade, já que nesse autor o ensino de qualidade perpassa por uma adequada formação de professores. Além do mais, Nóvoa (1999) convoca-nos e ao mesmo tempo, chama atenção, sobre a crise da profissão docente que é resultado do acúmulo de longos anos e esse reflexo incidiu na própria profissão a desmotivação pessoal, altos índices de absentismo e abandono, insatisfação profissional e ausência de reflexão crítica sobre a ação profissional. Assim, reflete-se, por nossa parte, se essas condições contribuem ao reconhecer-se como professor por aqueles licenciados em filosofia formados para tal exercício.

Palavras-chave: Reconhecimento. Formação Docente. Paul Ricoeur. António Nóvoa. Filosofia.



PERCEPÇÕES E CONCEITOS DE PAIXÕES NA OBRA AS PAIXÕES DA ALMA DE RENÉ DESCARTES

Inaelma Sousa Nunes
Graduanda do curso de Licenciatura Interdisciplinar
em Ciências Humanas/Filosofia - UFMA Campus Pinheiro/FAPEMA
inaelmasousanunes@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como intuito mostrar os resultados preliminares do projeto de pesquisa e do plano de trabalho iniciado em agosto de 2019, em que o filósofo René Descartes mostra os pressupostos e componentes envolvidos no conceito de “paixão” na obra *As Paixões da Alma* de 1649. Através da pesquisa inicial foi possível identificar quais são os pensamentos que não constituem ações da alma ou vontades, e destacar a aliança entre corpo e alma. O autor relata em sua obra as questões que defendem que a alma esteja unida ao corpo. Assim, há no mesmo a glândula pineal que resulta na interação entre corpo e alma com os órgãos dos sentidos e com o coração, o qual estabelece ligação com os sentidos externos e duplos, gerando um único pensamento de uma mesma coisa ao mesmo tempo, fazendo com que os objetos exteriores sejam responsáveis pelos órgãos e sentidos que transmitem ideias e ligações até a glândula designados por meio dos espíritos animais. Contudo, por meio desses precedentes, se faz notória a influência dos sentidos na alma e afetam, sobretudo as paixões do corpo. E conceitua-se as definições das paixões por meio da admiração, do desprezo do desdém, do amor e do ódio.

Palavras-chave: Paixões. Alma. Corpo. Mente.



JÜRGEN HABERMAS, TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO E A EDUCAÇÃO

Pedro André Pires de Almeida
Universidade Federal do Maranhão
andrealmeidaphilo@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Maria Olívia Serra
oliliaserra@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como principal objetivo apresentar a concepção de educação segundo o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, tendo por base a teoria do agir comunicativo que trará a possibilidade de um conceito crítico acerca da própria educação que nos leve à refletir mais precisamente acerca da Teoria do Agir Comunicativo e a Educação. Com base na teoria de Habermas, o conhecimento não se apresenta mais como algo pronto e acabado, mas revela-se apoiado nas relações intersubjetivas que por sua vez estão fundamentadas no discurso argumentativo, na comunicação, linguagem e consenso. O conceito de agir comunicativo de Habermas então, grosso modo, refere-se à interação de pelo menos dois ou mais sujeitos capazes de falar e agir que estabelecem uma relação interpessoal, seja por meios verbais, seja por meios extras verbais. Habermas visualiza na racionalidade comunicativa um modo de coordenação dessas interações capaz de preservar a condição de autonomia dos sujeitos na configuração de sua vida coletiva. Desta forma, a educação se apresenta como um grande desafio do pensamento habermasiano para hoje, o compreender do processo educativo como a formação simultânea do indivíduo como um indivíduo insubstituível, com sua identidade pessoal e projeto da vida, também possuidor de uma identidade cultural, como um cidadão e participante político de um determinado grupo social. Ressalta-se que Habermas inicialmente compreendeu a educação no viés iluminista, sobretudo Kantiano, contudo, reformulou seus conceitos de educação ao ter contato com as concepções de Adorno, em que para ele, o educar é desbarbarizar e fazer o ser humano compreender que ele é um sujeito histórico social e livre de medos. Sem medo e sem pavor da própria vida. Desta forma, para Habermas o educar é emancipar, e emancipar é fazer com que o ator social possa agir livre de amarras, condicionamento ou patrulhamento, seja político, religioso ou cultura. O sujeito educado é um sujeito esclarecido, mas além de esclarecido ele é um sujeito livre e autônomo. Visto que a relação entre professor e aluno, sendo baseada numa razão comunicativa, a qual valoriza a interação entre sujeitos mediada pela linguagem e pela capacidade argumentativa, e conseqüentemente favorece o entendimento mútuo, o afloramento de novos conhecimentos e a emancipação humana. Neste sentido, este trabalho tem por intenção buscar na teoria do agir comunicativo, subsídios para fundamentar o conceito de educação em Habermas e orientar ao ensino de filosofia tendo o fio condutor uma interação dialógica.

Palavras-chave: Educação. Agir comunicativo. Filosofia. Ensino. Autonomia.



DA NECESSIDADE DA FILOSOFIA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM

Antonio Augusto Pegado
Universidade Federal do Maranhão-UFMA/FAPEMA
antoniop.estudos@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Almir Ferreira da Silva Júnior

RESUMO: A partir do paradigma hermenêutico existencial-fenomenológico, este trabalho tem como objetivo discutir a relação imprescindível entre filosofia e educação, levando em consideração o contexto de extrema racionalidade científica, o qual é determinante no desenvolvimento das experiências educativas, pressupondo uma formação voltada, sobretudo, aos interesses práticos e demandas econômicas dos sujeitos epistêmicos. Nessa perspectiva, a filosofia, embora destrutada, menosprezada, dada como um distanciamento do mundo, “viagem” e até mesmo loucura, contribui imprescindivelmente não só para o melhor entendimento dos objetos úteis que circundam a realidade humana, mas também para a compreensão do próprio ser epistêmico, de linguagem e inevitavelmente imerso no mundo que é o ser humano, além de toda a realidade que o circunda. Consequentemente, a educação, seja institucional ou individual, exige a filosofia, na medida em que, sem ela, a compreensão dos objetos epistêmicos não é possível em sua completude. Dessa forma, a partir de todo esse cenário supracitado, objetiva-se demonstrar a relação dual que tem a filosofia com o conhecimento: sua indispensabilidade para o ensino e para o aprender.

Palavras-chave: filosofia hermenêutica, compreensão, objeto epistêmico, círculo-hermenêutico, educação.



“LITERATURA DE SITUAÇÕES EXTREMAS”: SARTRE E A REINVENÇÃO DO HUMANO.

Rafael de Sousa Pinheiro
Graduado em Filosofia-UFMA
Mestre em Ética e Epistemologia- UFPI. Doutorando em Filosofia- UFBA/FAPESB
rafael.pinheiro2306@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Acylene Maria Cabral Ferreira.

RESUMO: O objetivo da presente comunicação consiste em explicitar a concepção sartriana de literatura como vivência e experiência de circunstâncias. Para tanto, inicialmente, discute a relação entre filosofia e literatura, a partir dos ensaios *Le roman et la métaphysique*, de Merleau-Ponty, e *Literatura e metafísica*, de Simone de Beauvoir, de modo a expor a inflexão acerca do conceito de metafísica, que passa a significar “um esforço vivo para abranger, a partir de dentro, a condição humana em sua totalidade” (SARTRE, 1989, p. 64). No segundo momento, a partir da obra *O que é a literatura?*, apresenta a relação entre filosofia e uma literatura que tem como tarefa reunir e reconciliar o absoluto metafísico e a relatividade do fato histórico, bem como a recriação do homem. Em seguida, a partir do texto *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: A intencionalidade*, desenvolve-se a crítica de Sartre à noção de intimidade, presente, por exemplo, na obra de Proust. Por fim, a título de exemplo, apresenta as características do romance *A náusea* que a constituem como uma proposta alternativa de literatura, uma possibilidade compreensiva da realidade humana livre de pressupostos deterministas e da noção de intimidade.

Palavras-chave: Metafísica. Literatura. Absoluto. Fato histórico. Náusea.



UMA TEORIA DA DECISÃO: O DIREITO FUNDAMENTAL A UMA RESPOSTA ADEQUADA À CONSTITUIÇÃO

José Leandro Camapum Pinto
Universidade Federal do Maranhão
joseleandrocamapumpinto@hotmail.com

Orientador: Prof. Ms. Dimas Salustiano da Silva

RESUMO: A discussão sobre a possibilidade e a necessidade de respostas corretas, quando da aplicação do Direito (Teoria da decisão adequada), faz-se necessária, nestes tempos de desmedido ativismo judicial. Com efeito, necessária se faz a superação do paradigma juspositivista, hoje dominante no imaginário jurídico, quanto à aplicação das normas jurídicas. Haja vista que o Positivismo, em suas diferentes nuances, dá azo à ampliação da discricionariedade do intérprete/aplicador do Direito. Neste ponto, entram em cena os professores Lênio Streck (com a sua Crítica Hermenêutica do Direito), Ronald Dworkin (com a sua Teoria do Direito como integridade e coerência e da Interpretação Construtiva), fundados no pensamento filosófico de Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer, em combate ao solipsismo do julgador, que hoje vige no Direito brasileiro, com adendos de lições de Michel Foucault e Friedrich Nietzsche, acerca de suas críticas às posturas metafísicas e sobre relações de poder.

Palavras-chave: Teoria da decisão adequada. Crítica Hermenêutica do Direito. Teoria do Direito como Integridade e Coerência. Lênio Streck. Ronald Dworkin.



A EMBRIAGUEZ E A EXPERIÊNCIA DO TEMPO NO *LE SPLEEN DE PARIS*: O *FLÂNEUR* E A MODERNIDADE

Juliana Santos Pacheco
julianas pacheco17@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Rafael Campos Quevedo

RESUMO: A experiência da embriaguez foi também perenizada no *Le Spleen de Paris*, mais especificamente nos poemas em prosa intitulado *Enivrez-vous* (1869) e *Le Confiteur de l'artiste* de Charles Baudelaire. Tal experiência fundamenta-se na passagem do tempo, no prazer e na melancolia da modernidade. O tema em questão é antigo. Na ode “Canto Báquico” do livro *Odes de Anacreonte e suas traduções* (Almeida Coussin, 1983) destaca-se uma abordagem da embriaguez como desvinculação do bom-senso que leva ao êxtase, ao louvor ao deus Baco e à reafirmação da consciência da morte. Dessa maneira, o prazer está relacionado à loucura sagrada, ou seja, ao estado que permite a saída de si e a comunhão com a divindade. O vinho, então, proporciona a euforia destinada ao deus Dioniso, a fuga da realidade através dos estágios gradativos do entusiasmo. Tendo como base essas reflexões, o presente artigo pretende analisar os dois referidos poemas em prosa da coleção *Le Spleen de Paris* de poeta francês Charles Baudelaire a fim de refletir acerca da experiência do poeta *flâneur* na modernidade associado ao tema da embriaguez e passagem do tempo. A pesquisa possui caráter bibliográfico e como aporte teórico foram utilizadas as seguintes obras: *O problema XXX* (Jackie Pigeaud, 1998), *Dioniso a Céu Aberto* (Marcel Detienne, 1986) *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo* (Walter Benjamin) 1994), *Londres e Paris No Século XIX e o Espetáculo Da Pobreza* (Maria Stella Martins Bresciani, 1982), *O tempo e o cão* (Maria Rita Kehl, 2009).

Palavras-chave: Embriaguez. Tempo. Melancolia. Modernidade. *Flâneur*.



O CONHECIMENTO PRODUZINDO DA RELAÇÃO DO DASEIN COM OS ENTES E A SUA UTILIZAÇÃO PARA A EXISTÊNCIA

Ivo Reis Santos
Graduando do 5º período em Filosofia pela
Universidade Estadual do Maranhão
irs1999.2099@gmail.com

Orientador: Prof. Ms. Luís Magno Veras Oliveira

RESUMO: O propósito deste trabalho é estimular uma reflexão acerca do “*ser no mundo*”, abordando o conceito de existência que é caracterizado como o modo de ser diferenciado do “homem”, assim apresentado especificamente na obra de Martin Heidegger “*Ser e tempo*” (1927), cujo termo que tem essas características de “ente” privilegiado é o “*Dasein*”, e do conhecimento produzido pela relação desde “*Dasein*” com os “*entes*” (Coisas do mundo), além de ressaltar o encobrimento da finitude do homem presente no mundo de ocupações, uma vez que no próprio conhecer do “*Dasein*” se tem uma marca da finitude. Destacando que na medida que o ser humano conhece, ou seja, na medida em que se relaciona com os “*entes*” presentes no mundo, precisa significá-los e isso remete a sua própria compreensão enquanto “*ser no mundo*” (*Dasein*). E a partir das suas dúvidas junto a uma busca por compreensão surge uma movimentação do pensamento, e essa movimentação está inserida dentro de um contexto histórico que marca e caracteriza a utilização do conhecimento obtido para a existência, uma vez que, o “*Dasein*” se relaciona com o mundo de forma direta e indiretamente, ele necessita da compreensão das coisas para se comunicar, criar, e existir. Bem destacado em “*Ser e tempo*”, uma vez que, a principal modalidade desse “*Ser aí*” e a utilização do conhecimento cujo fundamento é ontológico por ser “*Ser no mundo*”. Todo o conhecimento produzido se dá por uma abertura presente no mundo e está esta abertura é percebida e utilizada pelo “*Dasein*”, como este “ente” diferenciado por significar e ressignificar as coisas ao seu redor, dando sentido para sua existência.

Palavras-chave: Dasein, existência, homem, ente, ser no mundo.



A CONCEPÇÃO DE BELO EM SCHOPENHAUER COMO ABERTURA PARA A DIMENSÃO DA VERDADE

Comunicador: Luis Henrique Ferreira Costa
Universidade estadual do Maranhão – UEMA

Orientadora: Fabíola da Silva Caldas

RESUMO: Neste trabalho, pretende-se demonstrar a possibilidade de pensarmos a questão da verdade em Schopenhauer a partir da esfera estética, isto é, busca-se apresentar o belo schopenhaueriano como abertura para a dimensão da verdade. No livro III de sua obra *O Mundo como Vontade e Representação*, o filósofo alemão debruça-se sobre contemplação estética, entendendo-a como uma forma eficaz de supressão da Vontade que se configura como essência do mundo. Esta contemplação auxiliará o homem no processo de busca pelo ideal de belo, donde notamos a influência platônica, assim como na questão do sujeito que pensa percebemos influência kantiana. A verdade, por sua vez, se encontra na ascese da contemplação do belo e do sublime. Neste sentido, pretende-se abordar uma estética preocupada com a dimensão metafísica da verdade, que vem sendo debatida desde os gregos até os dias atuais no âmbito filosófico. Com a pretensão de apresentar da maneira mais cabal possível a verdade unívoca, em contraposição à relativização contemporânea da verdade. Neste aspecto, Schopenhauer dialoga com seus contemporâneos nesta querela, apresentando um posicionamento inovador e enriquecedor para as discussões da época.

Palavras-chave: Schopenhauer. Belo. Verdade. Estética. Vontade.



A CRÍTICA AOS ILUMINISTAS E A REABILITAÇÃO DA TRADIÇÃO COMO VERDADE EM HANS-GEORG GADAMER

Elber Alves Ferreira
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
elberalves12@hotmail.com
Luciano da Silva Façanha

Orientador: Prof. Dr. Luciano Façanha

RESUMO: O presente trabalho, cujo formato afigura-se em um em resumo à submissão de uma comunicação, tem seu estudo voltado à crítica aos Iluministas, na medida em que se identifica a falibilidade de seu otimismo, resguardado por uma pretensão ingênua que toma como verdade apenas o que for aceito pelo “crivo” da razão. Voltado, também, à reabilitação da tradição, a saber da importância dos *preconceitos* à compreensão da história e à emancipação do homem, por Hans-Georg Gadamer. Destaca-se, como finalidade, o ato de analisar as consequências do trabalho realizado pelo Gadamer, afim de se inferir a importância da tradição, sobretudo, dos pré-conceitos, como uma forma de verdade, realizado a partir do método de *fusão de horizontes*. Outro objetivo a ser enfatizado consiste no compreender e expor tal falibilidade da ardilosa pretensão Iluminista que, frente a sua ambição ingênua, tornar por autoridade somente aquilo que se encontra no centro da razão, logo, elevando-se acima da tradição. Expõe-se, então, o percurso da reabilitação da tradição, na medida em que até a noção de *esclarecimento*, característico do iluminismo, se mostra como um *preconceito*, logo, sujeito à análise histórica, onde se identifica, na tradição, sua contribuição à constituição do mundo nas questões de ordem prática. Conclui sobre a reabilitação da tradição que na medida em que os preconceitos, afigurados como juízos prévios da compreensão, sobretudo, linguagem, estruturam e possibilitam o próprio entendimento, possibilitando, também, a compreensão da história, da humanidade, logo, implicando à emancipação do homem.

Palavras-chave: Filosofia. Hans-Georg Gadamer. Crítica aos Iluministas. Reabilitação dos preconceitos. Tradição como verdade.



POSITIVISMO EM *FUNDAÇÃO*: A EXPRESSÃO DO PROJETO DE COMTE NA OBRA DE ASIMOV

Yuri Gabriel Lopes Fernandes
Universidade Federal do Maranhão
E-mail: yuri.fernandes@ifma.edu.br

Orientador: Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas

RESUMO: Este trabalho propõe-se a explicitar aspectos do projeto positivista de Comte na trilogia *Fundação* de Asimov. Deste modo, procederemos em três etapas: inicialmente, descrever a proposta de Comte, que se baseia na lei dos três estados: esta diz que toda sociedade humana passa por três níveis de saberes - em primeiro lugar, o saber teológico, que corresponde a explicações mitológicas e sobrenaturais para o mundo; em segundo, o saber metafísico, que é um estado de transição onde se usa a razão e a imaginação; e, por último, o saber positivo, que se utiliza do método científico, combinando a razão matemática à experimentação. Para Comte, a última etapa do saber humano seria o estabelecimento da física social, ou seja, uma ciência baseada no método positivo que seja capaz de explicar o ser humano e suas sociedades. Na segunda etapa, detalharemos a trilogia de Asimov, que retrata a decadência do grande Império Galáctico que, após 12 mil anos de estabilidade, se fragmenta devido à estagnação em que se encontra. Para evitar 30 mil anos de barbárie, um grupo de cientistas utiliza a psico-história (uma ciência fictícia capaz de calcular estatisticamente o comportamento de seres humanos) para executar um plano que diminua tal período para apenas mil anos. Por fim, à última etapa competirá a construção de ilações que relacionem ideias comteanas e elementos de *Fundação*, sendo as principais as duas que seguem: primeiramente, a correspondência entre a lei dos três estados (teológico, metafísico e positivo) e as organizações políticas de *Fundação* (barbárie, Império e Fundação, respectivamente). Além desta, defenderemos também a correlação entre a física social proposta por Comte e a psico-história concebida por Asimov, uma vez que ambas têm em comum tanto o método que utilizam (experimental matemático) como o objetivo que almejam (explicar o comportamento humano de forma previsível, na forma de leis naturais). Tencionamos estabelecer este trabalho como parte de uma futura delimitação literária e filosófica de Asimov, almejando uma aproximação entre o gênero literário ficção científica e a disciplina filosofia.

Palavras-chave: Ficção Científica. Positivismo. Comte. Fundação. Asimov.



OS DESAFIOS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA: FORMAÇÃO E METODOLOGIAS

Ediel dos Anjos Araújo

Vinculado ao programa de mestrado profissional – PROF/FILO – UFMA.
araujo_ediel@yahoo.com.br

Simey Fernanda Furtado Teixeira

Vinculada ao programa de mestrado profissional – PROF/FILO – UFMA
simeyfurtado@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Angelo Rodrigo Bianchini

Docente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia - PROF-FILO/UFMA
e do Departamento de Educação II
ar.bianchini@ufma.br

RESUMO: O presente artigo é fruto de levantamento bibliográfico, à medida que traz um repensar sobre o reconhecimento docente à luz de Paul Ricoeur, António Nóvoa, e das TDIC vinculadas ao ensino de Filosofia. Compreende-se que o século XXI exige a necessidade de estudos e pesquisas sobre novas metodologias para o ensino da Filosofia. Entretanto, há a necessidade de evocar à reflexão, o processo de reconhecimento identitário que foi construído nos professores, em seu processo de formação, à medida que se compreende que a prática docente é intimamente vinculada e dependente da conduta do professor. É, eminentemente, um fazer por aquele que sabe fazer. Assim, antes de se pensar em instrumentos metodológicos resolvemos refletir sobre esse professorado. No entanto, o espaço escolar contemporâneo tem exigido do profissional de educação, incluindo o professor de Filosofia, um repensar das suas práticas metodológicas junto às novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) Haja vista que a nossa sociedade passa por momentos de transformações constantes, essas mudanças ocorrem devido às novas tecnologias, que aos poucos, vão se interligando às atividades educativas, estas tecnologias possibilitam a adequação do contexto e as situações do processo de ensino e aprendizagem às diversidades em sala de aula. A práxis educativa com o uso de ferramentas tecnológicas fornecem recursos didáticos adequados às diferenças e necessidade de cada aluno cabe ao professor saber mediar esses recursos. É neste sentido que propomos uma metodologia mediada pelas TDIC. Uma vez que, entendemos ser de fundamental importância uma readaptação deste professorado para esta nova realidade. A utilização das tecnologias em sala de aula contribui significativamente para o ensino, o emprego dessas ferramentas traz em si uma forte carga lúdica e sensível, o que permite desenvolver um trabalho com capacidade infinita de possibilidades diante do mundo que nos rodeia, como abordaremos no decorrer destes escritos.

Palavras-chave: Ensino; Filosofia; Reconhecimento; Formação; Tdic.



O ENSINO DE SOCIOLOGIA COMO PROBLEMA FILOSÓFICO: A BUSCA POR “LEGITIMIDADE” E RECONHECIMENTO

Emília Luenna Palhano Galvão
emilialuenna@gmail.com

Hádria Samille Palhano Galvão
hadria.palhano@gmail.com

RESUMO: A inserção da Sociologia como disciplina obrigatória nos currículos da educação básica apresentou um alto teor de discontinuidades. Os reflexos desta instabilidade serão discutidos neste trabalho sobre um olhar filosófico. De fato, os documentos oficiais categorizam as Ciências Sociais e Humanas, enquanto conhecimentos flexíveis absorvidos no cotidiano, que preparam o indivíduo para exercer a cidadania, mas atualmente, a estratégia utilizada, insiste em apreciar a mera transmissão de conhecimentos. Ao traçarmos a linha histórica que possibilitou a “legitimidade” da disciplina, observaremos que o reconhecimento de sua autonomia não foi favorecido. Nossa discussão abrangerá ainda, o ensino da Sociologia em relação à postura do docente, do Estado e do próprio aluno, na tentativa de contrapor os ensinamentos sociológicos ao viés utilitarista e tecnicista de ensino/aprendizagem. O “ato de filosofar” não se desprende da realidade, a intervenção do pensamento é efetivada pelo desenvolvimento da crítica em relação ao “real”. Platão ao sistematizar as ideias de Sócrates prevaleceu-se de que a verdade era encontrada no diálogo. A questão socrática “só sei que nada sei” estimularia o ensino, por meio de uma relação de troca. A aprendizagem é materializada em um modelo de intercâmbio de informações. A ironia produzida dentro do discurso vai nos levar a um esgotamento de respostas, que nos deixará convencidos, de que o processo de ensino/aprendizagem é ininterrupto. O método socrático de negar o saber acaba por tornar-se uma perspectiva afirmativa do saber. A ignorância torna-se algo positivo, derrubam-se muros, e adota-se a atitude filosófica de “ser ignorante”. A prática docente deve estar alinhada a esse ciclo vicioso de mediação e permutas nas bases pedagógicas da produção científica, e este é o ponto inicial da construção do saber em todas as áreas de conhecimento, inclusive no ensino de Sociologia. A atitude filosófica que aqui citamos é percebida no deslocamento dos eixos de conteúdos para “os modos de viver”. O exercício consiste em trazer o conteúdo para a vida, e nos percebermos enquanto força criadora dos elementos conceituais. Nem mesmo o professor detém para si a verdade absoluta, ao seu alcance está a iniciativa de escolher conduzir o aluno a pensar ou incentivá-lo a um estado de doutrinação. Mas anterior a isso é necessário evidenciarmos outro pensamento elementar de Sócrates, o “conhece-te a ti mesmo”. Esse paradoxo socrático foi sugerido por Kohan (2011) quando por meio da hermenêutica do sujeito (sugerida por Foucault), refletiu acerca da importância do autoconhecimento na intervenção do pensamento e na didática estabelecida no processo de aprendizagem, enfatizando que o “autoconhecer” perpassa pelo “conhecer o outro”. Manter-se ignorante e a todo tempo incomodado, é algo primordial na tarefa de “professorar”. O “conhecer a si” permite a extensão a um cuidado sobre o que pensamos, pra quem pensamos e pra quê pensamos.

Palavra-chave: Atitude filosófica. Ensino de sociologia. Metodologia de ensino. Questão socrática.



DISCUSSÃO E DEMOCRACIA EM ERIC WEIL: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Umaitan de Jesus Ferreira Junior
Universidade Estadual do Maranhão
Agência de fomento: FAPEMA
umaitanferreira junior@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Francisco Valério
fderio@gmail.com

RESUMO: Esta comunicação tem como finalidade realizar uma *primeira aproximação* entre *discussão* e *democracia*, a partir de (e em) Eric Weil (1904-1977). Trata-se de mostrar que a discussão é o método essencial da democracia e, daí se seguindo, a concebendo (a democracia) como um sistema de livre discussão em evolução. Isto é, não se trata da discussão como mais um momento do funcionamento das democracias, mas dela como correspondente ao próprio dinamismo da democraticidade – significa dizer que, se uma vigora, a outra também e, igualmente, o enfraquecimento de uma é o da outra. Para atingir tal meta, faz-se mister considerar o binômio Razão/Violência presente no homem – nesse caso, recorre-se à *Introdução da Lógica da filosofia* (1950). Tal consideração permite vislumbrar a importância da filosofia, enquanto discurso em busca da coerência, para a tentativa de diminuir a violência no mundo, assim como sua aproximação com a democracia, vez que ambas supõem que todo homem está pronto a se deixar convencer pela razão, ou seja, sustentam a razoabilidade do homem. Desta feita, torna-se visível o laço entre discussão, filosofia e democracia: a violência e a vontade de eliminá-la. Nesse sentido, necessário é apontar o traço distintivo da discussão em relação a outras interações linguísticas, como o diálogo, por exemplo. Trata-se de dizer em que sentido a discussão é política e em que sentido o diálogo o é. Com isso, filosofia e política se aproximam; discussão torna-se democracia em exercício e democracia, discussão em ação. Por fim, tal relação mostra-se, também, como uma forma de combater a violência na sociedade moderna, ou, dizendo de outra maneira, como busca de uma vida sensata em um mundo sensato.

Palavras-chave: Discussão, Democracia, Razão, Violência, Eric Weil.



A VERDADE ANGULAR E MULTIFACETADA: RORTY E AS QUESTÕES INSENSATAS

Mario Bertony R. Costa
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
mario.bertony@hotmail.com

Orientador: Aldir Araújo Carvalho Filho

RESUMO: Esta comunicação parte do reconhecimento de que certa parte da tradição filosófica dominante no Ocidente tem pela questão da verdade uma de suas diretrizes determinantes. Quem quer que tenha lido livros de filosofia alguma vez deve ter reconhecido a importância que o conceito de “verdade” tem para a história desta. Mesmo que a própria definição de filosofia varie a depender do enfoque, no âmbito do cânone Platão-Kant a verdade costuma sempre manter sua posição balizadora, seja nas diretrizes do caráter metodológico ou no produto de qualquer investigação racional. Distanciando-se o mais possível dessa tradição, o pensamento de Richard Rorty tentou caracterizar a verdade como sendo um instrumento a mais para resoluções de questões específicas. Se além do filósofo que foi, o considerássemos também como leitor de dicionários de filosofia, poderíamos supor que tenha intuído um engenhoso conselho baseado na proximidade, nesses dicionários, do verbete “verdade” com o de “veleidade”, este também um conceito caro à filosofia. Esse hipotético conselho do dicionário nos levaria à proposta, esta sim solicitada pelo filósofo, de considerar uma posição mais humilde em favor da verdade, frente às exigências de objetividade e universalidade, notadamente àquelas oriundas da ciência, da religião e da filosofia e, ademais, à recusa em considerar esse esforço como imperioso, sem o qual um lugar de suma importância estaria vago. Pondera-se também que Rorty não coloca nem propõe nada para o lugar da verdade, pois que ele não a extinguiu (e quem seria ele para tanto?). O que o filósofo faz é eximi-la, isto sim, de um caráter redentor, que a engrandecia e ilimitava seu escopo até às raias do divino.

Palavras-chave: Verdade. Tradição epistemológica. Antifundacionismo. Neopragmatismo. Rorty.



DESIGN INTELIGENTE VERSUS SELEÇÃO NATURAL: O PROBLEMA DA GÊNESE DA COMPLEXIDADE ILUSTRADO POR ASIMOV

Yuri Gabriel Lopes Fernandes
Universidade Federal do Maranhão
E-mail: yuri.fernandes@ifma.edu.br

Orientador: Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas

RESUMO: Este trabalho propõe-se a analisar filosoficamente o conto de ficção científica *Razão*, de Isaac Asimov. Este narra a história de Cutie, um robô avançadíssimo que se recusa a acreditar em seus sentidos e em declarações sem fundamentação, passando a emitir ideias acerca do mundo supostamente baseadas apenas em sua “razão”. Entre estas ideias, destacamos duas principais: a prova da existência de um *designer* superpoderoso, responsável pela criação de Cutie (uma vez que ele considera os humanos inferiores e tem como auto evidente a ideia de que um ser menos complexo não pode causar um mais complexo); e o fundamento da existência e do conhecimento no *cogito*, à semelhança do argumento cartesiano. Descartes, por sua vez, defende a ideia de que nenhum ser possa ser causa de outro que o exceda em qualidades, provando a partir daí a existência de um deus onipotente, responsável por “implantar” a ideia de perfeição na mente dos seres humanos. Tais ideias, ainda que não sejam inteiramente coincidentes, partem do mesmo princípio do *design* inteligente: afirmam que a complexidade (aqui definida como característica de seres formados por muitas partes heterodoxas que, em conjunto, realizam funções bem definidas – e. g. os seres vivos e as máquinas) só pode surgir se for criada intencionalmente. Opondo-se a este princípio, Richard Dawkins defende outra causa possível para a complexidade: a seleção natural darwiniana, responsável pela constante evolução das espécies de seres vivos. Dawkins defende, para além disso, que a seleção natural ocorre também em elementos culturais, como linguagens, costumes, religiões etc., podendo explicar de forma simples o surgimento de vários seres “improváveis”, que não surgiriam “por puro acaso”. Em resumo, nossa análise constitui-se de três etapas: exame das proposições contidas no conto de Asimov, comparação com as ideias de Descartes (as quais inspiram o conto) e crítica de ambas, tendo como base os argumentos de Dawkins sobre seleção natural e gênese da complexidade.

Palavras-chave: Design Inteligente. Seleção Natural. Asimov. Descartes. Dawkins.



A ABORDAGEM EMPIRISTA DE CONHECIMENTO SEGUNDO JOHN LOCKE

Matheus Marques Rodrigues da Costa
Instituto de Estudos Superiores do Maranhão - IESMA
Universidade Estácio de Sá – UNESA

Orientador: Lucas Viana Silva

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo abordar a problemática do conhecimento, segundo o pensamento do filósofo John Locke, à luz da obra *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*. Não visamos expor o conjunto da obra lockeana, mas apenas mostrar e delinear as partes mais importantes que nos ajudaram a alcançar o propósito desta pesquisa, procurando avançar dentro de uma reflexão que aborde fundamentalmente a relação entre experiência e conhecimento. Pautado no empirismo, ele parte da negação dos princípios inatos, tanto especulativos como práticos, para justificar que não há possibilidade de nascermos com um conhecimento *a priori*. Assim, a origem, a essência, a definição, a extensão e o limite do conhecimento a partir de Locke, estão fundamentalmente ligados às ideias e à experiência.

Palavras-chave: Empirismo. Inatismo. Ideia. Conhecimento. Conhecimento a priori.



A CULTURA COMO CAUSADORA DO MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

Jéssica Caroline Ramos Corrêa
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
correaJessica@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Oliveira

RESUMO: Tem como objetivo discorrer sobre o conflito existente entre a busca do ser humano pela felicidade e a sociedade que impede a realização dos desejos naturais do mesmo, a partir da obra *O mal-estar na civilização*, na qual será discutido por meio de um percurso antropológico sobre a instauração do modo de vida civilizatório e apresentará investigações sobre as origens da infelicidade, comportamento humano e as mazelas presentes no convívio social. A partir disso, é proposta uma visão sobre a cultura como inimiga das vontades humanas e a verdadeira responsável pelas modificações que acontecem socialmente, que também darão início as constantes divergências de objetivos entre os indivíduos entre si assim como as consequências da existência desse sistema social como uma figura de poder. O foco dessa comunicação é expor uma reflexão sobre o conflito presente na história do homem desde o momento que decidiu se estabelecer e conviver em comunidades, o que o transformou em uma peça de um sistema cultural que tem como propósito sua própria prosperidade – o que não necessariamente envolve a realização do prazer e da felicidade do homem. Somado a isso, porém não de uma forma contraditória, o bom desenvolvimento da cidade está completamente ligado ao desenvolvimento de seus habitantes, portanto essa sociedade necessita de normas e regras para moderar as esferas sociais, como família e Estado afim de evitar revoltas motivadas por comportamentos hostis e agressivos potencializados pela constante inibição que possam colocar em risco a permanência da vida civilizada como conhecemos.

Palavras-chave: Civilização. Instinto. O mal-estar. Inibição. Felicidade.



EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA NO BRASIL: ANÁLISES A PARTIR DE PIERRE BOURDIEU E ERIC WEIL

Lana Vanessa Costa Serra

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão

E-mail: lanaserra68@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Francisco Valdério

RESUMO: A sociedade brasileira tem tido expensas dificuldades quando o tema é o afrontamento da violência. Os crescentes casos de violência física ocorridos em ambiente escolar (mais não apenas neles) indicam um certo fracasso do processo de educação uma vez que a educação é o inibidor social mais eficaz, através dos séculos, da violência. Nesse sentido, refletir sobre os discursos educacionais e sua relação com a violência parece um passo importante nesse caminho a ser trilhado com o intuito da superação do atual estado de coisas impostas pelo progressivo aumento da violência. Por esses aspectos é que as abordagens de Pierre Bourdieu (1930-2002) e Eric Weil (1904-1977) acerca da violência podem ser muito frutíferos quanto a apreensão desse fenômeno que tem tirado o sono de muitos educadores no Brasil. Ora, Bourdieu nos ensina sobre uma violência simbólica que se funda numa imposição determinada de natureza econômica ou social mediante a ausência de coação física e que causa danos morais e psicológicos importantes. Esse tipo de violência é a fabricação de contínua de crenças no âmbito social indutoras do indivíduo ao seu a adoção de critérios e padrões do discurso dominante, uma vez que as crenças dominantes impõem valores, hábitos e condutas sem o recurso à violência física, mas podendo levar ao extremo das situações em torno das questões que envolvem raça, gênero, *bullying*. Assim, a violência simbólica é o meio pelo qual o exercício do poder do discurso dominante opera. Por seu turno, Weil aborda um conceito de violência distinto, porém tangente ao que Bourdieu elabora, pois, para esse pensador, a violência assume um forte caráter metafórico podendo então, ser aplicada a múltiplas situações históricas. Para Weil, a violência é multifacetada e se imiscui nos mais variados discursos humanos. Desse modo, a articulação dessas duas noções, concorrem para uma melhor compreensão do problema da violência no âmbito escolar. Ademais, não seria difícil constar, a partir do que foi apresentado, que muitas das vezes são os próprios discursos educacionais oficiais (governamentais) a promoverem um tipo de violência que terminam por mascarar a violência mais fácil de ser reconhecida por ser praticada explicitamente. A partir de leituras desses autores pretende-se entender sobre a falsificação da palavra (não verdade) que se encontra em determinados discursos educacionais vigentes, em especial, quanto aos que pautam o novo currículo do ensino médio proposto e o grau de violência neles alojados.

Palavras-chave: Educação, violência, discurso, fenômeno, instrução.



REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE VERDADE FACTUAL NO ÂMBITO POLÍTICO EM HANNAH ARENDT

Susana Kellen Coimbra Castro

Maria Olívia Serra

RESUMO: Hannah Arendt (1906-1975) foi uma célebre pensadora do século XX. Sua condição de judia alemã influenciou profundamente o desenvolvimento de toda a sua produção intelectual, por assim dizer. Através de sua experiência pessoal com o nazismo, Arendt problematiza acerca do regime totalitário em uma de suas principais obras, *Origens do Totalitarismo* (1951), focalizando no que ocorreu na Alemanha durante o Terceiro Reich na tentativa de compreender os pilares desse sistema, que não se enquadrava nas categorias tradicionais de tirania. Em sua obra *Entre o Passado e o Futuro* (1961), a autora faz uma investigação sobre o fenômeno de ruptura entre o passado e o futuro a fim de compreender o presente. Diante disso, no que tangencia o conteúdo do livro, especificamente o artigo sobre *Verdade e Política* que consiste em uma espécie de resposta de Arendt as críticas que sofrera após a publicação de *Eichmann em Jerusalém* (1963), observa-se especial ênfase em relação aos paradoxos que circundam a verdade e a mentira, sobretudo na esfera política, base de suas meditações filosóficas. Nesse sentido, nossa comunicação pretende promover uma reflexão à luz de uma concepção arendtiana sobre a noção de verdade factual como possibilidade de garantia de um valor ético capaz de nortear a atividade política, pois, ao fazer a distinção entre essas duas categorias fundamentais (verdade factual e verdade racional), a pensadora acentua que a primeira é que de fato interessa dentro do âmbito político, para estabelecer uma espécie de parâmetro capaz de orientar a nossa relação com o mundo e salvaguardar a dignidade tanto da verdade quanto da política, competência fundamental para a manutenção do regime democrático. Para tanto, no intuito de compreender esses importantes aspectos do pensamento arendtiano, utilizar-se-á como fio condutor o ensaio *Verdade e Política* presente na obra *Entre o Passado e o Futuro*. Contudo, é importante ressaltar que por se tratar de um trabalho oriundo de uma pesquisa ainda em andamento, não busca respostas conclusivas acerca da temática, haja vista seu caráter teórico bibliográfico, mas sim fomentar a discussão no espaço acadêmico, através do exercício do pensamento crítico.

Palavras-chave: política, mentira, verdade, dignidade, democrático.



DA CAVERNA DE PLATÃO PARA A “CAVERNA MODERNA” E A ANGUSTIA COMO DESVELAMENTO DESTA PRISÃO DO CONHECIMENTO A PARTIR DE MARTIN HEIDEGGER.

Ivo Reis Santos
Graduando do 5º período em Filosofia pela
Universidade Estadual do Maranhão
irs1999.2099@gmail.com

Orientador: Prof. Ms. Luís Magno Veras Oliveira

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo levantar uma reflexão acerca das prisões modernas do conhecimento tendo como analogia o mito da caverna de Platão, prisões estas que buscam entreter os indivíduos a um único momento presente, sem perspectiva de futuro, oferecendo “verdades fáceis de aceitar” e retirando todo o peso da angústia presente no simples fato de existir, tendo como exemplos básicos os shoppings centers, jogos online, TV’s dentre outros aparatos de multimídia. O que caracteriza a relevância de se abordar este tema, é destacar estas “novas cavernas na modernidade” ou “novas prisões do conhecimento” e a ausência do questionamento na aceitação de culturas consumistas, potencializando o individualismo e o esquecimento do outro. Ressaltando uma necessidade de sair desta zona de conforto e confrontar a realidade, o que remete ao ato de “desvelar” e sair desta caverna confortável, que potencializa a decadência do homem e limita suas possibilidades de existência, uma vez que o mesmo já não visualiza um horizonte de possibilidades, se limitando ao único e superficial consumo. Esta reflexão busca destacar também, como um possível conhecimento verdadeiro, a compreensão de finitude ao qual estamos naturalmente destinados, este *Ser para a morte* que Heidegger destaca muito bem em específico na sua obra “Ser e tempo” (1927), além do impacto que este conhecimento tem para a existência, partindo da angústia como um desvelamento essencial para uma abordagem de sentido mais profunda e significativa na vida levando ao movimento “libertação” e da busca constante por sentidos mais próprios, este “desvelar” é perceber a presença de um “o véu alienante” é ir de encontro a realidade e enxergar com os próprios olhos e pensar com o próprio cérebro em busca de uma reflexão pessoal e não elaborada e dada por outros. Para isso este trabalho tem como base de delimitação, os métodos comparativos e dedutivos junto a relação alcançada por uma pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Prisões, Angústia, Ser para a Morte, Conhecimento, Ser no Mundo.



A CRISE DA VERDADE: UMA REDESCRIÇÃO NEOPRAGMATISTA DA FILOSOFIA EM FAVOR DA ESPERANÇA SOCIAL.

Prof. Dr. Aldir Carvalho Filho
Defil/UFMA
aldir@ufma.br

RESUMO: Provavelmente em função da crise sociopolítica mundial, associada ao vertiginoso incremento das tecnologias de informação e comunicação, a partir da segunda quinzena do século XXI assistimos (quase impotentes) à mais desavergonhada manipulação da opinião pública em períodos pré-eleitorais, por meio de disparos massivos de mensagens com notícias falsas (“*fake news*”) em redes sociais, por exemplo. Mas para que tais mensagens consigam surtir efeito, agentes sociais interessados na manipulação têm propagado suas ideologias mais ou menos autoritárias e conservadoras, disseminando, entre outros valores, obscurantismo anticientífico, reacionarismo antiliberal, anti-conservacionismo climático e ambiental, puritanismo de costumes, filistinismo cultural, etc. Tudo isto tem levado alguns cientistas e filósofos a crer que estaríamos diante de uma “crise da verdade”. Esta comunicação tem o propósito de apresentar resumidamente a posição neopragmatista de Richard Rorty acerca de um diagnóstico desse tipo. Tostamente associado a uma espécie de “relativismo”, Rorty é frequentemente confundido com alguém que defende “o fim da verdade”. Sustentando que há, de fato, uma crise decisiva e irreversível da “Verdade” (com V maiúscula), objeto de desejo da maior parte dos filósofos no cânone tradicional (metafísico), Rorty redescreveu a história moderna do pensamento a fim de enfatizar a necessidade de um modelo de filosofia mais aberto à contingência, à mudança e ao acaso, e admita o papel preponderante da linguagem na criação das descrições do mundo. Ou seja, uma filosofia que se engaje mais claramente com as necessidades humanas tal como se impõem em seu(s) momento(s) presente(s), e abandone as tentativas inúteis de uma descrição última e incondicional da realidade. Por esse motivo, mais do que buscar a “Verdade”, Rorty defendia que devíamos nos esforçar em aumentar as chances práticas de que a esperança social que emergiu com o Iluminismo possa ser traduzida em justiça e liberdade política e econômica. Nesse sentido, **a verdade** (com v minúscula), que *é o resultado de encontros humanos livres e abertos, não estará nunca em crise* se, todavia, conseguirmos que nossas sociedades resgatem essa esperança. Em sociedades desiguais, socialmente injustas, só a Verdade do autoritarismo e do Terror pode ocorrer. Para Rorty, se lutarmos pela liberdade e pela igualdade, a verdade será uma consequência natural.

Palavras-chave: Verdade. Linguagem. Contingência. Esperança Social. Neopragmatismo.



PROLEGÔMENOS AO ESTUDO DA VERDADE E DA CRISE EM EDMUND HUSSLERL

Jean Marlos Pinheiro Borba
Departamento de Psicologia – UFMA
Programa de Pós-graduação em Psicologia – UFMA/CEH & GEPFPF
jean.marlos@ufma.br

André Vinícius Dias Senra
Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ/Campus de Volta Redonda
Grupo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica – GEPFPF-UFMA/DGP-
CNPQ-/CEH & GEPFPF
Círculo de Estudos Husserlianos – CEH-UFMA-IFRJ/DGP-CNPQ
andre.senra@ifrj.edu.br

RESUMO: Uma questão orienta esta comunicação: é possível contribuições da atitude e o método fenomenológico husserlianos como um modo intelectual e rigoroso para acesso do sentido de verdade e crise? A questão disparadora que propomos se sustenta na Fenomenologia Husserliana, e nas análises de comentadores fidedignos ao seu pensamento, as evidências apodíticas almejadas pelo seu método demonstram um rigor tal que revelam uma crítica em relação ao estado da epistemologia no cenário contemporâneo que se mostra tão preocupante quanto àquele vivenciado por Husserl em sua época. Apresentaremos assim a noção de Verdade como correspondência a realidade sendo para isso necessários a compreensão de intenção significativa, intuição e evidência. No que diz respeito a Crise a obra husserliana aponta reflexões sobre o cenário da Europa no que diz respeito aos rumos da teoria do conhecimento adepta ao positivismo e ao ceticismo empirista, bem como as influências do naturalismo e do psicologismo ao encobrir a verdade. Ratificaremos também o propósito husserliano de tornar a Filosofia uma ciência rigorosa com atitude e método próprios para estudo da subjetividade, da intersubjetividade e dos fenômenos. Serão apresentadas as contribuições da atitude e do método fenomenológico para compreensão da crise no cenário contemporâneo e para o desvelamento da crise da verdade. Em termos metodológicos o caminho seguido para este trabalho foi a atitude e o método fenomenológico husserliano tomado ele mesmo em seus escritos a fim de evidenciar o sentido e o significado de Crise e Verdade em Husserl contidos em sua obra. Após a descrição das evidências encontradas, elas foram analisadas e sistematizadas de modo compreensivo-descritivo. A análise husserliana buscou desde seu início uma preocupação com a verdade pura, tomada ela mesma em “carne e osso”. Destacaremos a importante contribuição do lógico G. Frege para que a fenomenologia husserliana acordasse do sono do psicologismo brentiano e se torna um realismo fenomenológico. Por fim, demonstraremos como Husserl buscou por meio da atitude e do método fenomenológico refletir sobre a verdade e a crise na sua época, de modo que seja possível contribuir com leituras do cenário contemporâneo.

Palavras-chave: Fenomenologia. Edmund Husserl. Crise. Verdade.



VERDADE E MENTIRA EM NIETZSCHE

Matheus Costa e Costa.

Graduando em filosofia (UFMA), vinculado ao GEPI KANT/UFMA/CNPq
math.2costa@gmail.com

Rayssa Marchão Araújo.

Graduanda em filosofia (UFMA).
rayssamarchao@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Maria Olívia Serra

RESUMO: Em “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”, Nietzsche tem como enfoque principal três problemas filosóficos: conhecimento, linguagem e verdade. O filósofo dirá que o ser humano com sua capacidade racional para criar o conhecimento é igualmente incapaz de esgotar tal dádiva por ser finito e limitado diante de todos os mistérios do mundo; assim não é possível atingir a verdade pelo conhecimento. Para o pensador, a verdade serve para a celebração de um tratado de paz em sociedade, isto é, visa evitar uma guerra contra tudo e todos a partir da construção de uma moral imposta e obrigatória a todos. É na criação dessa moral social que nascem as leis que deverão ser impostas surgindo assim o entendimento sobre verdade e mentira. Nietzsche ainda dirá que a linguagem, a partir do conhecimento humano, não pode apreender a coisa em si, pois a *verdade pura* é incompatível com a linguagem que é autossuficiente, e por isso serve apenas como forma de auxílio para a interpretação das metáforas demonstradas pela realidade. Nietzsche encontrará no mito e na arte a solução para a afirmação da existência humana que não pode ser suprida pela verdade: esta se torna insuficiente e por isso o homem *foge* para a arte em geral; a arte não precisa e nem nunca precisará da verdade para se afirmar enquanto manifestação da existência humana. Dessa maneira, essa comunicação tem como objetivo demonstrar a perspectiva nietzschiana sobre a ilusão da verdade que o ser humano constrói a partir do conhecimento puro que acredita ter, mas que na verdade não o tem pois nada pode conhecer *verdadeiramente*; a verdade é mentir em rebanho.

Palavras-chave: Nietzsche; Verdade; Mentira; Moral; Arte.



MEMÓRIA E VERDADE À LUZ DE HANNAH ARENDT

Matheus Costa e Costa.

Graduando em filosofia (UFMA), vinculado ao GEPI KANT/UFMA/CNPq
math.2costa@gmail.com

Rayssa Marchão Araújo

Graduanda em filosofia (UFMA).
rayssamarchao@gmail.com

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Olívia Serra

RESUMO: Inicialmente será feito um estudo quanto à questão da moralidade em Hannah Arendt a partir da sua crítica acerca dos acontecimentos na Alemanha no período totalitário do século XX que, nas palavras da filósofa, representou um “colapso moral” nunca visto antes na história daquele país. Em paralelo, com este trabalho tem-se o objetivo de apresentar uma breve análise referente ao período ditatorial militar ocorrido no Brasil entre 1964 e 1985 com destaque à memória e à verdade como modalidades de impedimento ao esquecimento desses fatos tenebrosos. Demonstrar-se-á como o arrependimento está ligado ao ato de não esquecer e como isso somente é possível porque existe uma conexão entre *pensamento* e *lembrança*, sendo que *lembrar* corresponde ao exercício da memória. Ademais, será ressaltado como o *pensamento* é um preceito da moral de maneira condicional, isto é, no entendimento da filósofa, para agir moralmente eu preciso antes de tudo pensar. Assim a questão moral revelar-se-á como algo que se manifesta na intimidade do indivíduo junto com a sua capacidade de pensar: o meu entendimento sobre o certo e o errado depende do que eu mesma penso sobre isso; dessa forma, antes de tudo, a moralidade obrigatoriamente sofre um julgamento pessoal. Por fim, na presente comunicação, destacar-se-á a importância do exercício da memória e a busca pela verdade como objetivos de preservação da história brasileira para as futuras gerações com o intento de que fatos como aqueles não se repitam e demonstrar que, para isso, pensar e lembrar são ações essenciais que possuem uma força moral para se evitar o esquecimento e a sua repetição.

Palavras-chave: Arendt; Totalitarismo, Memória, Verdade, Moral.



OBJETIVOS E DETERMINAÇÕES DOS PARÂMETROS CURRICULARES E NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO: A JUSTIFICAÇÃO DO DIÁLOGO COMO UM DOS PRINCÍPIOS DE APRENDIZAGEM EM FILOSOFIA.

Katiane Suellen Melo Araújo
katyane.melo@gmail.com

Milla Tamires Amorim Pereira
thamys_13@hotmail.com

Nêmora Matos Carvalho Procópio
nemorajoplin@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Maria Olívia Serra
Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO/UFMA

RESUMO: Há diversos estudos a respeito do ensino de filosofia que vão desde estabelecer seus objetivos até traçar os métodos para alcançar seu fim. O ponto de partida do presente estudo é motivado pelos direcionamentos dados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que de antemão já estabelecem os objetivos e justificam a presença da filosofia como disciplina pertencente ao currículo escolar. Destacamos ainda que os PCN são resultado de toda uma discussão a respeito do ensino de filosofia movimentada pelo entra e sai da mesma no currículo escolar, marcado por diversas concepções ideológicas e políticas. Tal discussão estava centrada em questões a respeito de sua utilidade e importância na formação do sujeito. E, muito embora tenha sido resultado desse debate, este documento não é capaz de garantir o ensino efetivo da filosofia, devido as variáveis do processo que vão desde a formação do professor até o contexto dos participantes do ensino. Ademais, os PCN funcionam como orientações e não um módulo sistematizado de ensino de filosofia. Deste modo, no presente artigo será feita uma análise dos documentos que regulamentam a educação no Brasil, com foco na disciplina Filosofia, com o objetivo de descrever e analisar os objetivos determinados pelos PCN, no que se refere às habilidades e competências a serem desenvolvidas pelo ensino de filosofia, como por exemplo, a leitura filosófica aplicada a diversos textos incluindo os *não-filosóficos*. Tal análise será feita na perspectiva de nossa escolha axiológica da filosofia, no sentido de dizer qual a contribuição real desses objetivos para os jovens e se esses objetivos estão de fato no campo do 'fazer filosófico'. A pesquisa visa ainda identificar os aspectos dialógicos apresentados pelas diretrizes, a fim de justificar a importância do diálogo como um dos princípios de aprendizagem, além de oferecer a partir deste princípio uma tentativa de unir a prática ao que se exige nos documentos, efetivando assim a filosofia disciplinar.

Palavras-chave: 1. Ensino de Filosofia. 2. PCN. 3. Diálogo. 4. Competências. 5. Aprendizagem.



DO DIREITO A MENTIRA, ANÁLISE DE UM PONTO DE VISTA KANTIANO.

Matheus Costa e Costa

Bacharel em Teologia - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil
Graduando em filosofia (UFMA), vinculada ao GEPI KANT/UFMA/CNPq
math.2costa@gmail.com

Rayssa Marchão Arújo

Graduanda em filosofia (UFMA)
rayssamarchao@gmail.com

Orientadora: Profa Dra Zilmara de Jesus Viana de Carvalho

RESUMO: Na obra, “*Sobre um suposto direito de mentir por amor a humanidade*”, o filósofo prussiano do período iluminista, Immanuel Kant, analisou um pretense direito à mentira a partir de um ponto de vista legal, isto é, se é correto juridicamente o direito a mentira. O texto supracitado, trata-se de uma resposta de Immanuel Kant à crítica feita por Benjamin Constant, que divergia de Kant ao defender que, que embora a verdade seja um dever, devemos dizê-la somente àqueles que tem direito a ela. Kant por outro lado, defendia que ser honesto é um sagrado mandamento da razão, que ordena incondicionalmente e não admite limitações de qualquer espécie. Seguindo o mesmo entendimento, ainda de acordo com o filósofo prussiano, aquele que mente, deve responder sobre suas ações, mesmo diante do tribunal civil, e se penitenciar a ela, independentemente das consequências. Desta forma, a presente comunicação visa examinar o dito direito à mentira como algo aceitável em determinadas situações, tendo em vista a sua utilidade a partir do ponto de vista kantiano, vinculando a questões de ordem moral, sendo o direito e a ética pertencentes a esfera moral.

Palavras-chave: Kant; Mentira; Verdade; Direito; Moral;



ANÁLISE ACERCA DA RELIGIÃO NATURAL SEGUNDO DAVID HUME

Matheus Marques Rodrigues da Costa
Instituto de Estudos Superiores do Maranhão - IESMA
Universidade Estácio de Sá - UNESA

Orientador: Lucas Viana Silva

RESUMO: Apresentaremos os elementos fundamentais sobre a ideia da religião natural baseando-nos no pensamento do filósofo David Hume. Utilizaremos como obras base: *Diálogos sobre a religião natural* e *Investigação sobre o Entendimento Humanano*. Traremos algumas oposições de Hume aos princípios metafísicos e religiosos pois para ele não é possível justificar a religião por meio racional e nem por experiência. Hume finaliza que apenas a fé deve ocupar-se com tal assunto.

Palavras-chaves: Religião natural. Metafísica. Hume. Religioso. Fé.



DA EDUCAÇÃO COMO UM FIM MORAL EM KANT A UMA SOCIEDADE ÉTICA

Trinne Cristine Pimentel Costa
Email: trinnecristine@gmail.com

Carlos Felipe do Nascimento Cardoso

Orientadora: Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho
Universidade Federal do Maranhão- UFMA

RESUMO: O presente trabalho tem como propósito discutir se a moral é, o fim de todo processo educativo em Kant, e de qual modo sua proposta pedagógica pode vir a ser um meio para a construção de uma sociedade ética. Por conseguinte, de onde vem o pressuposto moral da obra *Sobre a Pedagogia* e qual ideia serve como fio condutor para essa educação moral. Ora, a abordagem feita pela pedagogia kantiana, está inteiramente ligada com o interesse prático referido ao desenvolvimento do dever, onde a finalidade e satisfação da vida não é a felicidade, já que se pode apenas esperar ser digno da felicidade e satisfação provenientes do agir moral. Buscando também uma educação de equilíbrio, através da qual visa a união entre natureza e ensino, além de possibilitar a maioria, Kant busca, também, elucidar o papel exercido pela razão no desenvolvimento desta pedagogia moral. A proposta pedagógica kantiana apresenta noções básicas sobre disciplina, cultura, instrução e liberdade, sendo esta última intrínseca a educação moral, pois a educação voltada para a moralidade é aquela na qual o homem deve ser educado para ser livre, de modo a utilizar-se de sua liberdade de forma sempre favorável ao mundo, porém a liberdade não assume um caráter exclusivamente prático-moral, nesta obra, ela se refere também a possibilidade de um livre pensar. *Na Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, o filósofo apresenta a vontade como razão prática, isto é, como uma vontade que possui a capacidade de agir segundo a representação de leis que ela mesma se dá, as leis morais, a referida obra também apresenta a questão da liberdade, onde esta está posta como propriedade da vontade de agir independentemente das suas determinações por causas alheias. Desta forma a vontade pode legislar para si, na medida em que ela é livre, e é válido elucidar que é na liberdade que o homem irá fazer uso de sua razão prática, isto é, exercer sua moral. Este tem de ser livre para a efetivação do imperativo categórico, no sentido de que a vontade é livre de coação por outros móveis que não sejam o dever, havendo aí o exercício da liberdade enquanto escolha pela máxima em acordo com a lei moral. Tomando por base essa perspectiva kantiana, temos como objetivo aqui explicar a educação como fundamental para o desenvolvimento da moralidade, enfatizando a importância desta como auxiliadora na formação do caráter do indivíduo e no convívio com outros, bem como seu papel essencial no processo de reconhecimento do homem para com a lei moral, para pautar nela as suas ações e, assim, agir de forma ética propiciando uma sociedade mais honesta, transparente e verdadeira.

Palavras-chave: Kant. Moral. Ética. Educação Liberdade



SOBRE O QUE É PASSÍVEL DE CONHECIMENTO VERDADEIRO SEGUNDO IMMANUEL KANT

Karoliny Costa Silva
karoliny_s@hotmail.com

Lucas Costa Gomes
sacosta.gomes@gmail.com
Universidade Federal Do Maranhão- UFMA
Graduação em Filosofia
FAPEMA

Orientadora: Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo relacionar as intuições puras de espaço e tempo com o conhecimento da verdade no que concerne à realidade fenomênica. Tempo e espaço são as formas puras da sensibilidade e são condições formais de possibilidade dos fenômenos, isto porque, para que os objetos apareçam para nós, tais condições a priori da sensibilidade são imprescindíveis, visto que uma permite a intuição externa e outra a interna. Assim, esclareceremos as formas puras de espaço e tempo, enfatizando suas consequências para a teoria do conhecimento elaborada por Kant em sua *Crítica da Razão Pura*, ressaltando ainda que não há como conhecer algo sem os sentidos, ou seja, o entendimento não pode abdicar da sensibilidade e nem esta daquele, uma vez que sem essas duas instâncias em conjunto não haveria o conhecimento em sua totalidade, ou seja, o conhecimento acerca de fenômenos. Por meio deste estudo introdutório, pretendemos mostrar a importância das formas puras da sensibilidade para a noção kantiana de juízo sintético a priori, explicar a relação dessas formas com a concepção epistemológica conhecida como idealismo transcendental, além de evidenciar o que no tempo e no espaço dá a esses conceitos o estatuto da idealidade transcendental e da realidade empírica. Na medida em que toda intuição é sensível e, desse modo, mediada por essas formas puras na relação com os objetos dos nossos sentidos, tudo que podemos conhecer é produto de nossas experiências bem como o que se relaciona com suas condições de possibilidade, isto é, o que é transcendental.

Palavras-chave: Sensibilidade. Entendimento. Conhecimento. Fenômeno. Realidade.



PRUDÊNCIA, DISSIMULAÇÃO E DESONESTIDADE NUMA VISÃO KANTIANA

Gregory Ferreira Neves
Graduando do Curso de Filosofia/UFMA
Integrante da RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA/CAPES
Integrante do GEPI KANT/UFMA/CNPq
gregoryferreira1947@gmail.com

Carllyanne Helena Costa Tavares
Graduanda do Curso de Filosofia/UFMA
Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UFMA
Integrante do GEPI KANT/UFMA/CNPq
lyhelena@outlook.com.br

Zilmara de Jesus Viana de Carvalho
Prof.^a Dr.^a do Depto. de Filosofia da UFMA e do Mestrado
Interdisciplinar em Cultura e Sociedade
ziljesus@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo explicitar, dentro da filosofia de Immanuel Kant, os conceitos de prudência e dissimulação, bem como, a má utilização destes conceitos pode levar a agir de forma desonesta. Em sua obra, *A Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1785), o filósofo de Königsberg têm por objetivo investigar o que regula ou norteia a conduta para a moral humana, onde fica claro no decorrer da obra que a moral reside no próprio sujeito da ação. Nesta obra, dentre outros conceitos, vamos destacar o conceito de prudência que na verdade tem a função de escolha dos meios para atingir o maior bem-estar próprio, ou seja, escolhe a melhor maneira para se atingir a felicidade subjetiva, por isso, está intrinsecamente ligado à vida em sociedade, a vida real dos homens. Já em sua outra obra, *Sobre a Pedagogia* (1803), o filósofo prussiano nos apresenta seu ponto de vista referente a uma educação formadora das disposições naturais do homem, nos mostrando o processo pelo qual o homem deve passar desde a infância até a vida adulta, processo esse, tendo em vista não só a sua moralidade, mas de toda a humanidade. Ora a prudência deve estar acompanhada da moralidade, como forma de evitar características da desonestidade, que uma vez mal utilizada, tendo em vista a dissimulação das intenções pelo agente da ação, pode converter-se num instrumento de manipulação da verdade. Desse modo é imprescindível educar o homem para uma vida cidadã, visto que a vida cidadã pauta-se fundamentalmente na prudência.

Palavras-chave: Educação, Prudência, Dissimulação, Desonestidade.



A VERDADE E SEU LUGAR NO DISCURSO FILOSÓFICO

Autor: João Rodrigues Amorim
jamorim22@hotmail.com

Coautora: Camila Matos de Miranda
milamdm.cm@gmail.com

Orientador: Francisco Valdério Pereira da Silva Junior
Universidade Estadual do Maranhão
fderio@gmail.com

RESUMO: Ao escrever a *Lógica da filosofia* (1950), o filósofo francês Eric Weil, é motivado a compreender os diversos discursos filosóficos através de uma lógica em que uma nova leitura da filosofia surge em face de uma tradição. A *Lógica da filosofia* é uma obra extensa, com uma Introdução de oitenta e seis páginas (na versão original), na qual Weil proclama o conteúdo de sua obra. Logo depois, apresenta uma a uma, das dezoito categorias nas quais expõe a coerência do sistema filosófico. Sua proposta é compreender a diversidade das filosofias em que cada uma delas se mostra com determinada coerência, porém o conjunto das mesmas não forma um todo coerente. Assim, na *Lógica da filosofia* é possível observar a diversidade dos discursos, podendo estes serem violentos ou não. Para Weil, “a lógica da filosofia é, assim, a sucessão dos discursos coerentes do homem, sucessão cuja orientação é dada (para nós) pela ideia do discurso coerente que compreende a si mesmo” (WEIL, 2012, p. 109). Dada tais informações, o objetivo desse trabalho é fazer uma reflexão sucinta a respeito da primeira atitude da lógica dos discursos filosóficos weilliana: a *Verdade*. Sob a égide da filosofia de Eric Weil, apresenta-se a mesma como “fundo do discurso” e como tal representa, muitas vezes, o silêncio até passar à linguagem efetiva. Vale lembrar que a *Lógica da filosofia* é composta por dezoito categorias cuja ordem é lógica (e não histórica), sendo elas: (1) *Verdade*, (2) *Não Sentido*, (3) *Verdadeiro e Falso*, (4) *Certeza*, (5) *A Discussão*, (6) *O Objeto*, (7) *O Eu*, (8) *Deus* (9) *Condição*, (10) *Consciência*, (11) *Inteligência*, (12) *Personalidade*, (13) *O Absoluto*, (14) *A Obra*, (15) *O Finito*, (16) *A Ação*, (17) *Sentido*, (18) *Sabedoria*. A verdade juntamente com as outras 4 categorias iniciais descrevem o cenário do começo da filosofia, e no caso da *Discussão*, o discurso político. Dois aspectos caracterizam a categoria da *Verdade*, o universal e o vazio, a *Verdade* tem o caráter universal porque não é atitude de um discurso apenas, mas do discurso total, e é vazia porque ela é tudo, e sendo o tudo é nada. No pensamento weilliano, falar de *Verdade* implica passar à segunda categoria do discurso, isto é, ao *Não Sentido* que, semelhante a primeira, apresenta-se também como universal e vazia. Para finalizar nossa breve reflexão, a retomada da *Verdade* pelo *Não Sentido* compreende o início da lógica dos discursos que possibilita uma correspondência biunívoca entre ambas categorias, pois falar de uma *Verdade* que difere do *Não Sentido* é falso, e proclamar que o *Não Sentido* é a *Verdade* é verdadeiro. Para Weil, a *Verdade* é apenas uma atitude muda e com o aparecimento do *Não Sentido* ela pode retornar a si mesma, isto é, pensar a si própria, portanto, só é possível falar de *Verdade* enquanto *Não Sentido*, por meio do conceito de retomada (*reprise*).

Palavras-chave: Discursos. Verdade. Não Sentido. Weil. Retomada



A CRÍTICA DE JEAN PAUL SARTRE À LITERATURA DETERMINISTA EM O "EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO"

Marlyson Pereira Costa
Universidade Estadual do Maranhão
mar_llyson@hotmail.com

Orientador: Prof. Ms. Rafael de Sousa Pinheiro - UEMANET

RESUMO: O objetivo da presente comunicação consiste em expor a concepção de Literatura de Jean Paul Sartre (1905-1980), presente na obra *Que é a literatura*, bem como sua crítica ao determinismo e à literatura naturalista, desenvolvida em *O existencialismo é um humanismo*. Sartre considera a literatura como uma demonstração da densidade concreta do vivido, como tomada de consciência de sua situação existencial, possibilitando compreendê-la e até mesmo mudá-la. É por essa instância, que o filósofo chega à conclusão de que escrever é agir. O engajamento enquanto ação afirmativa da responsabilidade humana no mundo, não faz com que a literatura se relacione com o desinteresse, mas com um comprometimento ético-político, até porque ao escritor caberia não apenas testemunhar, mas também contribuir com mudanças a partir da ação que segue a compreensão da realidade pela literatura. A ética tem sua grande relevância ao conectar-se com a literatura, pois é ela quem realiza a mediação para que o homem tome consciência de sua condição de alienado, ou seja, ela faz com que o homem tome conhecimento de si e da humanidade. É exatamente a questão da liberdade que, tanto para a filosofia quanto para a literatura de Sartre, se faz necessário no tocante ao engajamento, pois se por um lado, o existencialismo a tem como um dos pontos primordiais de seus preceitos, condenando o homem a ser livre e responsável por seus atos, por outro lado, na sua teoria literária, também é ponto essencial para se entender a relação que se estabelece entre escritor e leitor na compreensão da obra literária, reafirmando, com isso, a possibilidade da literatura elucidar a realidade. A escrita para Sartre é engarjar-se, é participar do mundo, e ler é torna-se cúmplice desse objeto, pois o escritor e leitor são essenciais para a existência desse objeto concreto que é a literatura. O que vemos nessa relação entre filosofia e literatura é uma vizinhança comunicante, como afirma Silva (2004), que significa assumir que não há uma relação externa nem uma identificação entre elas. A passagem de uma para a outra é uma passagem interna, de necessidade, de um complemento, mas nunca de um complemento aleatório. Nessas condições, a literatura existencialista acredita e defende que não há um determinismo ou causalidade vindo de fora para o homem, todavia, o escritor francês Emíle Zola levanta e defende a ideia de que esse determinismo existe e que muitas das vezes ele vem do meio em que vivemos, da sociedade, por um determinismo orgânico ou até psicológico, e com isso, por exemplo, se defende a ideia de que o homem é herói ou covarde porque ele sofreu diversas influências para isso. Sartre, em contraposição, defende que o covarde ou herói são os únicos responsáveis por sua covardia ou heroísmo, pois eles se construíram, “fizeram-se” por meio de suas ações e atos. Nós não nascemos como heróis ou covardes, nós nos fazemos assim. Tendo definido a situação do homem como escolha livre, sem desculpas e auxílios, Sartre considera que todos que se refugiam por trás de desculpas, que inventam um determinismo, são homens de má-fé.

Palavras-chave: Literatura. Determinismo. Filosofia. Engajamento. Liberdade.



A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE FILOSOFIA EM TEMPOS DE CRISE

Adriely Almeida Costa

E-mail: a.99costa@gmail.com:

Graduanda Filosofia -UFMA/ Bolsista do Residência Pedagógica

Francyhélia Benedita Mendes Sousa

E-mail: francyhelia_sousa@outlook.com

Licenciada -UFMA

Orientadora: Natália Pereira Pinheiro

E-mail: amosilencio@gmail.com

Professora-UFMA/Colun

RESUMO: A presente investigação tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a importância do ensino de filosofia nas escolas de educação básica no Brasil. A investigação é fruto das observações e regências realizadas no Colégio Universitário (Colun - UFMA) e Centro de Ensino Maria Pinho, por meio do programa Residência Pedagógica, subprojeto de Filosofia, no período de Março à Setembro de 2019. Ao longo do percurso historiográfico da Filosofia, é possível perceber que esta sempre foi marcada por embates e dissensões que atraí para si ataques e tentativas de silenciamento. As tentativas de governos políticos e outros segmentos sociais de retirarem a Filosofia da sociedade, usando as mais diversas justificativas, sendo o mais comum atribuir-lhe um caráter negativo, não são poucas dentro da sua história. As mesmas tentativas de silenciamento de filósofos pesquisadores, acontece com o ensino de filosofia nas escolas de educação básica brasileiras, sob a forma de retirada da obrigatoriedade da disciplina, ou até mesmo com a retirada total da sua presença no currículo escolar, como aconteceu no período de ditadura militar no Brasil. Ora, a história da humanidade é repleta de momentos de crises políticas, sociais e econômicas. São nesses contextos que a população se depara com uma rede de discursos que têm a pretensão de manipular, ludibriar, encantar e submeter as pessoas aos mais diversos tipos de dominação. A Filosofia é uma área do conhecimento que tem a lógica como uma importante ferramenta de análise e validade dos discursos, além deste eixo, a ética, a estética e a filosofia política se apresentam como norteadores do pensamento crítico, pois podem contribuir com uma interpretação de mundo mais aprofundada. Em função disso, considera-se fundamental o ensino de filosofia para crianças e adolescentes, visando a formação de sujeitos mais críticos e autônomos. Nesse sentido, pretende-se relatar como o ensino-aprendizagem da referida disciplina para o público infanto-juvenil é um importante meio de difundir na sociedade o saber filósofo que pode orientar as pessoas diante das constantes manipulações, contestações de fatos históricos e relatividade epistemológica, recorrentes no meio social em momentos de crises.

Palavras-Chave: Filosofia¹. Educação². Ensino³. Aprendizagem⁴. Crise⁵.



O ABSURDO NA OBRA *O ESTRANGEIRO* DE ALBERT CAMUS

Milena Oliveira Pires
Universidade Estadual do Maranhão
E-mail: milenaoliveirapires@hotmail.com

Orientador: Prof. Ms. Rafael de Sousa Pinheiro - UEMANET

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar a concepção de Absurdo presente no pensamento do filósofo francês Albert Camus, a partir das obras *O estrangeiro* e *O mito de Sísifo*. O absurdo presente na obra camusiana expressa a dimensão presente na vida do homem. O termo absurdo (*l'absurde*) é salientado desde a literatura francesa por volta da década de 30, com alguns autores que construíram suas obras em torno dessa problemática, como Sartre, Malraux e o próprio Camus. Tal termo empregado coincide com a constatação intelectual de que o cosmos não é ordenado racionalmente, isso se deve ao fato do pensamento hegeliano transmitido para a cultura ocidental ser utilizado de forma que, a racionalidade do mundo deveria ser o primeiro motor no que se refere à inteligência. A experiência humana, dessa forma, encontra o caos ao invés da ordem. Por conseguinte, o absurdo é o resultado que se chega quando se pretende encontrar ordem e razão, mas se encontra desordem e irracionalidade. Vale ressaltar, então, o termo utilizado se adéqua ao mundo que se revela estranho, devido à aflição, presunção e obscuridade de toda uma geração. *O Estrangeiro* elucida toda a problemática absurdista para o homem contemporâneo, mencionada em outras obras, de forma filosófica, como *Homem Revoltado* e *O Mito de Sísifo*. A estória de Mersault, personagem central de *O estrangeiro*, retrata o absurdo existencial, onde não se tem explicação lógica para o seu comportamento, posto isso, é apenas absorvido e vivido. Como se observa, não há nada de célebre ou de horripilante no enredo, e é justamente por isso que o livro assombra. Mersault leva uma vida comum, retratando perfeitamente a vida de qualquer homem do século XX, se assemelhando até às narrativas de Kafka, onde os personagens são indivíduos comuns, englobados em um mundo onde se torna cada vez mais difícil de se compreender. A harmonia dos contrários, aqui presente, viver ou morrer, amar ou odiar, ser feliz ou triste é apenas o resultado de como Mersault se porta diante de sua vivência, sendo tudo isso indiferente.

Palavras-Chave: Filosofia. Literatura. Absurdo. Estrangeiro. Existencialismo.



O PROBLEMA DA VERDADE NA ORIENTAÇÃO NATURAL: A CRÍTICA HUSSERLIANA POR MEIO DA ATITUDE FENOMENOLÓGICA

Maria Fernanda Gabrielly de Jesus Santos Costa

Discente do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica – GEPFPF

Jean Marlos Pinheiro Borba

Departamento de Psicologia – UFMA/Programa de Pós-graduação em Psicologia – UFMA/Grupo de
Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica – GEPFPF-UFMA/DGP-CNPq

Círculo de Estudos Husserlianos – CEH-UFMA/DGP-CNPq

jean.marlos@ufma.br

RESUMO: O presente trabalho visa abordar a verdade dentro de uma perspectiva fenomenológica e discorrer acerca das problemáticas relativas a verdade de uma orientação natural presentes na obra Husserliana. Nesse sentido, existem possíveis reações do sujeito em relação ao mundo, uma delas é a compreensão do mesmo como “efetivamente dado”, isto é, concepção de mundo como algo do qual se faz parte, considerando as teorias, verdades e coisas como simplesmente existentes. Tal posição em relação ao mundo é aquilo que Husserl vai chamar de “*Natürlich Einstellung*” – atitude natural, essa, por sua vez, é contrastada pela “atitude fenomenológica” que diz respeito a uma concepção de mundo na qual ainda que se possa perceber as coisas como reais e existentes há a necessidade de não prova-las ou refutá-las simplesmente pelo fato de serem reais. Dessa forma, na perspectiva fenomenológica só se pode considerar qualquer proposição, após ter sua consciência modificada a partir de uma eliminação de julgamento pela *Epoché* (suspensão temporária de juízo). Sendo assim, o estudo do objeto para a fenomenologia se dá na sua relação da consciência, em seu modo de doação peculiar, para com a Intencionalidade que resulta na correspondência “Toda consciência é consciência de algo”. Esse objeto que se doa e é teoricamente “desconectado” Husserl designou de “fenômeno” visto que ele em fenomenologia é o locus que orienta a passagem da atitude natural para a atitude fenomenológica por meio da atitude e do método fenomenológico. A pesquisa de cunha biográfico, teve como orientação metodológica a fenomenologia husserliana que permitiu realizar a suspensão de a priori sobre a verdade e apreender diretamente na obra husserliana os elementos necessários para analisar a posição de Edmund Husserl sobre verdade para a atitude natural e para a atitude fenomenológica. Por fim, diferente de uma atitude natural em que se entende as coisas, teorias e verdades como existentes para que sejam ouvidas pelo fato serem já dadas efetivamente, a atitude fenomenológica se direciona apreender a verdade como fenômeno *sui generis* – de seu próprio gênero, por esse ângulo Husserl acredita que os únicos meios de alcançar a *Intentionale* estão na intuição pura e a mesma é entendida como único meio para solução do problema epistemológico.

Palavras-Chave: Verdade; Atitude Natural; Atitude Fenomenológica; Fenômeno; intencionalidade.



VERDADE, HISTÓRIA E POLÍTICA: UM DIÁLOGO COM NIETZSCHE E ARENDT

Luís Inácio Oliveira Costa
luisinacioc@uol.com.br

RESUMO: A presente comunicação pretende discutir a questão da verdade em dois tempos e a partir de duas problemáticas distintas. Num primeiro momento, o propósito é retomar a crítica radical da concepção tradicional de verdade empreendida por Friedrich Nietzsche em seu opúsculo de juventude *Sobre a verdade e a mentira em sentido extra-moral*. Num segundo momento, busca-se recuperar a discussão estabelecida por Hannah Arendt acerca do que ela nomeia como “verdade factual”, já no contexto de uma reflexão sobre as implicações éticas e políticas da verdade em sua contextura histórica. Apesar de tratar-se de abordagens claramente distintas da questão da verdade, com preocupações, enfoques e propósitos não-coincidentes e mesmo divergentes, pretende-se, a partir de seu cotejo e confronto, levar adiante algumas possíveis interrogações acerca das tensas relações entre verdade e política.

Palavras-chave: Verdade. Política. História. Nietzsche. Arendt



A DETURPAÇÃO DA VERDADE NA TRANSMISSÃO DA TRADIÇÃO: EXPERIÊNCIA E POBREZA, WALTER BENJAMIN

Jessicarla Serra Azevedo
UEMA/Bolsista PIBID/CAPES/UEMA
karlynhaserra@gmail.com

Orientador: Paulo Sérgio Calvet Ribeiro Filho

RESUMO: O autor inicia o ensaio com algumas frases “clássicas” ditas por aqueles que viveram (vivem) a uma ou duas gerações anteriores, existe um oco presente nas falas e coisas. O conhecimento é tido como algo que só pode ser alcançado mediante uma determinada idade e após muitas angústias sofridas pelos novos homens e mulheres. Todo patrimônio cultural, que dizem ser nossos, não são mais vinculados à vida do “corpo humano”, toda essa mistura de coisas, de concepções e “valores” vem tornando os homens menos crédulos e experientes. Agora o conformismo com os fatos e acontecimentos é justificado como uma saída para o não acontecimento de barbáries como outrora já se deu. A pobreza de experiências impede que homens prosperem e sejam audaciosos, essa pobreza causa um estado de paralização e comodismo que podem ser citados como uma das deformações que são transmitidas ao longo da passagem de conhecimentos. Perdeu-se a aura da Verdade por acreditar que somente quando “adulto” se poderá compreender a vida, a cultura e outros. Os homens almejam, hoje, apenas a “liberdade” de ser exatamente como são, uns bonecos marionete. A verdade tornou-se qualquer coisa dita ou vivida anteriormente, o patrimônio cultural humano deu lugar ao “atual” tomado pela aquisição econômica e política. A Verdade tem resistido através de pequenos suspiros presentes na arte e em alguns escritos deixados por aqueles que preocuparam com o “futuro” das gerações posteriores. O autor deixa clara a necessidade de articular algo empreendido e não nos utilizarmos do empobrecimento da experiência como estagnação no nosso tempo.

Palavras-chave: Benjamin. Verdade. Experiência. Tradição. Pobreza.



A INFLUÊNCIA DO KANTISMO NO PENSAMENTO BAKHTINIANO: A RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPO E A VERDADE DO ATO

Patrício Câmara Araújo
Instituto Federal do Maranhão – IFMA
patriciofilosofia@ifma.edu.br

RESUMO: O pensamento de Bakhtin esteve em contato com o criticismo kantiano. O objetivo deste estudo foi identificar elementos da presença do pensamento kantiano na filosofia do primeiro Bakhtin. Para isso relacionamos o texto *O autor e o herói na atividade estética*, de Bakhtin, que se encontra em sua obra *Estética da Criação Verbal*, com o conceito de apercepção da *Crítica da Razão Pura* de Kant. Bakhtin se apropriou da discussão do sujeito dividido da epistemologia kantiana, que foi criticado por idealistas alemães, e a reformulou a partir de uma análise fenomenológica que apresenta uma constituição do “eu” pela via estética. Nessa análise, os indivíduos, em um mesmo espaço e tempo - têm uma visão sobre o outro, que excede a que o outro tem de si mesmo. O indivíduo consciente de si mesmo, apercepção, não vê o seu rosto e nem o cenário atrás de si, no espaço, por serem coisas que excedem a sua visão na situação interlocucional, como as suas expressões faciais; é invisível para si, e, portanto bifurcado. Só o outro tem acesso à imagem completa de quem está diante dele em uma situação. Isso acontece em uma intersubjetividade assimétrica, pois, um não pode estar no lugar do outro, esta é a singularidade na arquitetônica eu-outro da concepção de alteridade em Bakhtin. O espaço-tempo que é ocupado pelo indivíduo, não é um mero local, mas um atividade, com sua verdade no ato, enquanto evento único e unitário na existência.

Palavras-chave: Espaço. Tempo. Verdade. Kant. Bakhtin



A CRÍTICA DE ROUSSEAU ACERCA DA INSTALAÇÃO DOS ESPETÁCULOS NA REPÚBLICA DE GENEBRA

Hudson Vinicius Pereira Silva
Graduando em filosofia/UFMA
hudson.hudson64@gmail.com
Luciano da Silva Façanha

Orientador: Prof. Dr. Luciano Da Silva Façanha.
Departamento de Filosofia - UFMA
Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade - UFMA

RESUMO: O presente trabalho tem por intuito abordar o tema sobre os espetáculos em Genebra, na concepção de Rousseau, para isto iremos apresentar o contexto da obra *Carta a D'Alembert sobre os espetáculos* escrita em 1757. D'Alembert se dirige à Genebra por meio de um verbete, na *Enciclopédia* questionando o duro sistema que proíbe fortemente os espetáculos. Segundo o visitante e autor, o temor de que os costumes presentes nos espetáculos estimulassem o gosto pelos enfeites e por toda libertinagem presente no teatro, que proporcionam um desligamento com os bons costumes, trazendo assim uma corrupção para o povo genebrino e seus jovens, deveriam ser repensadas. Mediante a isso, surge a figura ilustre do filósofo Jean-Jacques Rousseau, respondendo em nome de todo povo genebrino o verbete posto na *Enciclopédia* endereçado a Genebra. Em sua resposta a *Carta a D'Alembert*, Rousseau vai explicar de forma categórica todas as implicações que teria em Genebra, ao instalar um teatro ali. Rousseau ressalta que precisa-se ater a uma preocupação de pensar sobre essa proposta, naquela civilização, primeiramente, em seu caráter social, e também, por que acredita que o teatro privado não seja bom para Genebra, pois o teatro leva o seu público a um prazeroso divertimento, não podendo, por conseguinte ensinar, fazendo com que houvesse uma perda das virtudes existentes, transformando-as em vícios. Desta forma pretende-se fazer um breve panorama acerca das representações a partir da crítica apresentada na obra de Rousseau, utilizando como fundamento teórico principal *A Carta a D'Alembert sobre os espetáculos*, nesta perspectiva trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico.

Palavras-Chave: Rousseau. Pedagogia. Genebra. Ensino. Representações.



A CRISE DO HOMEM E A BUSCA PELA VERDADE A PARTIR DA VIDA INTELLECTUAL

Lucas Gustavo Xavier Saraiva
lucasxavier_@outlook.com.br

João Gabriel Porto de Melo

William de Jesus Costa Freitas
Universidade Estadual do Maranhão

RESUMO: O presente trabalho tem por propósito fazer uma reflexão acerca do Homem e da Verdade entendendo o homem como cerne da crise. Assim, buscamos fazer uma reflexão partindo do pressuposto de que é o homem que vem a estar em crise: de sentido, ideal e propósito. E com isso fundamentando-se no livro “A Vida Intelectual de Antonin-Gilbert Sertillanges” (1920) – que irá concentrar-se em estabelecer os pontos fundamentais do processo de dignificação do homem por meio do cultivo de sua intelectualidade em prol de alcançar a verdade em sua totalidade – buscamos refletir a Crise de sentido geral do Homem e como, a partir do desenvolvimento de uma vida voltada ao intelecto, o mesmo possa vir a contemplar a verdade. Deste modo, talvez o homem deva concentrar-se em redescobrir esse caminho através do cultivo do espírito intelectual para entrar em harmonia e consonância com a verdade. Assim, Sertillanges evoca um ponto de luz filosófico para além de uma vida rasa: sair das superficialidades de um mundo fragmentado - “[...] queira o que quer a verdade” (p.23) - diria nosso frade sobre o intelectual. — É na dita “Crise do Homem” que deveríamos partir. Sertillanges ressalta Santo Tomás, citando um de seus conselhos para com a educação: “Abra a pureza de consciência”. Assim, como um grande estudioso de Santo Tomás também irá ressaltar a importância do cultivo desta dita moralidade intelectual. Na qual só se pode alcançar a verdade em sua máxima se cultivar a pureza de consciência. [...] “As grandes intuições pessoais, as iluminações penetrantes provêm, em igualdade de valor, do aperfeiçoamento moral.” [...] “da disciplina dos sentidos e da imaginação, da entrega à busca dos grandes fins.” (p.35) Deste modo, Sertillanges destaca: “[...] A verdade é sempre nova” (p.29) — eterna; sendo assim reafirmada a proposição de que é o homem que vem a estar em crise. Neste sentido, o meio proposto por Sertillanges para alcançar a verdade em sua plenitude é o caminho do intelectual, que pode clarificar uma resposta e sentido para a existência do homem enquanto um consagrado da verdade.

Palavras-chave: Crise do Homem, Crise da Verdade, Vida Intelectual, Sertillanges, Homem e Verdade.



PÓS-VERDADE: SEU USO POLÍTICO E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO DISCURSO

Afonso da Silva Sodré
affonso016@gmail.com
Bolsista PIBID/CAPES/UEMA

Orientador: Prof. Dr. Francisco Valdério
UEMA/ pesquisador PIVIC/PPG/UEMA

RESUMO: Vivemos um período de constante questionamento, nosso tempo está mergulhado em dúvidas, incertezas e problemas. Um dos problemas que caracteriza nosso tempo é a verdade, o uso que damos a ela, como a instrumentalizamos para servir ao nosso gosto e para suprir nossas necessidades. A verdade sempre esteve presente nas discussões filosóficas: começando no período clássico, a partir da ideia do não esquecimento e da relação com o mito; passando pelo período medieval, com a filosofia e sua intensa relação com a doutrina cristã; chegando a modernidade, trazendo o problema do conhecimento e sua fundamentação científica; até chegar ao nosso tempo, em que vivemos uma intensa negação da verdade e do seu uso acadêmico. Ora, na atualidade temos que nos confrontar com o fenômeno da pós-verdade, eleita a palavra do ano em 2016 pelo dicionário de **Oxford**. A pós-verdade vem ditando os rumos da sociedade, seu uso político e sua atuação social vem movendo as peças do tabuleiro que regem os caminhos da atual sociedade capitalista. Estamos mergulhados em um misto de pós-verdade e de instrumentalização do discurso, vemos isso com a negação dos estudos científicos, com o fenômeno das *fakes news*, com a despolitização da política e com teorias da conspiração (estas até podem partir de um fundo verdadeiro, porém passam a manipular os fatos para que se adequem a situações específicas). Situação não muito diferente da exposta por Eric Weil na *Lógica da filosofia*, na categoria da *Obra* onde o filósofo expressa que o homem da *Obra* se serve do discurso para controlar os demais homens. Ao lidarmos com a pós-verdade não nos defrontamos apenas com relativismo e o conflito dos pontos de vistas, mas com uma atitude que desnuda a realidade para vesti-la com a roupa que lhe é agradável, é o que vemos no charlatanismo como estratégia o qual se serve da falsificação das palavras, é o caso do guru da extrema-direita Olavo de Carvalho, propagador de *fake news* e teorias da conspiração. Posturas as quais, para Slavoj Žižek, atuam na criminalização do Outro. A instrumentalização do discurso e a atuação da pós-verdade nos levam a um cenário caótico, no qual acaba-se por trazer à tona discursos genocidas como o fascismo e nazismo, e dando poder a novos projetos segregacionistas como é o caso do EUA, Brasil, Reino Unido e Argentina.

Palavra-chave: Pós-verdade. Política. Eric Weil. Slavoj Žižek. Discurso.



EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO EM KANT E ADORNO

Luciléia Xavier dos Santos Brandão
brandaolucileia66@gmail.com
Graduanda em Filosofia - UEMA

Orientador: Prof. Ms. Rafael de Sousa Pinheiro

RESUMO: A Teoria Crítica pretende mostrar a incapacidade da Teoria Tradicional em fornecer elementos para um projeto emancipatório humano e social e até mesmo de dar conta de explicar toda a realidade em que vivemos. Para Adorno e Horkheimer a teoria crítica intenta examinar o conceito de racionalidade que está na base da moderna cultura industrial e procura investigar nesse conceito as suas falhas, ou os vícios da racionalidade instrumental. Objetiva-se com tal temática esclarecer o sentido da educação emancipatória a partir da abordagem do conceito de emancipação humana nos filósofos Immanuel Kant e Theodor Adorno. A partir de Kant se estabelece a idéia de esclarecimento ou emancipação enquanto superação da menoridade através do uso público da razão. Por meio da razão, o ser humano tem a possibilidade de superar os enlaces e as amarras da menoridade e, de maneira progressiva, emancipar-se, atingir o estado de maioridade. Logo, para Kant, o ser humano não nasce esclarecido. Ele precisa compreender-se inserido no processo educativo com tal finalidade. Numa palavra: o ser humano tem condições para se libertar das amarras que o aprisionam na menoridade, sendo-lhe possível, portanto, por meio da educação, alcançar o almejado esclarecimento. Já Adorno aborda a emancipação e sua importância para a educação numa concepção crítica da sociedade industrial. Essa reconstrução filosófica conduz a um sentido coletivo e político da emancipação humana, reafirmando uma concepção de educação capaz de construir no ser humano a sua humanidade plena. O conceito de esclarecimento é fundamental para chegar à emancipação, neste sentido Adorno questiona a possibilidade de transformar a barbárie através da educação.

Palavras-chave: Teoria Crítica. Educação. Barbárie. Emancipação. Esclarecimento.



O DIÁLOGO COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO NÍVEL MÉDIO

Milla Tamires Amorim Pereira

Orientador: Prof. Dr. Marcio Kleos Freire Pereira
Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO/UFMA

RESUMO: O presente artigo trata do diálogo como um importante princípio de aprendizagem no ensino de filosofia e tem como ponto de partida as orientações dadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, cujo objetivo geral é a formação integral do indivíduo, que não se trata somente de enriquecimento intelectual, mas corresponde também à capacidade de responder questões emergentes de variadas situações, ultrapassando a mera repetição de informações e articulando os conhecimentos prévios. Trata-se, portanto, de uma relação com o conhecimento que possibilita uma compreensão mais profunda, além de desenvolver competências comunicativas ligadas diretamente à *argumentação*. Norteados por estas orientações e objetivos, e amparados por algumas ideias compartilhadas pelos participantes do processo de ensino e aprendizagem de que as aulas de filosofia devem ser ricas em debates e diálogos, empreendemos um estudo que apresenta o diálogo como recurso pedagógico para o ensino de filosofia no nível médio. Para tanto, serão analisadas algumas obras da literatura sobre ensino que primam pela atividade dialógica como etapa fundamental do processo de ensino aprendizagem, a partir de autores tais como Paulo Freire e seu conceito de diálogo emancipador na obra *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2014), o qual representa o espaço que o professor precisa dar aos alunos durante as aulas, além de explicitar a relação entre diálogo e autonomia; Gadamer, mais especificamente a seção intitulada *A incapacidade para o diálogo* da obra *Verdade e Método* (GADAMER, 2007), justificando a importância do diálogo pedagógico, suas dificuldades, a diferença entre debate e diálogo, além de oferecer orientações sobre as condições nas quais esse diálogo pode acontecer e, finalmente, a obra *O ensino de Filosofia como problema filosófico* de Alejandro Cerletti (2009), para fazer o encontro da dialogicidade com o ensino de filosofia. Assim esta pesquisa visa definir a categoria de diálogo que consideramos útil às aulas de filosofia, e a partir disto demonstrar a possibilidade do encontro entre a prática de ensino e os objetivos estabelecidos pelos parâmetros e diretrizes para o ensino de filosofia.

Palavras chave: Ensino de Filosofia. Diálogo. Autonomia.



A VERDADE DIANTE DO PODER DA LINGUAGEM

Anaete Sales
analeteana@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Aldir Carvalho Filho

RESUMO: Nesta breve comunicação apresento a proposta filosófica de Richard Rorty, pensador estadunidense contemporâneo que se preocupou em trazer algo que é aparentemente novo, mas que, além de tópico do pensar desde os pré-socráticos, é algo inevitável: a ideia de uma filosofia que precisa acolher os ventos da *contingência*. Adotando perspectivas de Davidson sobre a linguagem, Rorty nos faz acreditar que a verdade não é algo “a ser descoberto”, e, sim, o fruto da criação humana, em virtude de sua submissão à linguagem, essa “ferramenta” usada pelos homens para se construírem. Pretender uma completa objetividade para nossas afirmações sobre “o mundo”, ou dizer que “a verdade está diante de nós” é esquecer que a linguagem é fruto da criação humana, é recusar a ideia de que “o mundo não fala”: nós, sim, é que falamos, e a linguagem é “coisa nossa”. Em nossos jogos da linguagem mudamos as coisas a todo momento, e nosso vocabulário final atual é composto por “verdades” e “desejos” definidos por um contexto histórico. Rorty sustenta a ideia de que somos seres contingentes, movidos pelo dever e usamos a linguagem para nos redescrever a todo momento, portanto, a ideia de uma Verdade única e correspondente “ao mundo tal como ele é” nos deixaria estáticos diante da nossa própria existência, passivos e incapazes de reconhecer que nós mesmos é que nos construímos com nossas palavras e ações.

Palavras-chave: contingência, verdade, linguagem, neopragmatismo, Richard Rorty.



SITUAÇÃO IDEAL DE FALA: UMA SOLUÇÃO PARA A CRISE DA VERDADE

William Ricardo Nunes santos
will.nunesantos10@gmail.com

José Carlos Dantas
UEMA

RESUMO: Considerando a virada linguística, um contexto social onde os componentes dialógicos deixam de preocupar-se com a verdade por detrás dos enunciados e a objetividade norteadora do exercício comunicativo não poderia propiciar outra coisa que não o cenário ideal para o afloramento daquilo que há de mais prejudicial para a esfera pública e a ação comunicativa em si: o consenso enganoso. Mesmo que de maneira impremeditada, a perspectiva de pura justificação desprovida da objetividade (que mais tarde se mostrará contraditória, como pretendo evidenciar) e pretensões de verdade proposta por Rorty colabora com a potencialização deste cenário, uma vez que, admitindo esta ideia, torna-se fácil justificar as mais errôneas afirmações possíveis, já que tudo pode ser validado. Para solucionar tal problemática, faz-se indispensável evocar aqui aquilo que Jürgen Habermas define como situação ideal de fala, ou seja, um conjunto de referências normativas que servem à ação comunicativa, garantindo seu pleno funcionamento e, por fim, a conquista de um consenso efetivo. É indispensável que se faça então uma “destranscendentalização” do inteligível, afim de se efetivar a práxis comunicativa, ou seja, uma situação de fala ideal não pode ser puramente aproximada, é preciso ser alcançada. E mesmo que o vocábulo “ideal” ainda se faça presente aqui, seu caráter é puramente normativo. Por fim, é correto afirmar que a realidade encontra-se impregnada pela linguagem, conseqüentemente, indiscernível desta, portanto, ao participar do exercício comunicativo pretendendo justificar um enunciado, aceita-se automaticamente a pretensão de um mundo objetivo que transcende a própria justificação. Todavia, ainda assim, a pura necessidade de opiniões discursivamente justificadas não satisfaz a problemática do fim último da ação comunicativa, fazendo muito mais sentido falarmos em verdades que orientam a ação.

Palavras-chave: Verdade. Justificação. Objetividade. Deliberação. Ação comunicativa.



CERTEZA SENSÍVEL: O CONHECIMENTO IMEDIATO COMO CRISE DA VERDADE

Marcos Pablo Rosas Braga
Graduando do curso de Filosofia Licenciatura - UEMA
Bolsista PIBEX-UEMA
marcos_pablo@outlook.com

Orientador: Prof. Me. Luís Magno Veras Oliveira

RESUMO: Este trabalho trata de um estudo sobre a certeza sensível, destacando os acontecimentos na interioridade da consciência e a forma que esse conhecimento imediato é, de fato, representação da pura contingência, para então apresentá-la como experiência da crise da verdade. A pesquisa se deu mediante a leitura do primeiro capítulo da obra *Fenomenologia do espírito* de Hegel, na qual ele detalha a experiência da consciência e demonstra todo o processo que a consciência natural tem de realizar através de suas etapas do conhecimento, a fim de se assemelhar à consciência filosófica. A certeza sensível é a fase mais rudimentar da consciência, ela ocorre na dimensão do puro ser, dimensão essa em que o sujeito apenas capta o ser do objeto de maneira imediata, através da experiência feita pela consciência natural. O sujeito assegura essa experiência na “verdade do objeto” buscando-a dentro da coisa, com base nos conceitos espaço-temporais mais gerais, isto é, o aqui e o agora da imediatidade do objeto. Essa consciência falha na realização da experiência por conta de sua generalidade e, portanto, ela passa a assegurar essa certeza em si mesma, que a caracteriza como ser em si. Após isso, a certeza sensível passa para outra etapa. Ora, a fim de se manter relevante, esta reverte sua ótica e busca sua verdade no sujeito. Apesar disso, o sujeito também recai na mesma generalidade atribuída à verdade do objeto gerando uma multiplicidade de juízos imprecisos. E, por fim, a certeza sensível parte para o seu último momento, faz a junção dos dois momentos precedentes e exclui de si a contradição, tornando-se imediatiz. Ocorre que, desta vez, a carência da certeza sensível encontra-se no visar, isto é, no indicar das particularidades dos momentos anteriores. A consciência indica um aqui, um agora e um eu que não faz a experiência com profundidade e, dessa forma, se mantém ignorante das suas limitações. Assim, esse sujeito, a consciência da certeza sensível, apresenta uma experiência de crise da verdade, pois carece de conteúdo e mesmo assim, por causa de sua característica ensimesmada, falha ao não perceber que sua experiência da verdade é ainda insuficiente para ser a experiência do Absoluto, ou seja, que ela ainda não tem acesso à verdade absoluta. Portanto, a conclusão é que a experiência da consciência na certeza sensível, enquanto imediatidade, é exemplo de contingência que, dentro de si, pretende ser absoluta. No entanto, essa crise da verdade da consciência natural, ainda assim tem um aspecto do necessário, na medida em que ela contribui, pelo trabalho do negativo enquanto assumindo tal forma crítica, para o avanço da consciência na determinação de sua verdade que se apresenta pela necessidade de avanço da consciência não mais como certeza sensível.

Palavras-chave: Verdade. Experiência. Consciência. Ser. Imediato.



TEMPO EM KANT E A ESTÉTICA TRANSCENDENTAL

Vytal Hírvey Magalhães Arruda Linhares
hirvey@gmail.com

Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
jean.marlos@ufma.br

RESUMO: O objetivo do trabalho é situar o pensamento de Immanuel Kant (1724-1804) influenciado pela noção de temporalidade da filosofia medieval, a qual foi proposta por Santo Agostinho (354-430) e sua designação sob a ótica da Estética Transcendental, elucidada na parte primeira da Teoria Elementar Transcendental da obra *Crítica da Razão Pura*, de autoria do filósofo alemão. Confronta-se o pensamento de Santo Agostinho no pensamento de Kant com o propósito de elencar suas contribuições para a compreensão do tempo em Edmund Husserl (1859-1938). Discutir-se-á as dimensões objetivas e subjetivas do tempo a fim de que a experiência transcendental possibilite o esclarecimento da herança filosófica que constitui o complexo tema da temporalidade. O tempo é a dimensão subjetiva onde se encontram as coisas e as pessoas, além do espaço que situa a experiência perceptual. A intuição é o meio de acesso às relações temporais, pois o indivíduo é afetado por uma pessoa ou objeto em seu sentido interno ou horizonte íntimo de compreensão. Santo Agostinho afirma a percepção do tempo como um eterno contínuo, concebendo o indivíduo que dirige sua atenção para o futuro, que irá se tornar passado. Em constante diminuição, o futuro se destina ao momento em que seja tudo pretérito, explicando assim o hoje como sendo a eternidade, ou seja, o presente em que vivenciamos o mundo e a si próprio. Do mesmo modo que o escolástico, Kant admitiu a complexidade do tema a ser tratado e o elencou como uma das formas sensíveis da intuição pura, juntamente com a noção de espaço. Porém, criticou a metafísica de sua época, os céticos e os dogmas da filosofia escolástica. Entendia que uma psicologia empírica deveria dar conta dos fenômenos oriundos da faculdade cognitiva, ou seja, do acesso das realidades transcendentes por meio dos sentidos, uma vez que a sensação é a impressão que um objeto produz nos sentidos e sua consumação é conhecida por percepção efetiva. O tempo é a condição subjetiva de toda percepção e a memória se produz como lembranças constituídas enquanto representações do passado no presente. A Estética Transcendental diz respeito ao espaço e o tempo, dimensões *a priori* a qualquer fato empírico e a maneira racional de atuar no mundo sensível, que pode ser sentido. As bibliografias utilizadas na pesquisa documental são oriundas do pensamento agostiniano e kantiano, estando como critério de inclusão seus comentadores. Discute-se duas obras filosóficas que versam sobre o tempo como fundamento da pesquisa: *Confissões* e *Crítica da Razão Pura*, descrevendo a relação entre ambos na formulação de ideias sobre o tempo, apontando possibilidades de um olhar mais depurado para o fenômeno da temporalidade com a intenção de comparar os confins da racionalidade filosófica ao idealismo crítico vigente na modernidade. Por meio da investigação sobre o conceito de tempo nos dois autores, depura-se a visão científica em busca de conceber a temporalidade tal qual é em sua origem conceitual e como se mostra na relação sujeito-mundo, ou seja, consigo e com os outros. Foi realizada a análise das obras clássicas com a intenção de evidenciar as contribuições para a compreensão do tempo em suas dimensões objetivas e subjetivas. Ao final, foi possível conhecer o conceito de tempo nas obras de Santo Agostinho e Kant, evidenciando suas contribuições para o estudo da temporalidade na filosofia enquanto Teoria do Conhecimento e *Crítica*. Diante do exposto, possibilita-se alguma compreensão



do ponto filosófico pelo qual partiu Husserl para a elaboração de uma fenomenologia geral, tratando o tempo como elemento central para o desenvolvimento do método, assim como das discussões necessárias para sua compreensão.

Palavras-chave: Tempo. Santo Agostinho. Kant. Estética Transcendental. Husserl.



FILOSOFIA EUROCÊNTRICA E COLONIALISMO EPISTEMICIDA: JUSTIFICATIVAS E ENCONTROS

João Pedro Monteles Miranda
Graduando do curso de Filosofia da UEMA
montelesjoao@gmail.com

Prof. Me. Luís Magno Veras Oliveira - UEMA

RESUMO: Pretende-se, a partir deste trabalho, discutir a posição da filosofia e de sua construção na era moderna como parte integrante do conjunto epistemológico responsável pela justificação do aniquilamento colonial dos saberes tradicionais autóctones, especialmente os da América Portuguesa. Em tal discussão, cabe analisar a construção tanto da lógica colonialista quanto de sua discussão epistemológica, constantemente presentes na filosofia moderna, como razões de um epistemicídio que se concretizava, como apresentado por Boaventura de Sousa Santos. A “filosofia eurocêntrica” moderna, especialmente sua parte contratualista, faz surgir a distinção do *estado de natureza* e do *estado civilizatório* como contrapostos um ao outro e, para tal, necessita identificar os caracteres de cada um e suas correspondências, utilizando para isso da realidade em que é situada. O *estado de natureza* é assim identificado nos “selvagens” dos espaços coloniais, sejam eles pensados como bons ou maus na lógica colonialista, e, conseqüentemente, justifica seu contraponto na sociedade civil europeia, correspondente ao *estado civil*, fase colocada como evoluída, da sociedade que já se encontra sob o contrato social e que, portanto, está “avançada” na história. Surge aí o apagamento da própria validade das populações autóctones: a elas é negada a própria existência, necessariamente no momento em que são um passado pré-contratual, não cabendo a sua coexistência com a Europa civilizada, que deve, portanto, servir de base para uma assimilação daquelas populações. O eurocentrismo da filosofia moderna, portanto, acaba por fundamentar um epistemicídio de saberes tradicionais presentes nos espaços coloniais, ocorrendo isso quando coloca os tais saberes como produtos de indivíduos num estado que é necessariamente conduzido para outro: os colonizados não poderiam ter conhecimento, no máximo tinham mística e magia descoladas da realidade europeia e que, portanto, deveriam ser abolidas, não valendo no mesmo patamar que os conhecimentos da emergente ciência ou da filosofia. A crise da verdade, agora experimentada pelas filosofia e ciência, já há muito é encarada pelo saber indígena e pode servir como realização da necessidade de uma revisão de tais colocações epistemológicas. A discussão realizada pode, inicialmente, inserir-se no campo da epistemologia, mas se estende a discutir os papéis geopolíticos e também educacionais da filosofia no reconhecimento do epistemicídio perpetrado e em uma possível resistência dos saberes antes exterminados.

Palavras-chave: Eurocentrismo, estado de natureza, epistemicídio.



ENSINO DE FILOSOFIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DOCENTE: UMA LEITURA HERMENÊUTICA NO ENSINO MÉDIO EM CARUTAPERA/MA

Adriano José Barroso Souza
adrianojosefilosofia@gmail.com

Almir Ferreira da Silva Júnior
alferjun@uol.com.br

RESUMO: Este trabalho contempla resultados de uma pesquisa em andamento desenvolvida no Pro-filo da Universidade Federal do Maranhão, cujo objetivo é analisar a questão da identidade do professor de Filosofia, em nível médio, no Centro de Ensino Dr. Tarquínio Lopes Filho, na cidade de Carutapera, estado do Maranhão. Toma-se como referência que a relação entre o ensino e o aprendizado da filosofia tem especificidades próprias que envolvem uma postura filosófica por parte do docente (Cerletti, 2009), bem como o conjunto de experiências pedagógico-filosóficas que formam a identidade docente no contexto escolar. A pesquisa se orienta a partir das questões: o que significa ser professor de filosofia? O que constitui a sua identidade? Em que medida as concepções filosóficas de ensinar e aprender são decisivas para a construção e compreensão de sua identidade? A pesquisa, de caráter hermenêutico-filosófico, reflete a questão da identidade docente a partir de um diálogo com as concepções epistemológicas acerca do saber-fazer docente segundo Tardif (2002) e Antônio Nóvoa (1998). Trata-se de uma investigação hermenêutico-filosófica, de base gadameriana, que articula tanto uma perspectiva teórico-reflexiva sobre a formação enquanto experiência hermenêutica, quanto de aplicação empírica. Este trabalho, portanto, concentra-se na compreensão da construção identitária docente, desenvolvida à luz de seus pré-conceitos pedagógicos e filosóficos e no horizonte dialógico de suas relações.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino. Docência. Hermenêutica. Identidade



VERDADE E PENSAMENTO: UMA LEITURA DA FILOSOFIA DE KANT A PARTIR DA OBRA QUE SIGNIFICA ORIENTAR-SE NO PENSAMENTO.

João Gabriel Costa Ferreira Maia
Graduando em Filosofia (UFMA)
vinculado ao GEPI KANT/UFMA/CNPq
gabrielcfmaia@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir a questão da verdade enquanto uma leitura e tentativa de ressignificação do pensamento a partir da obra “*Que significa orientar-se no pensamento?*” de Immanuel Kant. Neste sentido, buscar-se-á compreender a verdade enquanto valorização do *lógos*, isto é, da razão, do pensamento para a admissão do conhecimento. Para Kant, a orientação no pensamento se dá no tribunal da razão como forma de estabelecer os caminhos necessários para se chegar ao conhecimento, ou seja; entende-se que o ato de conhecer acontece não mediante uma crença histórica, ou ainda, uma fé racional – sobretudo porque ambas se arvoram sob motivos subjetivos, o que as tornam impossibilitadas de alcançar o conhecimento do *verdadeiro* objeto – isto é, não há de se falar objetivamente da existência de Deus ou ainda tentar intuí-la – uma vez que esta somente pode ser pensada – pois, diz Kant, “ninguém pode primeiramente se convencer da existência do ser supremo por alguma intuição. A fé racional deve precedê-la”. A isso se segue, nos escritos do filósofo de Königsberg, que essa abertura para uma leitura de mundo irracional e livre irrestritamente desabrocha em consequências de um estado denominado por ele *livre pensamento*; aqui entendido como um pensar completamente heterônomo, desordenado. Com isso, conclui-se que o pensar autônomo, e, portanto, erguido sob a égide da razão, é um pensar livre. Cabe aqui, então, delimitar três aspectos da liberdade elencados por Kant para comentar o pensamento autônomo, a saber: liberdade de pensar em contraposição à coação civil; a liberdade de pensar opondo-se a toda coação à consciência moral, e; a liberdade de pensar enquanto significação da razão legislando sobre si própria. Desta forma, negar obediência à voz da razão – aquela que deve regular o pensamento – é, diz Kant, “curvar-se ao julgo das leis que outro lhe dá; pois sem uma lei, nada, nem mesmo o maior absurdo, pode se exercer por muito tempo”. Destarte, buscar-se-á aqui concatenar os elementos citados ao passo de compreender aspectos morais e políticos a partir da filosofia kantiana, ainda vívidos na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Verdade; Pensamento; Filosofia; Kant; Razão.



A VERDADE EM UMA ERA LÍQUIDA SEGUNDO O PENSAMENTO DE BAUMAN

Adilton Santos Sampaio
adiltonsantossampaio@gmail.com

Orientador: Prof. Ms. Luis Magno Veras Oliveira – UEMA

RESUMO: Pretende-se neste trabalho apresentar a compreensão de Bauman sobre os poderes do derretimento de uma era líquida que tem vida própria, denominada de modernidade, em que se estabelecem aquilo que pretende ser sólido, porém, inicia-se o processo de liquefação. A modernidade apresentou um organismo poderoso com um grande poder destrutivo em que nada permanece sem ser mudado, sem ser fluido. No primeiro momento, mostrar-se-á como a era moderna caracteriza-se por possuir um estado de fluidez, movimento, mudança, de modo que a única preocupação daquilo que é líquido é a mudança, a mudança contínua das formas. Bauman assegura que os fluidos se movem facilmente, eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pinga, são filtrados, destilados, diferentemente dos sólidos, não há facilidade em conter-los, na medida em que ela trabalha em dissolver outros inundando todos os espaços. A modernidade é um berço da fluidez e derretimento de tudo aquilo que é sólido, a modernidade atesta uma liquefação desde o começo, sendo a era do rompimento. No segundo momento, ressaltar-se-á o efeito da sociedade fluída a partir das Instituições, que tem sido a representação de algo aparentemente mortas, mas ainda vivas, assim como também o seu sentido contrário. Destaca-se que a modernidade é uma marcha incessante e obsessiva, como declarado na obra **Modernidade Líquida** do referido sociólogo. Bauman não nega os efeitos que a modernidade fluída produziu na condição humana, uma aceleração constante por mudança que traz um aspecto que se generaliza, isto é, constitui-se em incerteza. Além de que essa incerteza, como declarado no **Medo Líquido** e em **Tempos Líquidos**, esconde algo, o medo, que está por trás de toda incerteza. Tudo em todas as esferas levam a incerteza, é líquido e fluido. Por fim, destacar-se-á um dos principais conceitos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman que perpassam a maioria de suas obras, a ideia de liquefação. Tudo tem se desgastado rápido sendo que nada tem sido feito para durar, tudo escorre pelas mãos, do amor ao medo, das relações mais íntimas aos relacionamentos sociais. Portanto, essa liquefação atinge diretamente a verdade, busca-se compreender se é possível manter uma solidez em uma era líquida, ou se a verdade já se encontra em um estado líquido, se é possível uma “ressurreição” da verdade sólida ou dá a ela um enterro decente.

Palavras-chave: Liquefação, Modernidade Líquida, Verdade, Fluidez.

¹ Graduando do Curso de Filosofia em Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

² Professor Mestre no Curso de Filosofia e do Departamento de Educação e Filosofia (DEFIL), da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).



FRIEDRICH NIETZSCHE: A AFIRMAÇÃO DA VIDA SOB A ÓPTICA DE “O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA”

Lindeilson de Jesus Martins
lindeilsonmartins@outlook.com

Orientador: Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO: O objetivo do presente trabalho consiste em elucidar o conceito *dionisíaco* que está fortemente ligado ao “*O Nascimento da Tragédia*” de Friedrich Nietzsche, uma vez que, expande-se as obras posteriores, sofrendo significativamente leves modificações. Por esse motivo, surge a necessidade de estender os horizontes nietzschiano no tocante a estética, direcionado a análise do *dionisíaco*, para a compreensão de seu sentido mais íntimo na obra, bem como também, compreender a tragédia como sendo originada de uma união. Atribui-se a dualidade entre Apolo e Dionísio para a interpretação da tragédia grega: os estudos direcionados a filologia clássica garantia-lhe uma visão crítico-textual, possibilitados em conjunto das leituras filosóficas, mais precisamente a de Schopenhauer, a criticidade no plano estético-cultural. Desta maneira, a tragédia grega passa a ser entendida por dois campos estruturais de estudos, sobre princípios antagônicos. Para o filósofo “o servidor ditirâmico de Dionísio só é portanto entendido por seus iguais!”, o que significa dizer que a presença *apolínea* tem um princípio de união e essência à respeito da tragédia. O *dionisíaco* é, por sua vez, a expressão mais pura das paixões artísticas, mito trágico e música são componentes essenciais deste conceito, são expressões máximas que rompem com a individuação – característica inerente ao conceito *apolíneo* –, de certo modo, o *dionisíaco* abstém-se das regras *apolíneas*, sem eliminar a arte trágica, ou seja, *dionisíaco* e *apolíneo* são inteiramente ligados e, não é possível o nascimento da tragédia sem a existência desta duplicidade. Mas afinal, quem é este Dionísio que tanto se fala? Se é por ele e nele que reside o âmago de toda exuberância, da mais genuína arte expressa na realidade, quem poderia ser se não o próprio, que rege desde o princípio a primazia do filósofo? Ele tornou-se o fio condutor de suas reflexões. Agora, com os olhos *dionisíacos*: está lançada a supremacia sob o viés das paixões artísticas. “Dioniso afirma tudo o que aparece, “mesmo o mais amargo sofrimento”, percebe-se para Deleuze, que a tragédia é de todo modo alegre, afirma em meio aos conflitos da vida o sofrimento e, através deste sofrimento, ciente de sua existência, não busca fundamentar ou direcionar para algo além, há uma beatitude celeste, simplesmente a afirma. O filósofo, por sua vez, mantém um pensamento totalmente trágico a respeito da realidade e, embora a aliança feita entre *apolíneo* e *dionisíaco* consista na explicação da tragédia é, na existência por parte da supremacia *dionisíaca*, que se faz brotar sua filosofia trágica. Por fim, para alcançarmos os objetivos, trataremos dos seguintes conceitos: tragédia, apolíneo, dionisíaco, sofrimento e vida, na tentativa de esclarecer, sob o viés das fontes primárias e secundárias os conceitos presentes na obra, sobretudo, o conceito *dionisíaco*, o qual diz respeito à afirmação da vida. Desta maneira, com base no presente momento da pesquisa em andamento, alcançamos as conclusões que seguem: se o *dionisíaco* é tão forte em seu pensamento filosófico, cabe interpelar sobre a seguinte questão: em que consiste o conceito *dionisíaco* apresentado na obra “*O Nascimento da Tragédia*” de Friedrich Nietzsche? O argumento sustentado até aqui, apresenta um *dionisíaco* que se expressa das paixões artísticas, tal qual o sofrimento é parte indispensável da existência humana e, que em meio ao sofrimento – característica



particular que este conceito apropriasse –, busca, sobretudo, afirmar a vida em sua multiplicidade.

Palavras-chave: tragédia, apolíneo, dionisíaco, sofrimento, vida.



AS CONCEPÇÕES E CONDIÇÕES DA VERDADE NA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER

Carlos André Chaves de Araújo
candrechaves8@gmail.com

Orientador Prof. Dr. Luis Hernán Uribe Miranda
Universidade Federal do Maranhão

REITORES: No presente texto, iremos abordar o conceito de verdade a partir de duas concepções presentes no pensamento de Martin Heidegger. Em *Ser e Tempo*, o filósofo antecipa duas concepções de verdade. Uma em que o conceito de verdade se baseia no sentido corrente, aproximando-se da realidade efetiva e cotidiana. A verdade enquanto correspondência, *adaequatio*, entre o objeto e aquilo sobre o qual se discorre, estando, nesse sentido, de acordo seja em relação à subjetividade seja em termos proposicionais de um enunciado. Essa concepção é conhecida como definição tradicional da metafísica ocidental, representada em *Veritas est adaequatio rei et intellectus*, isto é, a verdade é uma adequação do intelecto a coisa. Outra, Heidegger propõe um retorno ao pensamento mais originário, visando explorar as condições de possibilidade da verdade, a partir de seu solo originário, o mundo grego, sobretudo a partir do pensamento de Heráclito. Questionando o conceito de verdade empregado pela tradição filosófica Heidegger evoca o termo *aletheia*, entendido como desvelamento, afim de dar uma concepção não somente mais literal, mas, sobretudo, resgatar o caráter de liberdade presente no desvelamento do ente, contrapondo ao viés de verdade enquanto adequação. Assim, esse passo constitui um ponto crucial na metafísica o que concerne a sua “superação”, pois a antepredicação do conceito de ser será determinante como ponto de partida o conceito de desvelamento e compreensão do ente em sua totalidade. A discussão sobre a verdade é direcionada à abertura do homem e às suas experiências, destituindo o termo das propriedades semânticas assim como do privilégio da correspondência entre sentença e objeto. Desse modo, a verdade deixa de ter um caráter fixo, desafiando à possibilidade de sua própria concepção.

Palavras-chave: Verdade, Heidegger, Adaequatio, Aletheia, Crise



O CONCEITO DE DESIGUALDADE NA VISÃO DE JEAN JACQUES ROUSSEAU

Alyssa Crysthyne Lima da Silva
alyssa-crys@hotmail.com

Katilla Rayanne Souza Martins
katyllaray@gmail.com

Graduandas do curso Interdisciplinar em Ciências Humanas – Filosofia
UFMA Campus Pinheiro

Orientadora: Priscila de Oliveira Silva

RESUMO: O presente trabalho visa explicitar o conceito de desigualdade com base em Rousseau, tendo como base teórica três obras intituladas: *Discurso sobre as ciências e as artes*, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* e *Ensaio sobre a origem das línguas*. Primeiramente, será analisado o diagnóstico da desigualdade na sociedade, para, em seguida, discernir o estado natural e o estado civil do indivíduo, e finalmente descrever a origem da desigualdade. Trata-se de uma pesquisa teórica, bibliográfica e qualitativa com o intuito de desenvolver sucintamente as partes mais relevantes das obras em questão acerca da temática. Desse modo, pode-se extrair o papel que a transformação da sociedade e da linguagem desenvolveu em um contexto social, gerando desigualdades com a criação da noção de propriedade privada e estabelecendo uma separação de classes, fundando uma nova visão de mundo. É importante frisar, a relação do indivíduo com as transformações que ocorreram com a passagem do estado de natureza para o estado civil, principalmente no que diz respeito às paixões, a qual existe o *amor-próprio* e o *amor de si*. O *amor de si* trata-se do sentimento natural no qual o indivíduo possui a piedade, sentimento puro que leva a uma virtude ou um espírito de humanidade. Já o *amor-próprio* diz respeito ao sentimento criado pela sociedade, império da opinião cuja disposições do coração já não serão mais transparentes e as dissimulações contaminarão as relações humanas. Destarte, Rousseau afirma que através da noção de *meu e teu* e o consentimento do outro indivíduo quanto a isso, além da noção de propriedade e o desejo pelo poder, surgiram as diferenças entre um indivíduo e o outro, ou seja, a desigualdade entre os homens.

Palavras-chave: Conceito. Desigualdade. Rousseau. Estado natural. Estado civil.



A QUESTÃO DA VERDADE EM RORTY

Patrícia Lopes
patricialopes200@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Aldir Carvalho Filho
audirau27@gmail.com

RESUMO: Esta comunicação é uma breve redescrição do conceito de verdade do filósofo norte-americano Richard Rorty (1931-2007), tal como exposto no Capítulo Um (“A contingência da linguagem”) da obra *Contingência, ironia e solidariedade* (1989), no qual o autor faz uma crítica à metafísica, bem como trata do modo como os homens precisavam se livrar das amarras inúteis, sejam da religião, da filosofia, quanto da própria ciência. Tal processo resultou na necessidade de revisão do conceito de verdade, que passa a ser considerada como algo construído e não uma descoberta do homem. Richard Rorty afirma que não há uma verdade em si, e que por isso houve uma divisão/ruptura entre religião e ciência. E é com a consciência da contingência da linguagem que vamos perceber que a verdade não está “nos fatos” e sim “nas proposições”. A intenção da linguagem é mostrar que não há uma relação entre palavra e ação, de que a linguagem não descreve o mundo, e que este pode estar diante de nós, mas a verdade, não. De geração em geração, as linguagens vêm sendo construídas, renovadas, abandonadas. Está claro que as linguagens precisam ser reconstruídas gradativamente, e assim nossas realidades são refeitas de novas maneiras. Convém observar que os vocabulários estão em constante transformação a cada era, sendo, desse modo, inviável uma descrição precisa de nossa realidade. É por isso que também convém não buscar um embate entre filosofia e linguagem antiga, pois não se pode afirmar que uma nova linguagem poderia fazer melhor descrição da realidade do que uma linguagem já abandonada, ou seja, que uma linguagem possa descrever a realidade com mais clareza do que outra: nossos vocabulários são ferramentas úteis que usamos como nos convém.

Palavras-chaves: Verdade. Contingência. Linguagem. Neopragmatismo. Richard Rorty.



A CRISE DA VERDADE NA NEGAÇÃO DE OUTREM: TESE E ANTÍTESE NOS ARGUMENTOS ARISTOTÉLICOS DA ESCRAVIDÃO NATURAL, E SEUS POSSÍVEIS RESQUÍCIOS NA ATUAL DEMOCRACIA

Wanderson Carlos Lisboa Maia
Instituto de Estudos Superiores do Maranhão- IESMA
wandersonmaia1854@gmail.com

RESUMO: Muitos teóricos dizem que a escravidão é um fenômeno natural e necessário a todas as construções grupais, sendo elas racionais ou não. A negação de outrem no processo de escravização dá-se a partir do não reconhecimento do “escravo” enquanto sujeito epistêmico da situação em que se encontra. Esse, que implicitamente passa a ser visto em condição de propriedade, justificada pela “ausência de alma”, no tocante ao que é compreendido por alma na civilização Ocidental, como sendo a capacidade racional sine qua non à existência humana. O processo dialético que emerge dos discursos em torno da temática sobre legitimação ou não da escravidão, fez com que ao longo da história, fossem construídos vários argumentos a favor ou contra a escravidão, ao passo que, diferentemente do segundo argumento, o primeiro ganhou mais destaque no decurso histórico principalmente da civilização Ocidental, passando a ter, status de verdade, algo que fez com que dada narrativa se tornasse tão presente nas estruturas de sociedade que se tem hoje. Assim, por meio de revisão bibliográfica, voltada mais ao escopo da história e da própria filosofia, sendo que ambas se complementam no pensar a escravidão- não como muito se tem feito, de refletir sobre dado assunto apenas pela ótica do colonizador- mas, dando voz ao colonizado, dessa forma, problematizando o que já fora escrito e relatado pela história, e que ainda é reproduzido no contexto democrático atual, havendo por base de sustentação a teoria da escravidão natural de Aristóteles, que encontrou antítese nos argumentos do teólogo de Salamanca Francisco de Vitória.

Palavras-chaves: outrem, escravo, Aristóteles, Francisco de Vitória, democracia.



O HUMANISMO SARTRIANO COMO ALTERNATIVA AO ESAZIAMENTO DO HUMANO NO PÓS-GUERRA

Kaike Araújo Gusmão
Graduando em Filosofia-IESMA
kaike_scj@outlook.com

Rafael de Sousa Pinheiro
Doutorando em Filosofia-UFBA
rafael.pinheiro2306@gmail.com

RESUMO: O esvaziamento do humano no contexto das guerras mundiais, desvelou a tamanha crueza diante do processo civilizatório face aos progressos tecnológicos dos quais trouxeram suas benéficas. Porém, ao mesmo tempo que tantas ferramentas de significativo avanço foram sendo criadas, os interesses potenciais também tiveram o seu crescimento pela busca desenfreada de poder, além da ideia doentia de uma única nação, como pensavam os nazistas plantado e fomentado por Adolf Hitler. Estava no seio daquela condição existencial, a questão de uma exigência histórica sobre o sentido do humano que havia sido suspenso. A filosofia da existência de Sartre é um humanismo que implica uma responsabilidade para o ser livre que a cada ato inventa a imagem de humano que julga melhor. Simultaneamente, essa imagem escolhida é tida como um valor para todos, isto é, a condenação da invenção de valores é um ato responsável para o bem da humanidade e não somente a estrita individualidade. Nesse sentido, a imensa repugnância que o antissemita tinha em relação ao judeu na Segunda Guerra Mundial desenvolveu uma reflexão de projeto humano condenado também a responsabilidade por aquilo que faz. Havia uma rejeição desumana considerada como superior em relação à chamada raça impura que não merecia existir pelo perigo que eles representavam ao mundo. A ideia de judeu era limitada aos horizontes de uma visão odiosa baseada apenas na irritação e sem nenhum dado histórico certificado, isto é, como viu Sartre, essa postura do antissemita não está simplesmente associado a uma opinião sobre o judeu, mas envolve a inteira realidade do antissemita que explode em forma de ódio à pessoa do judeu. O desprezo era tão profundo que alcançou dimensões gigantescas e o antissemitismo ampliava a sua onda de extermínio por toda a Europa. Baseado nessas questões, Sartre viu uma suspensão da ética e da responsabilidade que ele não via como natural, assim como acreditava o alemão, a necessidade de extermínio dos judeus para a purificação do mundo, pelo fato de estarem persuadidos de que o mal era causado unicamente por eles. Existia uma falta de humanismo e a crença de raça superior que deveria eliminar o mal da sociedade causado pela presença impura do judeu. A escolha pelo antissemitismo não está engajada no sentido de liberdade enquanto projeto condenado a criar um modelo de ser humano autêntico com valores escolhidos e inventados dia a dia, porque é um perigo para a humanidade se fazer assim sem responsabilidade. O existencialismo aparece como uma possibilidade para o período do pós-guerra, refletindo a questão do humanismo, o que assustou a muitos intelectuais de sua época pelo fato de ser acusado de individualista. Ora, é o humano de legisla a sua vida sem nenhum amparo no qual possa se fundamentar, porque as suas escolhas o condenam a uma invenção constante que não significa um retorno a si. Ele é um projeto que se inventa todos os dias. Por essa razão, o existencialismo humanista de Sartre assume uma abrangência universal pelas escolhas que elegemos com validade para a humanidade.

Palavras-chave: Liberdade. Humanismo. Antissemitismo. Responsabilidade.



ESTILHAÇOS DO TEMPO MESSIÂNICO: ESCATOLOGIA JUDAICA E MATERIALISMO-HISTÓRICO EM WALTER BENJAMIN

Marcos Francisco Teixeira Costa

Profa. Dra. Maria Olívia Serra

RESUMO: Pesquisa de natureza teórica que aborda as influências do messianismo judaico na compreensão de História apresentada por Walter Benjamin em seu texto intitulado *Sobre o conceito de história*. Tem como objetivo traçar um panorama histórico das origens do messianismo e busca descrever em que momento exerceu maior influência na vivência judaica, de acordo com as investigações de Gershom Scholem na obra *A Ideia Messiânica no Judaísmo*. A partir disso, visa analisar o impacto de tal compreensão escatológica no fazer historiográfico, assim como seus entrelaces com o materialismo histórico legado por Karl Marx às leituras de Walter Benjamin. A história é entendida, assim, como uma ferramenta de justiça que visa responder aos apelos dos grupos sociais menos favorecidos no contexto da luta de classes, que clamam por redenção e cuja existência passada jamais se esvai, mas, antes, repercute no presente. Busca-se contrastar o messianismo no conceito de história de Benjamin à atividade do historiador como mero historicista e ao modelo de história como progresso, este entendido como modelo abstrato, que favorece a recusa de um olhar consciente sobre as lutas de classes; não pautado em fatos particulares que merecem exame crítico, mas como tempo homogêneo que relega ao esquecimento os coadjuvantes dos mais diversos grupos humanos ao longo das épocas. Benjamin se distancia assim de um modelo positivista, meramente pautado na verdade descritiva, para se centrar em uma perspectiva crítica do tempo, partindo de uma heterodoxia judaica que dispensa a imagem de uma redenção messiânica antropomórfica, tal como o é tradicionalmente, para se valer de um modelo que repara os danos a partir da construção de um novo olhar por parte do historiador que possibilita a inauguração, então, de um novo tempo, uma redenção genuína e revolucionária.

Palavras-chave: História. Messianismo. Opressão. Materialismo-histórico. Progresso.



A EXPERIÊNCIA HERMENÊUTICA DA EDUCAÇÃO EM GADAMER

Joice Regina Leite Pinto
Universidade Federal do Maranhão UFMA/CAPES
Email: joyceleitte08@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Almir Ferreira da Silva Junior

RESUMO: Objetiva-se apresentar questões centrais no que diz respeito às contribuições da hermenêutica Filosófica de Hans Georg Gadamer (1900-2002) no cenário educacional, visando analisar a educação enquanto experiência formativa e processo de conversação dialógica com o mundo, uma vez que as reflexões gadamerianas podem nos esclarecer questões acerca da pedagogia. Assim, a comunicação tem como proposta analisar como a linguagem e o diálogo podem ser imprescindíveis para a experiência formativa do humano, na medida em que nos educamos em um processo de interação com o outro. A hermenêutica é vinculada à tarefa do compreender e interpretar todo um conjunto de experiências, visto que o homem desde o período mitológico possui a necessidade de decifrar símbolos e apresentar uma explicação acerca da realidade. Nesse sentido, apresentaremos como a educação sob o olhar da hermenêutica nos possibilita pensar em uma relação de produção de sentido, o que também nos faz refletir sobre a interpretação do ser histórico no mundo, pois a hermenêutica filosófica é fundamentada na condição ontológica do homem. Nessa perspectiva, a metodologia utilizada no trabalho é de caráter teórico-bibliográfico, uma vez baseada nas leituras e análises de textos filosóficos do hermeneuta em questão sendo eles: *Verdade e Método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*, *Verdade método II: Complementos e índices*, e o pequeno escrito *La educación es educarse*. Comtempa-se também um diálogo com os comentadores da hermenêutica filosófica Chris Lawn, Jean Grondin e Ernildo Stein com vistas ao fundamento sólido do tema aqui apresentado buscamos também suporte em obras de outros autores.

Palavras Chaves: Hermenêutica; Educação; Experiência; Linguagem; Diálogo.